

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

WELBERT FEITOSA PINHEIRO

**DE TAMBORIL A ISAÍAS COELHO: A EDUCAÇÃO DOS
MESTRES-ESCOLA AO GRUPO ESCOLAR (1935 A 1970)**

TERESINA - PIAUÍ

2007

WELBERT FEITOSA PINHEIRO

**DE TAMBORIL A ISAÍAS COELHO: A EDUCAÇÃO DOS
MESTRES-ESCOLA AO GRUPO ESCOLAR (1935 A 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

TERESINA - PIAUÍ

2007

P654d

PINHEIRO, Welbert Feitosa.

De Tamboril a Isaías coelho: a educação dos mestres-
escola ao grupo escolar (1935 a 1970)/Welbert Feitosa
Pinheiro. Teresina:2007.

167 fls.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Fede-
ral do Piauí.

1. Ensino. 2. Processo Ensino-Aprendizagem. 3. Professor
Leigo. I. Título

C.D.D. 371.1

WELBERT FEITOSA PINHEIRO

**DE TAMBORIL A ISAÍAS COELHO: A EDUCAÇÃO DOS
MESTRES-ESCOLA AO GRUPO ESCOLAR (1935 A 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Teresina (PI), 09 de fevereiro de 2007.

Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes - Orientador
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Prof^o Dr. Francisco Alcides do Nascimento
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Prof^a Dr^a Antônia Edna Brito
Universidade Federal do Piauí - UFPI

AGRADECIMENTOS

Na concretização deste trabalho, sinto-me feliz por realizar algo que pudesse contribuir tanto para o meu enriquecimento cultural como para a História da Educação do Estado do Piauí.

Foram vários dias e alguns meses em que estive a conhecer os fundamentos teóricos de escritores que deram embasamento a minha pesquisa, bem como as lições extraídas das aulas dos professores do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí, a quem agradeço pela contribuição na minha formação acadêmica.

Ao Professor Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes, por ter acreditado na viabilidade do meu objeto de pesquisa e, também, pelas sugestões e disponibilidade em orientar este trabalho.

À ternura da minha irmã, Cristiane Feitosa Pinheiro, por em vários momentos ter-lhe tirado o seu tempo para ler o meu trabalho e pedir as sugestões que tanto auxiliaram no enriquecimento da presente Dissertação, bem como agradecer-lhe pela revisão cuidadosa do texto.

Aos meus pais, Braz Pinheiro (*in memoriam*) e Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro, por estarem sempre juntos a nós, incentivando e orando desde os primeiros anos de contato com o mundo da escrita.

Ao meu irmão, Wellington Feitosa Pinheiro, pelo apoio dado nas horas de correria para a organização do trabalho, bem como pela preocupação que tinha todas as vezes que eu saía de Picos e me dirigia a Teresina.

À minha esposa, Lavinha Nancy Borges de Sousa Pinheiro, pelo incentivo e, principalmente, pela paciência e compreensão durante todo o processo de feitura da Dissertação e, também, ter suportado a minha ausência nos dias em que estive fora do nosso convívio familiar.

Ao meu filho, Tiago de Sousa Pinheiro, um amigo que Deus me deu e, ao mesmo tempo, vontade de lutar mais ainda para obtenção de tão sonhada realização.

À minha tia, Helena Pinheiro, que com seus 80 anos me trouxe as primeiras notícias da sociedade e do primeiro mestre-escola que se estabeleceu na cidade de Isaiás Coelho.

À professora Maria Delzúita de Andrade de Sousa Marques, da cidade de Isaías Coelho, que com a sua ajuda muitas etapas do processo educacional puderam vir à tona.

À professora Neli Carvalho, da cidade de Isaías Coelho, por ter me ajudado a encontrar a documentação necessária ao desenvolvimento da pesquisa.

À professora, Amparo Barbosa, da cidade de Isaías Coelho, que se dispôs a me ajudar a localizar a documentação no arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes.

Aos ex-alunos que gentilmente dedicaram horas do seu dia para comigo conversarem sobre seu passado escolar, a saber, os srs. Messias, Joaquim e Albanízia.

Aos isaiascoelhenses que, gentilmente permitiram o acesso ao álbum de fotografias para ilustração da pesquisa.

Aos colegas da 12ª turma do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí, pela pronta acolhida e amizade.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“Valeu a pena”!!!

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim? No trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

PINHEIRO, Welbert Feitosa. **De Tamboril a Isaías Coelho: mapeando a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935-1970)**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

O presente estudo analisou o processo educacional desenvolvido numa cidade interiorana do Estado do Piauí, Isaías Coelho, entre os anos de 1935 a 1970. Procurou-se compreender a sociedade e o *modus vivendi* de pessoas que se estabeleceram neste município, bem como as marcas deixadas por elas nos espaços. A pesquisa procurou, ainda, mapear os primeiros passos da educação marcados pelos mestres-escola e pelas professoras leigas que estiveram frente à Escola Isolada e Escola Reunida do antigo povoado Tamboril, nos espaços da casa-escola e do salão-escola. Logo em seguida, destacou-se a presença do Grupo Escolar Daniel Gomes, na década de 1970, no cenário urbanístico da cidade de Isaías Coelho. A análise das fontes documentais e das fontes orais permitiu uma melhor compreensão da sociedade e da educação aí efetivada. Com base nos aportes teóricos de Jacques Le Goff, Peter Burke, Agnes Heller, Ecléa Bosi, Jim Sharpe, Paul Thompson e Maurice Halbwachs e da escassa literatura existente sobre a temática, procurou-se ter um olhar mais crítico do objeto de estudo. A pesquisa aprofundou-se em espaços sociais, econômicos, políticos, religiosos, culturais e educacionais, adotando-se, para tanto, a história oral, que viabilizou o resgate tanto da história local quanto da trajetória educacional em Isaías Coelho. Conclui-se, com esta pesquisa, que em meio às várias dificuldades de se ter um lugar para as práticas educativas, a cidade vivenciou diferentes espaços para suas escolas e diferentes tipos de docentes. Além da presença dos mestres-escola, percebeu-se, ainda, outras categorias de docentes que foram as professoras leigas e as professoras normalistas. Com essa última categoria, um novo horizonte marcou o processo educacional local. A demanda de alunos foi crescente, ao longo do período estudado, conforme foi constatado e registrado no corpo da Dissertação. Teve-se, então, a ampliação das oportunidades de acesso à escola, mesmo com as constantes faltas de investimento no tocante aos aspectos estruturais e, também, na falta de incentivo financeiro para que outros professores pudessem ministrar aulas em Isaías Coelho. Com o surgimento do grupo escolar Daniel Gomes em 1970, pôde-se constatar uma maior aproximação entre escola e sociedade, uma vez que houve maior demanda de alunos e a própria consolidação da rede escolar pública na cidade. Percebeu-se isto devido esta instituição de ensino trazer consigo todo um aparato de instituição pública, com os símbolos nacionais, prédio próprio e amplo para as atividades escolares, quadro de professores efetivos e um corpo técnico administrativo. Assim, passou-se a ter uma escola primária pública apta a funcionar de acordo com os padrões de uma escola moderna. Com as novas instalações do grupo escolar, fugiu-se do modelo da Escola Isolada e da Escola Reunida. Marcou-se, com isso, uma nova fase na escolaridade isaiascoelhense.

Palavras-chave: Sociedade piauiense. Processo educacional. Isaías Coelho. Mestres-escola. Casa-escola. Salão-escola. Grupo escolar.

RÉSUMÉ

PINHEIRO, Welbert Feitosa. **De Tamboril à Isaías Coelho**: En planifiant l'éducation des maîtres-école au groupe scolaire (1935-1970). 167 f. Dissertation (Diplôme d'études approfondies dans Éducation) – Université Fédérale du Piauí, de Teresina, de 2007.

Le Présente étude a analysé le processus scolaire développé dans une ville provinciale de l'État du Piauí, Isaías Coelho, entre les années 1935 à 1970. Il s'est cherché à comprendre la société et *modus vivendi* de personnes qui se sont établies dans cette ville, ainsi que les marques laissées par elles dans les espaces. La recherche a cherché, encore, planifier les premières étapes de l'éducation marquées par les maîtres-école et par les enseignantes laïques qui ont été devant à l'École Isolée et à l'École Réunie de l'ancienne ville Tamboril, dans l'espaces de la « Casa Escola » et du « Salão-Escola ». Tout de suite, s'est détachée la présence de Grupo Escolar Daniel Gomes, dans la décennie de 1970, dans le scénario urbaniste de la ville d'Isaías Coelho. L'analyse des sources documentaires et des sources verbales a permis une meilleure compréhension de la société et de l'éducation là accomplie. Avec le soutien théoriques de Jacques Le Goff, de Peter Burke, d'Agnes Heller, d'Ecléa Bosi, de Jim Sharpe, de Paul Thompson et Maurice Halbwachs et de l'insuffisante littérature existante sur la thématique, s'est cherché à avoir un regard plus critique de l'objet d'étude. La recherche s'est approfondie dans des espaces sociaux, économiques, politiques, religieux, culturels et scolaires, en s'adoptant, pour de telle façon, l'histoire verbale, qui a viabilisé le sauvetage de telle façon de l'histoire locale combien de la trajectoire scolaire dans Isaías Coelho. Il se conclut, avec cette recherche, qui dans moyen aux plusieurs difficultés d'avoir un lieu pour les pratiques éducatives, la ville a vécu intensément de différents espaces pour leurs écoles et différents types de professeurs. Outre la présence de les maîtres-écoles, il s'est perçu, encore, autres catégories de professeurs qui ont été les enseignantes laïques et les enseignantes normalistas. Avec cette dernière catégorie, un nouvel horizon a marqué le processus scolaire local. L'exigence d'élèves a été croissante, au long de la période étudiée, comme il a été constaté et enregistré dans le corps de la Dissertation. Il a eu, alors, l'élargissement des occasions d'accès à l'école, même avec les constants manques d'investissement relatif à aux aspects structurels et, aussi, au défaut d'incitation financière pour laquelle autres enseignants puissent donner des leçons en Isaías Coelho. Avec le bourgeonnement du groupe scolaire Daniel Gomes en 1970, s'est pu constater une plus grande approche entre école et société, vu qu'il a y eu plus grande exigence d'élèves et la consolidation elle-même du filet scolaire public dans la ville. S'est perçue ceci dû cette institution d'enseignement apporter il tout un appareil d'institution publique, avec les symboles nationaux, immeuble propre et suffisant pour les activités scolaires, tableau d'enseignants efficaces et un corps technique administratif. Ainsi, il s'est été à remplacer par une école primaire publique apte à fonctionner conformément aux normes d'une école moderne. Avec les nouvelles installations du groupe scolaire, il s'est fui du modèle de l'École Isolée et de l'École Réunie. Il s'est marqué, avec cela, une nouvelle phase dans la scolarité isaiascoelhense.

Mots-Clés : Société Piauiense. Processus scolaire. Isaías Coelho. Maîtres-Écoles. Maison-École. Salon-École. Groupe- scolaire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01. Procissão de Senhora Santana	37
Ilustração 02. Habitantes de Tamboril em dia de festa da padroeira	38
Ilustração 03. Mapa da localização geográfica da cidade de Isaías Coelho	39
Ilustração 04. Mapa da localização geográfica da cidade de Isaías Coelho	40
Ilustração 05. Festa de vaqueiros	43
Ilustração 06. Acelino Pinheiro	47
Ilustração 07. Dr. Isaías Rodrigues Coelho	60
Ilustração 08. Rua Daniel Gomes	61
Ilustração 09. Vicente Carlos	73
Ilustração 10. Helena Pinheiro	77
Ilustração 11. Braz Pinheiro	84
Ilustração 12. Lusia Reis Santos	94
Ilustração 13. Lista de alunos matriculados na Escola Isolada de Tamboril	97
Ilustração 14. Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro	101
Ilustração 15. Joaquim Pereira da Rocha	102
Ilustração 16. Elisa Coelho Mauriz	105
Ilustração 17. Registro de frequência diária da turma de 1953	107
Ilustração 18. Maria Delzuita Andrade de Sousa Marques	108
Ilustração 19. Portaria nomeando Maria Delzuita Andrade de Sousa Marques	109
Ilustração 20. Boletim Mensal da Escola Isolada Tamboril de março de 1956	120
Ilustração 21. Maria do Carmo Fialho	130
Ilustração 22. Maria Vilani Pinheiro	130
Ilustração 23. Folha do Livro de Registro de Ponto do Pessoal do Grupo Escolar Daniel Gomes	131
Ilustração 24. Grupo Escolar Daniel Gomes (fachada geral)	132
Ilustração 25. Grupo Escolar Daniel Gomes (fachada da frente)	133
Ilustração 26. Albanízia Santana Portela	134
Ilustração 27. Alunos do Grupo Escolar Daniel Gomes	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Quadro de matrículas da Escola Isolada de Tamboril de 1947 a 1970	117
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DO POVOADO À CIDADE: ANTECEDENTES HISTÓRICOS (1887-1970)	34
1.1 A gênese do povoado Tamboril	34
1.2 A vida entre a lavoura e a pecuária.....	40
1.3 O surgimento das feiras e do comércio.....	44
1.4 Tecendo a vida privada.....	47
1.5 Surgimento político de Isaías Coelho.....	56
1.6 Primeiras marcas escolares	62
2. RAÍZES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO EM ISAÍAS COELHO-PI: OS PRIMEIROS EDUCADORES (1935-1947)	65
2.1 Trajetória do modelo de ensino mestre-escola: de Portugal ao Brasil.....	65
2.2 A chegada dos mestres-escola a Isaías Coelho (1935-1966).....	72
2.3 A ética do mestre-escola.....	75
2.4 O mestre-escola: entre práticas e saberes.....	77
2.5 Em terra de mestres homens, a presença de mulheres.....	84
2.6 A cultura escolar no tempo do mestre-escola.....	86

3. DA ESCOLA ISOLADA À ESCOLA REUNIDA DE TAMBORIL (1947-1970)	91
3.1 E a escola era na casa da professora...: a casa-escola	91
3.2 Da casa-escola ao salão-escola: onde estava a diferença?	103
3.3 Escola rural: espaço das professoras leigas.....	114
3.4 Vasculhando livros: a inspeção escolar	116
3.5 Escola Reunida de Tamboril: um trampolim para o grupo escolar	121
4. O GRUPO ESCOLAR DANIEL GOMES: DA MODERNIZAÇÃO URBANA À MODERNIZAÇÃO ESCOLAR (1970)	124
4.1 O grupo escolar no Piauí: dos interesses sociais aos interesses políticos.	124
4.2 O Grupo Escolar Daniel Gomes: suas origens	129
4.3 A cultura escolar no Grupo Escolar Daniel Gomes: novo espaço, novas regras.....	138
4.4 A atuação do Grupo escolar Daniel Gomes na sociedade isaiascoelhense	143
CONCLUSÃO	146
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	157

INTRODUÇÃO

[...] A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata... (CALVINO,1990,p.14).

O mergulho nas narrativas feitas por Marco Polo, quando descreve as várias cidades visitadas em suas missões diplomáticas a serviço do imperador Kublai Khan, no livro **As cidades invisíveis**, de Calvino (1990), suscita no leitor a lembrança das dificuldades e semelhanças existentes nas cidades interioranas das mais longínquas paragens do Brasil.

Numa das passagens do livro, o narrador coloca a sua percepção das similitudes entre as cidades descritas pelo veneziano Marco Polo ao imperador dos Tártaros.

Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem, mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco lhe descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria, e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os (CALVINO,1990, p.43).

Assim como as cidades descritas por Marco Polo eram desconhecidas pelo imperador e precisaram, para se materializar, serem apresentadas pelo narrador para saírem de sua condição de invisibilidade e terem existência, a presente pesquisa objetiva a **reconstrução histórica da sociedade e da educação** em uma cidade do interior do Estado do Piauí, Isaías Coelho, remontando ao tempo da chegada dos primeiros habitantes, ainda no povoado **Tamboril**, em 1935, até o ano de 1970. Esta é uma cidade também longínqua, inexplorada e invisível.

Com este quadro de **submersão na invisibilidade**, a cidade de Isaías Coelho possui as suas grandezas, as suas peculiaridades, os seus enredos, enfim, a sua História. Afinal, segundo Calvino (1990,p.14-15):

a cidade não conta o seu passado, ela contém como as linhas da mão, escrita nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Assim como aludiu Calvino (1990), acerca dos segmentos riscados por intermédio de arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras, **o tempo não conseguiu apagar da memória** do cidadão de Tamboril períodos que foram tão importantes para cada um dos que tiveram a oportunidade de vivenciá-los. Construiu-se, agora, um novo texto.

Intertextualizando **os traços deixados pelo tempo no grupo**, nas lições de Halbwachs (1990), com os traços deixados pelo tempo nos ângulos dos espaços de **As cidades invisíveis** de Calvino (1990), percebeu-se que cada segmento da cidade ficou registrado pelas marcas do homem. A cada momento que se quisesse encontrar essas marcas, bastaria olhar os vestígios presentes nos espaços da cidade.

Assim como as cidades invisíveis precisaram ser montadas como um quebra-cabeças, para assumir nova formas, o povoado foi aos poucos tomando novos contornos através da reescrita efetuada pela memória dos velhos habitantes dessa comunidade. Para Rolnik (2004,p.16-17), na cidade-escrita,

o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto.

A leitura que este trabalho pode fazer dos espaços e da própria cotidianidade de Tamboril nos coloca frente **a um texto que procura elucidar muitos fatos vividos** que ficaram perdidos no tempo e que, agora, busca-se decifrar.

“A cidade é antes de mais nada um ímã”, como diz Rolnik (2004,p.13), os cidadãos são diariamente atraídos pelos encantos que ela possui. E como “um campo magnético”, ela tem a capacidade de tatuar na memória coletiva não só os espaços rurais ou urbanos, mas, também, todo o tecido social, com suas tramas, suas ideologias, seus símbolos, enfim, todo aparato que cerca o homem em sociedade.

Ter recuperado o processo histórico deste povoado, a partir das **questões triviais do dia-a-dia** do homem como o trabalho, o pensamento, a cultura, a religiosidade, a política, a educação e outros tornou-se importante para a interpretação que se fez nesse trabalho. Embora reconheça-se, no dizer de Domingues (1996,p.12/13):

raras são as pessoas que, caminhando pelas ruas antigas de sua cidade, serão capazes de reconstruir sua história através da observação dos velhos edifícios que permanecem em pé. Poucos são aqueles que conhecem a história de sua família, de seus sofrimentos e lutas, de suas derrotas e vitórias. Mas é esse conhecimento de nosso próprio passado que suscita o desejo de um conhecimento mais amplo, que nos leve à consciência de nosso papel dentro da sociedade em que vivemos.

Como se vê, **a tipologia arquitetônica** nos espaços da cidade “denota o mundo” dos sujeitos que se encontram inseridos na sociedade. Cada rua, beco, pedras que compõem o caminho para os roçados e açudes, praças, igreja, escola e demais espaços assumem um valor singular. Na localidade Tamboril, os espaços rurais ficaram presentes na memória desde os encontros na capela, no juazeiro que servia de ponto para os feirantes se estabelecerem e venderem os seus produtos, nos alpendres e salas onde os mestres-escola exerciam o seu ofício, enfim, em cada espaço rural/urbano ficaram as marcas desse grupo. A cada discurso coletado nas entrevistas a referência feita a um tempo onde houve a presença de um **documento/monumento**. Discorrendo sobre isto, assim se manifestou Nascimento (2002, p.172):

as pessoas têm as suas lembranças narradas. Não podemos revivê-las porque não compartilhamos da cidade por elas descritas; partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre a memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como detonadores das lembranças e também como documento/monumento.

Os espaços de sociabilidade, os mestres-escola, as professoras leigas e as normalistas serviram como ingredientes para a construção do documento histórico e, conseqüentemente, a sua transformação em monumentos. Visto assim, a memória coletiva

ajudou a trazer elementos que se encontravam no esquecimento e colocou-os sobre uma nova reescrita do passado.

Ao conceituar o termo monumento como sendo “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, Le Goff (2003,p.526) coloca em pauta uma importante questão acerca de valores presentes numa cidade que além de ter uma representatividade para o lugar tiveram, também, valores imensuráveis. Ao referir aos monumentos desta região, onde se localizou o município, observou-se que eles serviram, ainda, como pontos de referência para uma ligação com outras tantas lembranças do social e, com isso, ajudou a nortear a reconstrução da trajetória deste povo.

Como “um legado à memória coletiva”, para Le Goff (2003,p.526), tais monumentos, que passaram para o **plano documental**, estão intimamente relacionados com cada indivíduo, que comungou dos mesmos acontecimentos e souberam compartilhar com as gerações vindouras épocas distintas na história social da cidade de Isaías Coelho.

Ancorando as lembranças na cidade, onde se permitiu o seu registro histórico, buscou-se **o significado de cada passagem do ensino**, de uma etapa para outra do seu processo, fazendo com que as evidências se tornassem mais nítidas. Um pouco de tudo que foi extraído das lembranças passou a ter um sentido próprio. Aludindo a Calvino (1990,p.79) em um dos diálogos do livro **As cidades invisíveis**, o narrador enfoca que:

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra. – Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan. – A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco --, mas pela curva do arco que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: - Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde: - Sem pedras o arco não existe.

A metáfora presente nas “pedras da ponte” e no “arco que sustentava a ponte” de Calvino (1990) foram elucidativos para a compreensão do sentido que cada fonte teve para a construção da **Dissertação**. Ao atravessar a cidade, pela condução dos testemunhos vivos da história de Isaías Coelho, percebeu-se que **as pequenas coisas tinham um sentido** muito grande para os seus habitantes. Acredita-se que muitos fatos tenham sido esquecidos pelos entrevistados, pois a memória é feita de lembranças e esquecimentos.

“Lançar uma ponte entre o passado e o presente e restabelecer essa continuidade interrompida”, conforme assinala Halbwachs (1990,p.81), foi o feito com todas as imagens da

memória de ex-alunos, ex-professores e demais pessoas da comunidade que sabem da importância dos acontecimentos vividos. Ao ter restabelecido o passado, percebeu-se que a “ponte construída”, agora, tem **uma representação simbólica** muito grande de marcas, dificuldades, segredos, tempo educacional próprio e que “as pedras” que deram sustentação à cidade ainda permanecem nos espaços públicos e comungam com o cenário urbano. No tocante a simbologia do “arco que sustenta a ponte”, em Calvino (1990), entende-se como o **toque do homem em moldar o meio em que vive**. O sustentáculo para que uma cidade se transforme, ganhe novas formas, novos contornos, novos rumos, enfim, isto foi possível ser feito, com apoio nas reminiscências do homem que se estabeleceu nesta região.

É em torno do estudo de Heller (1984,p.20), sobre o **cotidiano**, para quem “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência da substância social’” que foi possível trazer a cotidianidade de pessoas comuns para o texto.

Entendendo o cotidiano sobre este enfoque tornou-se possível o **delineamento do perfil histórico-educacional** de Tamboril. E foi com a recuperação de episódios heterogêneos em épocas diferentes que foi possível trazer as práticas sociais, dentre elas, a educação para o centro do “acontecer histórico”.

Com suporte nos estudos de Heller (1984) o cotidiano de pessoas simples de Tamboril passou a estar **no centro dos grandes acontecimentos históricos**. Para Heller (1984,p.17),

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem particular na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Nota-se que **ninguém escapa ao cotidiano**. O homem na cotidianidade assume múltiplos papéis na sociedade. Buscou-se, no homem de Tamboril, suas lembranças do cotidiano, de suas origens, da vida privada, dos locais das práticas educativas, subsídios para que se pudesse compreender o seu tardio encontro com a educação escolar e, bem como, mostrar elementos que fizeram parte do cenário rural, lembrando que, para Burke (1992, p.11): “toda a atividade humana interessa à História”, ou seja, “tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado”.

A “**história da vida cotidiana**”, também assume importância nos estudos de Burke (1992,p.23), para quem, “outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado”.

As raízes educacionais de Isaías Coelho ficaram nas mãos de **mestres-escola** oriundos de cidades próximas como Simplício Mendes, Conceição do Canindé dentre outras e, também, da própria comunidade e da localidade Mocambo pertencente ao povoado, contratados pelos fazendeiros e comerciantes locais para a educação de seus filhos, em suas próprias residências, sem a ingerência do poder público. Posteriormente, com a implantação da **Escola Isolada de Tamboril**, a educação escolar passou às mãos de **professoras leigas**, contratadas pela prefeitura de Simplício Mendes-Pi, uma vez que o povoado pertencia a este município.

Os **espaços** onde foram desenvolvidas as práticas educativas, tanto nas casas familiares improvisadas para tais atividades quanto no salão-escola de propriedade privada do comerciante Acelino Pinheiro, receberam as marcas e influência da sociedade local e a influenciou.

Evidenciou-se que a educação desenvolvida no povoado Tamboril, desde a sua gênese, não foi algo fácil dentro da **conjuntura em que ocorreu**, haja vista as precárias condições em que foram efetuadas as aulas, bem como à estrutura rural do meio onde a educação encontrou guarida. Buscou-se, assim, o entendimento do processo educativo e procurou-se encontrar o que contribuiu para o lento e tardio encontro da população de Tamboril com o ensino primário público.

O **recorte cronológico** que pontuou a pesquisa, para efeito da análise, estende-se de 1935 a 1970. No ano de 1935, segundo fontes orais, chegou a Tamboril o primeiro mestre-escola, posteriormente, outros mestres-escola foram sendo contratados, expandindo, assim, o ensino. O recorte final refere-se ao ano de 1970, início das atividades escolares do **Grupo Escolar Daniel Gomes**, por simbolizar para o município o seu processo de consolidação escolar, com prédio próprio e moderno para os padrões do período, com um quadro de professores fixos e distribuídos por série, além de com ele, dar-se início ao processo de estruturação de uma rede escolar.

Há de se destacar que, embora este **recorte temporal** seja evidenciado como eixo central da pesquisa, alguns recuos foram feitos, durante a pesquisa, nos aspectos sociais, uma vez que para explicar as origens educacionais, teve-se que remeter o olhar ao ano de 1877,

data das primeiras notícias que se teve do povoamento de Tamboril, empreendido pelo Sr. Daniel Gomes Pinheiro e a sua família, oriundos de Brejo Seco-Ce.

No que tange ao **recorte espacial**, centrou-se o objeto de estudo na cidade de Isaías Coelho-Pi, espaço social marcado pela presença dos **mestres-escola** a partir de 1935. Posteriormente, em 1947, no âmbito do seu processo educacional, estabeleceu-se a **Escola Isolada de Tamboril**, conduzida por uma professora no espaço da sua **casa-escola**. Em 1963, surgiu a **Escola Reunida de Tamboril** e, com a consolidação do ensino primário, foi implantado o **Grupo Escolar Daniel Gomes** em 1970.

A escolha da **temática da pesquisa** justifica-se pela necessidade de se conhecer e registrar o processo histórico da cidade de Isaías Coelho e, conseqüentemente, conhecer as etapas de formação educacional de um grupo populacional piauiense. Nessa perspectiva, a pesquisa irá dar suportes para a História da Educação do Estado do Piauí e, em virtude disso, ajudá-la a montar um mapa de sua educação.

Procurou-se direcionar a análise do objeto pelo viés da **História Nova** que contribuiu, com suas propostas, no alargamento das fontes no campo do documento histórico, marcando uma oposição à história positivista do século XIX. Com a História Nova, abriu-se um leque de opção de documentos de todas as variedades possíveis. Isto torna possível reconstruir determinado tempo e espaço através da **memória individual e coletiva** e encontrar a respeito do tempo e espaço estudados, vestígios diversos de uma determinada sociedade. Para Le Goff (1998,p.28):

a história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem.

Muitas foram às dificuldades para se encontrar as fontes documentais primárias, pois as condições em que essas instituições de ensino funcionaram eram precárias e não houve, na localidade, preocupação com a conservação de documentos escritos. A par dessa problemática, recorreu-se às **fontes orais** que deram embasamento para a construção da Dissertação.

O método da história oral viabilizou o registro dos relatos desse povo, uma vez que essa favoreceu a entrada em cena do discurso dos oprimidos, dos excluídos, de indivíduos que ficaram à margem da sociedade. Este método foi bastante eficaz na construção da história de Tamboril, pois possibilitou **recuperar as reminiscências** guardadas na memória individual. Possibilitou, ainda, **dar voz àqueles que silenciosamente ficaram esquecidos** e que, agora, puderam participar da história através de relatos triviais do cotidiano e de imagens sociais que impregnaram a memória do homem deste povoado.

Foi extraíndo, principalmente, das fontes orais, a matéria-prima para se construir a história, que se processou o alargamento das fontes neste estudo. Isso trouxe, também, **a história para dentro da comunidade** propiciando o encontro entre gerações diferentes, fazendo ainda com que não se canonizasse os “líderes” do grupo e passasse a incluir, no processo de reconstrução histórica, gente simples que esteve à margem da história, mas que de forma alguma deveria ficar fora dela.

Thompson (1992,p.09) define o **método da história oral** como sendo “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” Foi com a escuta de testemunhas da história de Tamboril que se pôde ter acesso a dados de diferentes épocas. A par dos depoimentos coletados, as vozes do passado, que se encontravam no anonimato puderam ser transformadas em documentos escritos.

Eis a grande contribuição da **história oral** em ouvir a população menos favorecida, despertando nelas o reconhecimento de seu lugar e de sua importância na comunidade. Segundo Thompson (1992, p.44):

a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.

Com base no entendimento de Thompson (1992), percebeu-se que **as narrativas orais dos atores sociais deste município** tiveram importância no registro do passado. Algumas testemunhas do período em foco trouxeram acontecimentos passados como se, naquele instante, tivessem assistindo etapa por etapa de sua vida. Alguns até embargaram a voz, noutros, lembranças pontuadas de saudosismos, risos, olhos lacrimejando, reticências, medo, inquietações, enfim, sentimentos os mais variados possíveis.

Foi através das narrativas orais deste povo, que se conseguiu fazer a sua História. **Aspectos corriqueiros da cotidianidade**, presentes no dia-a-dia do grupo passaram a ter valor. Contudo, uma das grandes vantagens de ter trabalhado com o método da história oral é que as pessoas idosas foram personagens que contribuíram com informações tão valiosas que sem elas não se teria chegado até a concretização da pesquisa.

Foram em boa parte os idosos desta comunidade que trouxeram **as suas vidas para o centro dos acontecimentos** e, com isso, contribuíram para que houvesse uma ligação entre o velho e o novo. Nesta conexão entre passado e presente teve-se a devida cautela para que não se invadissem abruptamente os tempos particulares. Pois, sabia-se que estavam em jogo os valores, os princípios, os sentimentos, as angústias, as dores, as tristezas, os costumes das vidas que surgiam aos poucos e, ao mesmo tempo, desapareciam durante os inúmeros depoimentos coletados, tanto os informais quanto os formais.

Observou-se que a cidade se encontra impregnada de marcas deixadas pelo homem em cada contorno. Vista desta forma, **a cidade-escrita é um documento vivo** que se transforma, se movimenta, se oculta, que tem os seus mistérios guardados consigo, que conta o seu passado e tem a capacidade de atrair as pessoas para junto dela. Pois a cidade, assim como deixa em seus ângulos os “arranhões”, “serradelas”, “entalhes”, “esfoladuras”, no homem da localidade Tamboril e depois Isaiás Coelho não foi diferente.

Este homem foi capaz de **modificar o meio** e, ao mesmo tempo, **sofrer as suas influências**. Em meio às entrevistas, percebeu-se que, com as reminiscências que emergiam a cada resposta dada, foi como se abrisse uma fissura e, mostrasse, em alguns momentos o homem/cidade.

Thompson (1992,p.337), dissertando, ainda, sobre o método da história oral colocou **as testemunhas da história** não mais como sujeitos passivos perante os acontecimentos, mas agentes históricos participativos do seu próprio processo. Assim, para ele, “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.”

Utilizou-se, também, como suporte teórico as lições de Sharpe (1992), em torno da “**história vista de baixo**”. Vê de baixo já possibilita uma leitura comparativa com algo que se encontra num ponto superior e, neste caso, o que foi posto em evidência e acatado como instrumento para nortear a pesquisa se concentra na história de pessoas comuns. Estas sim, esclareceram ao modo delas as lacunas e os silêncios que o discurso oficial, centrado na vida pública, oriundo dos gabinetes não conseguiu elucidar. Ter tido uma compreensão mais aguçada através da história deste povo foi uma conquista bastante significativa. Conforme Sharpe (1992,p.53-54), “a história vista de baixo abre uma possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da história”.

A história vista de baixo é **uma subversão à ordem do discurso dominante**. Rompe-se a ordem estabelecida pela tradição histórica, centrada na visão “de cima”. Com a visão “de baixo”, chamada também de “porão-sótão” da sociedade, viabiliza a possibilidade de esclarecer, como diz Sharpe (1992,p.59), “histórias mortas e condenadas a permanecer na escuridão”. Ao discorrer sobre a história vista de baixo, em que a mesma permite, ainda, que um grupo se reconheça como atores principais da sua história, Sharpe (1992,p.59) assim se manifesta:

aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. Desse modo, a história vista de baixo mantém sua aura subversiva.

Buscar as “evidências inexploradas” foi o feito durante as pesquisas realizadas. Procurou, assim, todas as evidências históricas presentes no cotidiano e nos espaços públicos isaiascoelhenses. E, com isto, permitiu-se que se **lançassem para dentro da história** acontecimentos que o discurso oficial jamais iria acatar. Os suportes da “história vista de baixo” deu para aqueles que viveram nas sombras da história e que “sofreram privações” sociais, econômicas e educacionais, o direito de poder sair do anonimato e ocuparem o seu lugar na história.

Com base na leitura de Sharpe (1992), foi possível conhecer **a sociedade** e o processo pelo qual passou o homem de Tamboril e, também, traçar **a história da educação** local de

1935 a 1970. Foram ex-professores e ex-alunos que possibilitaram, com seus depoimentos, a reconstrução desta história. Conforme Sharpe (1992,p.59):

a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.

Assim, foi possível perceber que o homem desse povoado desempenhou um importante papel na sociedade e na história da educação da cidade, pois conforme Sharpe (1992,p.60), “[...] os membros das classes inferiores foram agentes, cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitados) em que eles viviam”.

“Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em uma história”, como afirma Bosi (1994,p.418), assim, buscou-se nas etapas da construção histórica do povoado Tamboril **o conhecimento e a compreensão dos aspectos sociais, políticos, econômicos e educacionais** vividos desde as primeiras décadas do século XX até meados de 1970.

O estudo da memória ajudou a “[...] registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós”, conforme Bosi (1994,p.37). É com esta afirmativa que se pôde perceber que **as vozes esquecidas** do povoado e da cidade não ficaram soterradas pelo tempo, as lembranças registradas na memória dos mais velhos deste grupo adquiriram a sua alforria e entraram para um destaque na história.

Oportunizou-se, com isso, **visualizar como se formou e se estruturou** cada período do processo histórico e educacional. Assim, foi possível captar, de cada geração, além do *modus vivendi* os lentos passos pelo qual passou a educação local até a consolidação do ensino primário público.

Para que a sociedade de Tamboril pudesse ser mais bem explicada, usou-se da memória coletiva desse grupo, para com isso, **salvaguardar o seu passado** e, sobretudo, revelá-lo às gerações presentes e futuras. Para Le Goff (2003,p.469):

a memória coletiva é não somente uma conquista; é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é,

sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir numa memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória coletiva faz parte de todos os grupos sociais, sejam eles desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento e, como objeto de poder, foi capaz de esclarecer pontos obscuros, os vazios históricos, no tocante às suas origens e todo o esclarecimento sobre a maneira como se deu a educação, que o discurso oficial não conseguiu esclarecer com tamanha precisão.

Como se percebe, através da memória de um povo, o passado pode ser recriado. À luz disto, Bosi (1994,p.90) assim se posiciona:

a memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra. A história deve reproduzir-se de geração para geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzam, prolongando o original, puxados por outros dedos.

O estudo da memória revelou-nos a importância dos **fatos passados** que uma geração vivenciou. Tais fatos trouxeram em si narrativas orais que foram tecidas tal qual uma teia. E foi este tecido social que se compactou em meio às dificuldades, aos conflitos sociais, à própria situação em que se encontrava o meio onde se situou o homem desta comunidade, na microrregião do Alto Médio Canindé; e que conseguiu trazer com o apoio na memória a matéria-prima para a montagem da sua História.

Resistir às mudanças temporais e, assim, transmitir o enredo histórico a uma nova geração talvez possa ser a grande preocupação em torno da memória. Entretanto, não há como se negar que mesmo por ser “mutável e sofrer variações que vão da ênfase e da entonação a silêncios e disfarces”, conforme assinala Meihy (2002,p.52), os atores sociais de Isaías Coelho possibilitaram, com as entrevistas dadas, a consubstanciação dos relatos em documento.

“Dar sentido a ordem social vigente”, no período em estudo, conforme Cruikshank (2001,p.153), foi a preocupação que permeou a pesquisa. Buscou-se restaurar o passado de uma cidade. Não o passado individual de um integrante deste grupo, mas, sobretudo, desta **individualidade em relação aos outros** e a própria cidade como um todo. Foi com este

conjunto que a Dissertação ganhou corpo. Vale destacar que não se privilegiou nenhum membro deste grupo para se encontrarem presentes ao texto, por questões político-partidárias, ideológicas ou por afinidades.

Com base nesta busca de fatos passados conseguiu-se **dar sentido a muitas questões do dia-a-dia** que o homem desta comunidade não tinha como desvendar, mas que, agora, munido de todos os levantamentos feitos com a pesquisa, terá um material que o ajudará a explicar o motivo de se encontrar, ainda, em meio às muitas dificuldades no que diz respeito ao social, ao político, ao econômico e ao educacional.

Durante o período delimitado para a pesquisa, 1935 a 1970, as pessoas da comunidade foram capazes de revelar, através da memória, **os processos de transformação que a sociedade passou** e, também, trouxeram vestígios de um tempo longínquo. Esses traços, ora relatados pelos entrevistados, ainda estão presentes na localidade, desde os aspectos arquitetônicos, que ainda convivem no presente, até à sua cotidianidade. Conforme afirma Halbwachs (1990,p.127):

assim quando numa sociedade que se transformou subsistem vestígios de que existia antes, aqueles que a conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhes dão acesso a um outro tempo e a um outro passado. Poucas são as sociedades nas quais tenhamos vivido, seja em que tempo for que não subsistam, ou que pelo menos não tenham deixado algum traço de si mesmas nos grupos mais recentes onde estamos mergulhados: a subsistência desses traços basta para explicar a permanência e a continuidade do próprio tempo nesta sociedade antiga, e que nos seja possível, a qualquer momento, nela penetrar através do pensamento.

“Conservar o passado dentro do presente ou introduzir o presente no passado”, como diz Halbwachs (1990,p.88), foi o feito nas entrevistas que envolveram os participantes da história da educação isaiascoelhense, do período em foco. Para isso, somente a memória marcada pelo tempo vivido conseguiu estabelecer um quadro de analogias, pois a **memória coletiva** de pessoas da comunidade isaiascoelhense resgatou do interior do grupo e explicitou os fatos passados e, às vezes, a mesma memória foi capaz de ocultar as coisas que deveriam ter sido reveladas, no entanto, ficaram por ser ditas. Para Halbwachs (1990, p.88):

a memória coletiva [...] é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros.

“Vê o grupo de dentro”. Isto só foi possível devido aos registros que a memória se encarregou de fazer. **As imagens da sociedade** que se desenharam nos espaços públicos durante épocas diferentes atravessaram a cidade e, assim, pôde ser montado um quadro de particularidades, com características próprias, do meio em que se encontra localizada. Somente o indivíduo que percorreu estes espaços, tanto públicos quanto privados, foi capaz de se reconhecer enquanto integrante daquela estrutura social.

Afora o conhecimento da sociedade como um todo, a pesquisa centra seu olhar na educação empreendida em Tamboril, seus espaços e seus agentes. E é nesse lócus onde a memória coletiva guarda as cenas do cotidiano vivido no interior da escola, bem como os aspectos evidenciados pela cultura escolar.

A presença de **uma escola em qualquer comunidade por si só já representa um documento**. Mesmo que todos os registros documentados e todos os móveis pertencentes a ela fossem destruídos, ter-se-ia como efetuar o registro através da memória coletiva de ex-alunos e ex-professores. É o que se efetiva na presente pesquisa. Como não havia mais os espaços escolares, onde foram realizadas as aulas, no antigo povoado, recorreu-se aos indivíduos deste grupo para que fosse feito a montagem de todo o aparato histórico e educacional.

Muitos fatos transcorridos no espaço da **casa-escola**, do **salão-escola** e do **Grupo Escolar Daniel Gomes** ficaram esquecidos no tempo. Alguns deles foram destruídos e, com isso, as **fontes documentais** do período em estudo foram tornadas letras mortas. Felizmente, pôde-se recorrer às pessoas que vivenciaram esses espaços/tempo escolares para reconstruir, através da memória coletiva, o registro de fatos passados.

Sabe-se que **a memória coletiva** dessa comunidade se desenvolveu em um espaço e que a mente humana foi capaz de guardar, às vezes, nos mínimos detalhes, as tão ricas memórias. Segundo Halbwachs (1990, p.143):

assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.

Percebe-se em Halbwachs (1990) a necessidade de preservação dos espaços, pois eles são **os detonadores das lembranças**. O tempo faz com que as lembranças registradas pela memória individual, em alguns momentos se apaguem. Em vários momentos, os entrevistados de Isaías Coelho fizeram alusão a um fato marcante e aos espaços públicos para extraírem as reminiscências que estavam sendo esquecidas pela memória.

Para Halbwachs (1990), a memória é, por excelência, **coletiva** e tem por base **resguardar a continuidade histórica** presente em cada tempo. Assim, como um fio condutor de lembranças, ela permitiu a resistência de elementos que se formaram no bojo dessa estrutura acentuada por aspectos tipicamente rurais. Tais elementos como a tradição, os costumes locais e todos os arranjos materiais que deram corpo ao povoado e à cidade serviram como bússola através dos quais foi possível o encontro com a matriz, onde tudo começou. Com base nisso, Halbwachs (1990,p.137), assim se posicionou:

as pedras e os materiais não vos resistiram. Mas os grupos resistirão, e, deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis. [...] O que um grupo fez, um outro pode desfazê-lo. Mas o desígnio dos antigos homens tomou corpo dentro de um arranjo material, quer dizer de uma coisa, e a força da tradição local veio da coisa, da qual era a imagem.

Nota-se, através do fragmento, que mesmo sendo banidos do cenário de uma cidade todas “as pedras e os materiais” simbolicamente aludidos por Halbwachs (1990), ter-se-ia como dar prolongamento à sua história, **devido a coisas que se formaram através da ação do grupo**, que moldaram ao seu estilo, todos os elementos que lhes serviram como base para a sua formação humana e cultural.

Muitas lembranças dos tempos vividos vieram com rapidez, outras tantas, não foram possíveis conservar, talvez o tempo tenha ajudado a apagar ou, quem sabe, como bem ilustra Pollak (1989, p.6), ao relatar sobre a existência, na memória de “zonas de sombra, silêncios, não-ditos” a “[...] angústia de não encontrar uma escrita, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.” E é, por isso, que no transcorrer da pesquisa puderam ser usadas **todas as fontes, orais e escritas, métodos e teorias** para se aproximar das verdades históricas. Verdades essas indispensáveis para que rompesse com os obstáculos dos não-ditos, dos silêncios, das dúvidas e das lacunas.

Para Félix (1998,p.45), intertextualizando as lições de Pollak (1989) e acalourando a discussão, assim se manifesta:

estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. E, no campo das memórias subterrâneas, é falar também nas memórias dos excluídos, daqueles que a fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a um outro tipo de esquecimento ao retirar-lhes o espaço oficial ou regular da manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social.

Em alusão aos indivíduos que fizeram parte da sociedade de Tamboril, observou-se, contudo, que **o seu discurso tido anteriormente como sendo marginalizado** ocupa, agora, um lugar privilegiado na História, haja vista que a eles foi negado pela ordem do discurso oficial o direito à voz. Percebe-se, agora, com a construção histórica que este indivíduo saiu da condição de porção social da marginalidade e foi dado a eles o direito de contar a sua própria História.

Uma das propostas que foi absorvida de Calvino (1990,p.107-108) foi a **visibilidade** que traz em si “a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens.”

É neste “pensar por imagens” que as narrativas feitas conseguiram dar mais visibilidade a cada etapa do processo histórico e educacional de Tamboril. Vê-se que o povoado saiu do estado de invisibilidade e se materializou através das lembranças, das

fotografias, diários de classe e dos livros que fizeram os espaços escolares se transformarem em repartições públicas e espaços efetivos para suas práticas pedagógicas.

A adoção da história oral contribui para que houvesse um encontro entre o **passado no povoado Tamboril** com imagens tipicamente rurais e o **presente** marcado pelos aspectos urbanos. Neste encontro entre gerações tornou-se possível compreender os porquês do seu estado atual. Mas isto somente se concretizou devido aos relatos de pessoas idosas da comunidade que deram informações de tempos longínquos e, com isso, viabilizou extrair a história de dentro da própria localidade.

Para chegar à produção da Dissertação, precisou-se passar por várias etapas. *A priori*, foi feito **um levantamento de todas as notícias acerca do povoamento** onde se localizou a cidade de Isaías Coelho, na região de Altos Piauí e Canindé. Para tanto, utilizou-se de conversas informais, com pessoas que viveram o período de incidência do objeto de pesquisa. Em seguida, foram feitos os registros de todos os diálogos em fichas manuais.

Neste momento da pesquisa teve-se **um panorama geral** de como ocorreram as primeiras marcas históricas e educacionais. Para checar as marcas do passado, verificou-se nos espaços da cidade se havia algo que comprovasse a veracidade dos dados coletados. Foram encontrados escombros da antiga capela, que segundo relatos orais, havia sido construída pelo primeiro habitante que se estabeleceu nessas terras, no ano de 1888. Outras averiguações foram feitas com o fito de se chegar às verdades históricas. Procuraram-se, assim, outros espaços de sociabilidade e, para isso, encontrou-se o juazeiro, árvore que serviu de local para a primeira feira, no ano de 1947.

Em uma segunda etapa, procedeu-se às entrevistas, **com perguntas simples e diretas**, envolvendo todos os aspectos da sociedade. Procurou-se deixar os entrevistados à vontade para que não se sentissem inibidos com o gravador. Para Thompson (1992,p.254):

ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntas, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade.

Posteriormente, foram feitas **as transcrições das entrevistas** seguidas da **interpretação** das mesmas, cruzando-as e problematizando-as com as fontes documentais

disponíveis e, ao mesmo tempo, dialogando com os teóricos para que se pudesse alcançar os objetivos traçados durante todo o processo de produção.

Durante o desenvolvimento da pesquisa **várias fontes foram utilizadas**, além das fontes orais, para um melhor entendimento da sociedade e do processo educacional. Desde a documentação preservada no Arquivo Público Estadual Casa Anísio Brito, como o Diário Oficial onde se publicou a emancipação do município, até à documentação encontrada no Grupo Escolar Daniel Gomes.

No **Grupo Escolar Daniel Gomes**, foram encontrados os Livros de Registro de Matrícula de 1947 a 1968 e o de 1969 a 1970, o Livro de Registro de Frequência Diária, o Livro de Prestação de Contas e o Livro de Registro de Ponto.

Além dessas fontes, **utilizou-se de textos existentes acerca dos municípios piauienses**. Foram utilizados, também, livros da literatura brasileira e estrangeira e fotografias de arquivos particulares. Conforme Lopes (2001,p.81),

a história se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais: é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através de legislação ou de relatórios escritos por autoridades do ensino.

Com estas afirmações **quebra-se o fetiche dado ao documento escrito**, pois o mesmo por si só não diz tudo acerca do objeto pesquisado, necessitou-se, no entanto, ampliar as fontes para que houvesse uma melhor interpretação da realidade em que o cidadão se encontrava inserido. Para tanto, usou-se do método da história oral uma vez que não havia registro desse povo e, também, aspectos da cultura escolar desenvolvidos durante o processo educacional.

Amparando-se nas fontes, foram feitos o cruzamento e a problematização das mesmas, evidenciando, com isso, uma análise crítica do material coletado, ratificando o pensamento de Lopes (2001,p.93), para quem,

o cruzamento e confronto das fontes poderá também ajudar no controle da subjetividade do pesquisador. É uma operação indispensável. (...) problematizar o problema à luz da literatura que ele é pertinente, propor

questões, buscar as fontes, rever a literatura diante dos dados obtidos, checar as questões e reformula-las se for o caso, voltar às fontes até que se esgotem o problema e as fontes.

Durante o processo de feitura do texto foram feitas as checagem tanto do material encontrado no **Grupo Escolar Daniel Gomes** quanto das **narrativas orais** para que houvesse, não só uma compreensão dos fatos, mas, também, o que a narrativa deveria conter, **a exatidão**, que para Calvino (1990,p.71) é dentre outros “a evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis.” Constatou-se que esta proposta ficou bem delineada no corpo da Dissertação, pois há múltiplas imagens que se corporificou com as leituras feitas.

A **Dissertação** encontra-se dividida em quatro capítulos incluindo, ainda, uma parte introdutória e uma conclusiva. **Na introdução** procurou-se apresentar a cidade e, assim, mostrar que embora este município se encontre situado longe do discurso oficial do Estado, possui a sua História. Embora tivesse sido negado a eles o direito de visibilidade, a pesquisa procurou se direcionar no sentido de materializá-la. Enfocou-se, também, a problemática e o objetivo do estudo, os espaços em que foram desenvolvidas as práticas educativas. Foram feitos levantamentos no tocante aos recortes temporais e cronológicos, apresentaram-se os teóricos que deram suportes para analisar a pesquisa como um todo. Enfim, procurou-se nortear a pesquisa baseando no método da história oral que foi o viés de melhor direcionamento. Abordou-se sobre as fontes documentais que serviram para dar embasamento e solidificar o trabalho, localizadas no Arquivo Público do Estado, no arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes de Isaias Coelho e nos arquivos particulares.

No **primeiro capítulo**, abordou-se a sociedade de Tamboril com seus aspectos rurais, na primeira metade do século XX. O estudo feito procurou evidenciar aspectos locais para que houvesse uma melhor compreensão do ensino rural nele inserido. Para tanto, reconstituiu-se o modelo da vida dos primeiros habitantes do povoado Tamboril que influenciou o modelo educacional praticado pelos primeiros educadores.

Registrou-se o cotidiano de pessoas simples de Tamboril e, depois da emancipação política, da cidade de Isaiás Coelho. Foi com base na cotidianidade que se pôde extrair aspectos peculiares da vida diária presentes em cada cidadão que percorreu os espaços desta cidade. Foram enfocados, ainda, os espaços públicos que serviram como “detonadores das lembranças” para os atores sociais. A presença da feira que fez com que houvesse um aceleração no processo de urbanização.

Abordou-se, também, que a cidade de Isaiás Coelho surgiu como um novo discurso, voltada para a redefinição dos contornos urbanos, para a criação de instituições públicas, para a chegada de novos professores e, enfim, para a sua modernização.

Em seguida, no **segundo capítulo**, abordou-se a trajetória do mestre-escola, de Portugal ao Brasil, com enfoque em sua presença no povoado Tamboril. Em cada paragem as marcas deste homem-escola que implantou um modelo de professor local e introduziu um tipo de cultura escolar. Em Tamboril registrou-se a presença dos mestres-escola na primeira etapa da educação do povoado, entre os anos de 1935 a 1966, onde se traça o perfil desse educador, o seu método de ensino, o uso da palmatória, enfim, toda a cultura escolar desenvolvida durante a sua prática escolar em Tamboril.

No **terceiro capítulo** enfocou-se o período compreendido entre os anos de 1947 a 1970, onde se dá o ensino primário público. Registrou-se a presença da casa-escola improvisada da professora **Lusia Reis Santos**, no cenário rural de Tamboril. Foi nesta casa-escola sob a denominação **Escola Isolada de Tamboril**, com um caráter unidocente e multisseriado, que ocorreram os primeiros passos para a ampliação do acesso ao ensino. Há de se registrar que nesta escola a professora tentava conciliar os afazeres domésticos com a docência.

Com a implantação da escola na casa da professora aos poucos a demanda de alunos foi aumentando. O espaço da sala de aula que foi reservado para as atividades escolares abraçou não só alunos do povoado, mas também alunos das localidades Carreiras, Lages, Tabuleirinho, Poções, Casas-velha, Jenipapeiro, Simões dentre outras.

A seguir, alugou-se um **salão**, no centro de Tamboril, de propriedade do comerciante Acelino Pinheiro. Com a emancipação política de Isaiás Coelho em 1963, a Escola Isolada de Tamboril foi elevada à categoria de **Escola Reunida Moura Fé**. As professoras que ingressaram no salão-escola foram Elisa Coelho Mauriz, Odorica Carvalho, Maria Delzuita Andrade de Sousa e Maria Vilani Pinheiro.

Finalmente, no **capítulo quarto**, analisou-se o **Grupo Escolar Daniel Gomes**, no cenário urbanístico da cidade de Isaiás Coelho-Pi, onde se enfocou a sua origem, a caracterização do espaço, as práticas pedagógicas e a cultura escolar nele praticadas. Evidenciou-se, neste novo espaço, a consolidação do ensino primário público. Este novo modelo de instituição escolar trouxe para a cidade aspectos de modernização, haja vista que, agora, ter-se-ia uma arquitetura adequada ao espaço urbano. Com esta nova estrutura necessitou-se de uma ampliação no corpo docente e, conseqüentemente, a contratação de funcionários para o corpo técnico. O quadro de professores foi composto, no início, por Maria

Delzuita Andrade de Sousa Marques, Maria Doralice Vieira Moura, Maria Vilani Pinheiro e Maria do Carmo Fialho, primeira normalista a ensinar na cidade, oriunda de Picos-Pi.

Na **conclusão**, foram feitas as considerações em torno da sociedade e do modelo escolar implantado nesta cidade. Encontraram-se, assim, as respostas suficientes para mostrar que este povo, mesmo vivendo na contramão do progresso, vivenciou etapas importantíssimas na sua construção histórica. Foram dados enfoques nas três categorias da docência presenciados nos espaços escolares como o mestre-escola, a professora leiga e a professora normalista.

Sintetizou-se a conjuntura social em que o homem da cidade de Isaías Coelho encontrava-se inserido. Foram feitos enfoques do descaso do poder público para com as cidades interioranas do Estado do Piauí. Foram abordadas, também, as deficiências e as lacunas que os espaços escolares deixaram nos ex-alunos. Registrou-se o propósito a que havia chegado a pesquisa de (re)interpretação da realidade social e educacional e, assim, fazer com que se entenda e compreenda o quanto foi difícil solidificar o ensino público.

1. DO POVOADO À CIDADE: ANTECEDENTES HISTÓRICOS (1877-1970)

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (ROSA,1986,p.159)

1.1. A gênese do povoado Tamboril

As primeiras notícias acerca do povoamento na cidade de Isaías Coelho¹ remontam à segunda metade do século XIX, ao ano de 1877, quando chegam à microrregião do Alto Médio Canindé o Sr. Daniel Gomes Pinheiro e sua família, oriundos de Brejo Seco, no Ceará.

Com a permanência nessa localidade e o desejo de estabelecer-se definitivamente, em 1888, Daniel Gomes Pinheiro sentiu a necessidade de ali construir uma capela. Próximo aos Talhados², foi edificado o templo onde os seus familiares faziam suas orações. Com a vinda de novas famílias para o povoado Tamboril³, a comunidade local resolveu escolher para padroeira **Nossa Senhora Santana**. Segundo o sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.2005),

¹Nome dado ao povoado Tamboril depois de ser alçado a condição de município através da Lei 2.549 de 09 de dezembro de 1963, em homenagem ao Dr. Isaías Rodrigues Coelho (1890-1960). A instalação se deu em 19 de abril de 1964, com a posse do primeiro prefeito, Nelson Lopes Buenos Aires.

²Local, no povoado, onde se situavam os poços de água que os familiares usavam tanto para beber e colocar na comida como para lavar roupas. No povoado Tamboril existiam vários talhados, despenhadeiros pedregosos muito altos. Naquelas pedras lisas e disformes era o local onde as mulheres batiam as roupas e colocavam-nas no quoradouro, em meio aos garranchos que se encrostavam nas pedras. Era corrente, nessa localidade, que as melhores e as mais doces águas desse povoado estavam nos talhados.

³Nome dado à cidade de Isaías Coelho quando nela se estabeleceram o Sr. Daniel Gomes Pinheiro com a sua família. Conforme relatos dessa comunidade, o nome Tamboril foi uma homenagem que Daniel Gomes Pinheiro fez a uma frondosa árvore que nasceu em sua propriedade em Brejo Seco-Ce.

[...] essa capela era no pé dos talhados. Ainda hoje tem uns restos de paredes. [...] Tem um cemitério próximo à capela e a gente freqüentava esta capela nos novenários. Os encarregados dessa igreja era o sr. Henrique Pinheiro com Dona Mariana. E tinha os filhos, a Donona, a Ternura. E ainda hoje existe os familiares desse povo. [...] Quem tinha a chave da capela era Dona Mariana. [...] os trabalhos eram dirigidos por eles mesmos. [...] depois foi que com o decorrer do tempo vinham os padres e faziam as reuniões com o povo e aí foi criado os dirigentes de celebração e continuou ainda nas eras de 1960. [...] Eu não sei precisamente o primeiro padre que celebrou uma missa nessa capela, mas sei que quando eu cheguei aqui dava assistência o cônego Antônio Cardoso. Ele morava em Oeiras e vinha celebrar aqui. Depois foram outros padres. Quando se instalou a nova igreja tinha o padre Raimundo Frota que foi quem lançou a pedra fundamental dessa nova igreja. Ele era cearense.

Ao falar sobre a capela local, dona Helena Pinheiro, natural de Isaías Coelho, lembrou as peculiaridades do templo e o costume dos habitantes nos dias de celebrações. Conforme a dona Helena Pinheiro (10.07.2005):

a capela foi construída em 1888, por Daniel Gomes Pinheiro. [...]. Ana Gomes Pinheiro e Mariana Pinheiro cuidaram da capela. [...]. De frente tinha três portinhas, na lateral duas janelas e uma porta, [...] era no cimento. [...] No altar era senhora Santana e São Joaquim. Em época de festa cada um levava sua cadeirinha. Não tinha banco; não tinha bancada. Vinha os padres de Simplício Mendes para celebrar missa em Tamboril, na capelinha. Vinha uma vez por ano. [...] Padre Cardoso e padre Silva. Muitos anos!!!. Na frente da capela existia o cruzeiro. Só tinha missa uma vez por ano. [...] Durante a semana, a tia Mariana abria a capela para os terços das 6:00 horas. Tinha os dias do terço. De preferência era aos domingos.

Nos dois fragmentos das narrativas orais, no tocante aos aspectos religiosos da capela, foram percebidos elementos comuns entre as lembranças dos entrevistados que fizeram com que houvesse um melhor entendimento e, ao mesmo tempo, uma reconstrução deste espaço religioso onde os moradores se reuniam para as suas orações. Percebeu-se, no entanto, várias semelhanças entre os depoimentos dos entrevistados que possibilitou uma reconstituição de maior precisão em torno dessa capela. Segundo Halbwachs (1990, p.34):

para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de

concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstituição se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Ficou evidente nos depoimentos que foram vários os pontos de contato entre as lembranças da capela: “as pessoas encarregadas pelo templo católico”, “os padres que celebravam as missas nos festejos de Santana”, “os novenários”, enfim, os elementos que permearam os fragmentos levaram a um fundamento comum: a capela serviu além de um espaço para as orações aos santos de devoção como, também, um lugar de socialização onde este grupo se reunia em algumas ocasiões.

Além do templo católico edificado, outra tradição no interior do Estado do Piauí, era as famílias manterem **oratórios** em suas residências, como sinônimo de religiosidade. No povoado não foi diferente, muitas casas tinham por costume conservarem oratórios que eram verdadeiros relicários. Como não existiam padres para celebrarem as missas, aparecendo somente nos festejos de Santana e nos dias 08 e 25 de dezembro de cada ano, os fiéis realizavam, freqüentemente, as suas orações, próximas aos seus oratórios. No interior desses oratórios, encontravam-se imagens dos santos de maior devoção dos proprietários da residência, aos quais acendiam velas e rezavam durante horas. Conforme Mott (1997, p, 166):

as famílias um pouco mais abastadas possuíam um quarto especial, o quarto dos santos. Seu tamanho variava, e às vezes era apenas uma nesga de espaço debaixo de escada que conduzia ao sótão ou aposento para custódia de imagens. Não eram poucos os que conservavam as imagens em seus próprios aposentos. Todas as alegrias e tristezas eram relatadas entre preces aos bentos simulacros bem guardados em um nicho de madeira forte, torneado e envernizado, com três faces de vidro. As imagens, fossem elas do Santo Cristo, fossem de santos da devoção pessoal, conservam-se, não raro, através das gerações.

A escolha da padroeira Nossa Senhora de Santana deve-se ao fato de que havia uma zeladora na antiga capela, conhecida por Ana, que adorava essa santa. Os fiéis do povoado

faziam suas preces naquela capela e tinham para com ela maior apreço. Só existiam duas imagens no altar, a de Nossa Senhora Santana e a imagem de São Joaquim.

Sentindo necessidade de um sino e uma sineta para a capela, uma fiel, a Sra. Mariana Pinheiro, a “Mamãe Velha” como era chamada, com os seus esforços conseguiu comprá-los e os doou para a capela.



Ilustração 01: Procissão de Senhora Santana (s/d), padroeira de Isaiás Coelho
Fonte: Arquivo particular de Maria Celina Araújo de Moura Carvalho

Todos os anos, nos dias 25 e 26 do mês de julho, comemoram-se os festejos da Padroeira de Nossa Senhora Santana. Os fiéis aguardam durante o ano todo para a homenagearem e prestarem a ela as suas venerações. Durante os festejos religiosos, muitas atividades são realizadas, dentre elas, quermesses, missas, procissões, novenas, leilões, confissão, comunhão, batizados, consagração, benzimentos de imagens, terços, rosários, crucifixos e também casamentos.

Somente em **1952** foi construído, no centro do povoado, um templo católico que continuou a se chamar **Igreja de Nossa Senhora de Santana**. As mesmas imagens, bem como o sino que se encontravam na capela localizada próxima aos Talhados foram removidas para a nova. Até hoje os festejos da padroeira de Senhora Santana, como muitos isaiascoelhenses a chamam, é motivo de grande mobilização de fiéis e vendedores ambulantes que chegam das cidades vizinhas e dos povoados pertencentes a Isaiás Coelho.

Referindo-se aos espaços religiosos, Halbwachs (1990, p.157) assim disserta:

uma igreja é como um livro do qual somente um pequeno número, pode soletrar e decifrar todos os caracteres. De qualquer modo, como praticamos o culto e como recebemos ensino religioso no interior desses edifícios, todos os pensamentos do grupo tomam a forma dos objetos sobre os quais eles concentram.

Vê-se, assim, que os espaços de religiosidade deste grupo tiveram uma conotação ímpar para estes cidadãos. Ao comparar a igreja a um livro, Halbwachs (1990) consolida o seu pensamento, pois somente para alguns tanto a capela quanto a igreja tiveram um sentido maior. Nas entrevistas, percebeu-se, em membros desta comunidade, que a importância destes templos católicos, com poucas imagens e adornos religiosos, revestiam-se de uma significação muito grande.

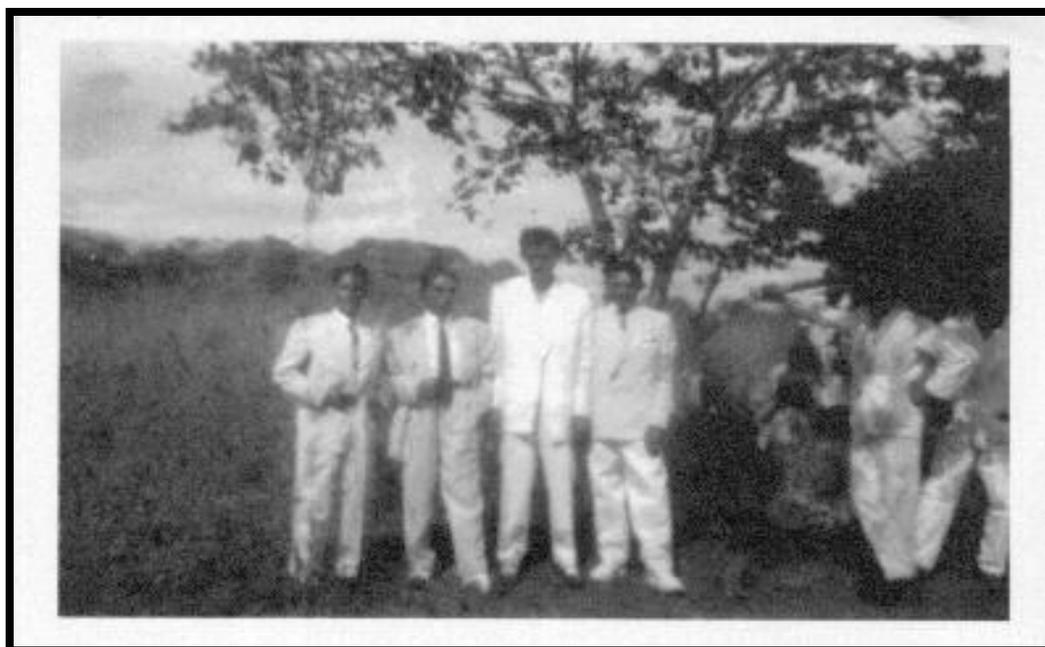


Ilustração 02. Habitantes de Tamboril em dia de festa da padroeira (s/d), próximos à Capela de Nossa Senhora de Santana, construída em 1888.

Fonte: Arquivo particular de Helena Pinheiro

A cidade de Isaiás Coelho ocupava, no início, uma extensão territorial de 531 km², distante da capital do Estado do Piauí, Teresina, cerca de 315 km em linha reta ou 388 por rodovia. Conforme o art. 2º da lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963, a circunscrição

territorial do município ficou constituída das datas **Limoeiro e Poções**, desmembrados do município de **Simplicio Mendes**⁴.

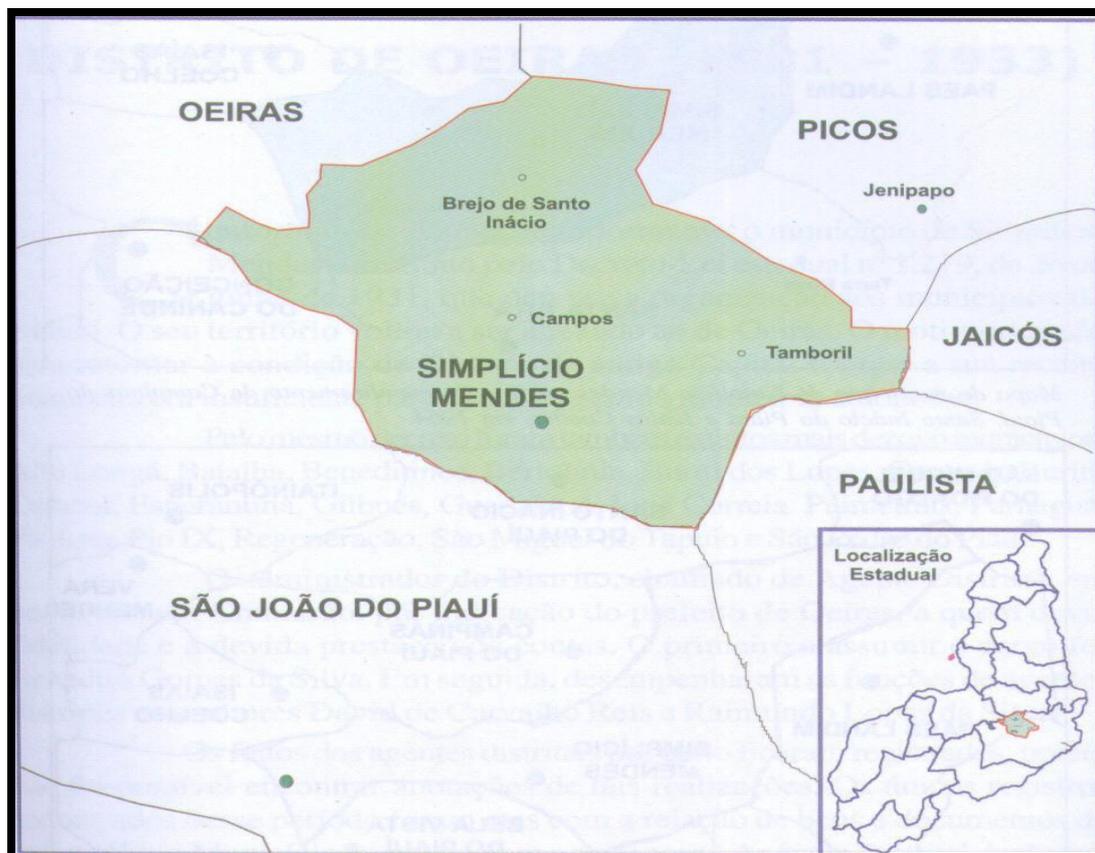


Ilustração 03. Mapa da cidade de Simplicio Mendes-Pi onde se localizava o povoado Tamboril (1905)

Fonte: Simplicio Mendes: história e notáveis, de José Mendes de Sousa Moura, 2001, pág. 43

⁴Situada, na microrregião Alto Médio Canindé, localizada a 40 Km da cidade de Isaias Coelho-Pi e a 390 quilômetros da capital do Estado do Piauí, foi a cidade da qual Isaias Coelho se emancipou.

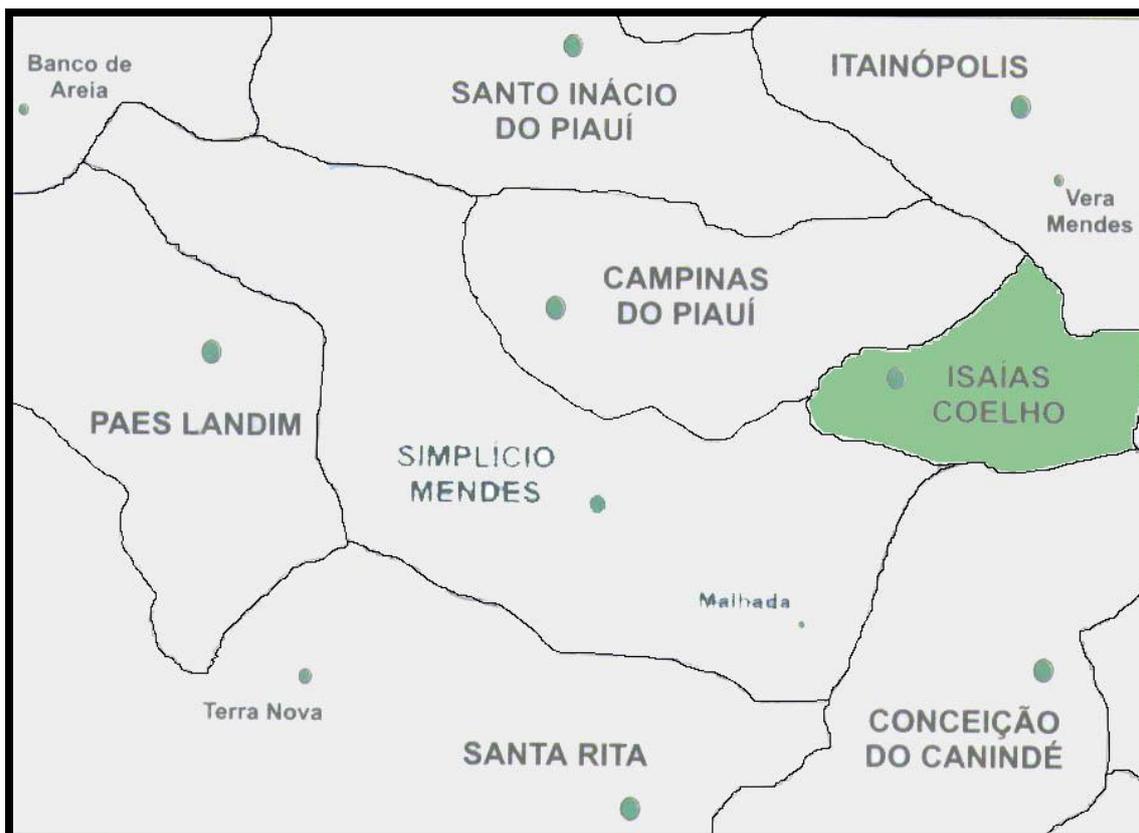


Ilustração 04. Mapa da microrregião do Alto Médio Canindé após a emancipação política das cidades de Campinas do Piauí, Santo Inácio do Piauí e Isaías Coelho.

Fonte: Simplicio Mendes: história e notáveis, de José Mendes de Sousa Moura, 2001, pág. 44

1.2. A vida entre a lavoura e a pecuária

Situada numa área de sertão, a cidade de Isaías Coelho caracteriza-se pela enorme quantidade de plantas que durante o ano modificam-se devido a um curto período de chuvas que assolam a região. Pode-se destacar como flora própria o mandacaru, xiquexique, juazeiro, ingazeira, macambira, aroeira, angico, birro, pau-ferro, umbuzeiro, pereiro, juá, jatobá, mufumbo, candeia, imburana, marmeleiro e a carnaúba, geralmente utilizada para servir de apoio às paredes e coberturas das casas de taipa, dentre outras vegetações que fazem parte do cenário local e dão a este município aspectos peculiares.

Os **agricultores** de Tamboril sobreviviam das plantações nas roças. Colhiam feijão, arroz, milho e mandioca que eram, posteriormente, conservados em paióis feitos de madeira, latas de querosene, tubos e, em seguida, guardados para eventuais necessidades. Além disso, cultivavam do algodão. Conforme esclareceu dona Helena Pinheiro (10.07.2005):

as pessoas viviam unicamente da agricultura, do algodão, milho, feijão. Do arroz, menos. Eles lavravam muito algodão. De minha lembrança, só. [...]. Os agricultores estocavam a colheita em suas casas, em paióis de madeira, alto do chão. Conservava os produtos, assim. O feijão conservava na areia para não dar bicho e depois areava. [...] não tinha depósitos como hoje têm. Era desse jeito. O algodão era vendido para [...] Itainópolis e Picos. [...] pegavam o algodão de caminhão.

As estocagens dos produtos extraídos das roças foram feitas da maneira mais rudimentar possível, como se constatou nos recortes da memória. Para se ter tais cereais, durante o ano inteiro, utilizaram-se destes mecanismos de proteção. Os agricultores recorriam, ainda, à cera de carnaúba para vedarem os objetos que conservavam os produtos agrícolas.

Alguns agricultores da região vendiam uma parte dos produtos agrícolas, na feira local, para que pudessem com o dinheiro adquirido comprar outros alimentos que a lavoura local não conseguia fornecer.

Já o algodão, produto de grande aceitação no mercado, cobiçado por atravessadores que vinham de Paulistana, Itainópolis, Picos, Simplício Mendes recebia tratamento diferenciado, pois a venda oscilava de preço durante o ano todo. O motivo da oscilação era devido a vários fatores, dentre eles, a procura pelas indústrias no Pernambuco e no Rio Grande do Norte. Os principais cultivadores do algodão foram os srs. Laudimiro, João Gago, Julinho e outros. Conforme o sr. Joaquim Pereira da Rocha (30.08.2005):

era uma vida um tanto difícil. Aqui se explorava a lavoura de milho, feijão, arroz, algodão. [...] O mês de dezembro para plantar. [...] o feijão se planta até o mês de fevereiro, mas sempre o mês mais cedo para situar é dezembro. Nas décadas de 30, 40 e 50 houve muita exploração do algodão e plantou-se muito algodão. [...] Quem mais plantou algodão foram vários lavradores aqui do interior, por exemplo, na região de Fazenda Nova, Queimada Grande. [...] Quem mais plantava era o Laudimiro, eu, o João Pinheiro, o Justiniano, Messias. [...] O pessoal que comprava o algodão vinha de Itainópolis e Picos. Tinha o sr. Enéas Maia, Valentin Dantas e outros, né. Depois foi enfraquecendo por que entrou o bicudo e acabou com o algodão e ficou quase no zero. Então era uma coisa muito difícil. [...] Esses gêneros alimentícios [...] passou-se a comprar de Itainópolis e Picos aos atravessadores.

Outro produto de aceitação no mercado local e que movia a pequena economia era a pele bovina, ovina e caprina que eram compradas pelos srs. João Pinheiro, José Passos, Luiz Arraes e Acelino Pinheiro.

A carnaúba também foi outro elemento que contribuiu para o crescimento da economia no povoado e era encontrada com facilidade nas vastas terras que compunham a região. A carnaúba foi a madeira rudimentar e indispensável ao homem do interior do Estado do Piauí na edificação das primeiras casas de taipa⁵.

Em Tamboril não foi diferente, ainda hoje se encontram casas que utilizam a carnaúba em várias partes da construção. Foi um produto propulsor para o aceleração da economia local, pois além da cera que era vendida para outras localidades, tinha-se a matéria-prima para a feitura do artesanato local. Nas lições de Castelo Branco (1942. p, 66):

quem fala em carnahuba, hoje, pensa immediatamente na cera, producto de possibilidades incalculáveis, que figura como um dos principaes esteios da exportação de vários Estados nordestinos, inclusive e sobretudo o Piauhy. Para os primitivos colonizadores, ella significava muito mais: era a estaca abundante e maravilhosamente adequada para a construção de curraes, nas chapadas de flora rachitica, onde além da carnahuba, muitas vezes só se encontravam talos e cipós. Da carnahuba, ainda, fizeram seus ranchos e suas casas, aproveitando desde o tronco para vigas, esteios e paredes, até a palha, para cobertura do tecto e divisões interiores. Da carnahuba, ainda fizeram esteiras, chapéus de palha, cofos, vellas, peneiras, corda e uma infinidade de outros artigos de preciosa utilidade.

Além da agricultura, a pecuária foi praticada na localidade, através da criação de gados, caprinos, ovinos, suínos e aves que eram de propriedade tanto de fazendeiros como de pequenos agricultores. Segundo o sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.2005):

os fazendeiros que mais tinham gado era Antônio Marques, Cicinato, Joaquim Coelho Ferreira, Ernestino Marques, Celecino. Eram os maiores fazendeiros, depois teve outros que já foram até vaqueiros deles que passaram a ser fazendeiros, também.

⁵As primeiras casas edificadas no povoado, utilizavam a aroeira, o angico e a carnaúba para linhas, estacas e cobertura.



Ilustração 05. Festa de vaqueiros (s/d), evento típico de Tamboril
 Fonte: Arquivo particular de Maria Celina Araújo de Moura Carvalho

O gado que era vendido pelos fazendeiros e agricultores de Tamboril e das localidades circunvizinhas seguiam uma longa rota até o destino final. Constatou-se que, em finais da década de 1940 e toda a década de 1950, compradores de gado, oriundos de Araripina-Pe e de Cajueiro, povoado pertencente ao município de Jaicós-Pi, firmavam negócios com os fazendeiros do povoado. Os principais compradores eram os srs. Raimundo Severino, Chico Modesto e Ozéias, da cidade de Araripina-Pe, o Sr. Isacão do povoado Cajueiro, além de outros que estiveram naquela localidade. Segundo o sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.05),

eu lembro de alguns que compravam o gado aqui. O Francisco Agostinho e várias pessoas de fora, por exemplo, boiadeiros que vinham de Pernambuco. O Isacão, o cabra dos Cajueiros. [...] O gado que era comprado aqui era transportado de pé e tocado com a pessoa adiante a cavalo com uma carga e outros não usavam carga era mesmo no alforje, comida, né. E esse Tangerino, chamado Tangerino, tocava de pé, com muçuraca nas costas.

A mercadoria móvel, que era o gado, saía de Tamboril e rompia as chapadas. Sendo tocados por vaqueiros até chegar à cidade de Paulistana-Pi. Daí atravessava a Serra Velha, povoado de Paulistana, entrava no município de Simões-Pi e subia a Serra do Araripe-Pe, tanto pela ladeira do Bom Jardim, pertencente a Simões quanto pela Fazenda Verde (Simões)

de propriedade do coronel Procópio Modesto. Dali o gado ia para Araripina-Pe e era comercializado nos currais de gado.

1.3. O surgimento das feiras e do comércio

Com a demanda de produtos dos setores agrícola e pecuário foram surgindo as primeiras feiras que eram realizadas aos domingos, embaixo de uma típica árvore da região, um pé de juazeiro. A primeira feira foi instalada em 24 de setembro de 1947, nessa feira concentravam-se os habitantes do então povoado Tamboril espalhados pelas vastas regiões pertencentes às Fazendas Nacionais⁶. Ali, acomodavam-se e aglutinavam-se para comercializar os seus produtos. Nos relatos do sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.2005):

Eu conheci Isaías Coelho com poucas casas. Aí começou uma feira explorada pelos comerciantes de Simplicio Mendes, Itainópolis e se instalou uma feira. [...] Essas primeiras feiras elas foram instaladas debaixo de um pé de juazeiro. Ainda hoje existe esse juazeiro. Na beira do riacho [Riacho das Carreiras], logo do lado da cidade para o cemitério. Existe lá o local onde eram instaladas as feiras. No dia de domingo. [...] comercializavam vendas de batatas, feijão, milho, frutas e outros que apareciam. Todo mundo que tinha as coisinhas vendiam lá, também. [...] Eu não estou lembrado o ano em que foi transferida a feira, mas sei que foi instalada numa casa de palha, assim do tipo de um galpão. [...] As feiras sempre aglomeravam muita gente. [...] Vinham das localidades Riacho Fundo, Porcos, Poções, Olho D'Água Pequeno, São Domingo, que nesse tempo não era, ainda, nem povoado, Queimada Grande, Cana-Brava, Recreio, Limoeiro. Todos vinham para aqui.

Ratificando tal informação, dona Helena Pinheiro (02.07.2005) enfocou que:

⁶Eram as vastas terras que pertenciam à União. Situadas na região de Altos Piauí e Canindé, as suas origens remontam ao processo de povoamento do Estado do Piauí.

as feiras foram criadas debaixo de uma árvore chamada juazeiro. Muito grande. Vendia de tudo lá, os cereais, a rapadura, o doce, o mel, o queijo, a manteiga, a cera de abelha. Me lembro muito bem. Eu era nova. [...] As pessoas vinham de todas as localidades. [...] de Simões, casas velhas, Carreiras, Mocambo, Mirador, Poço da pedra, Poções, vizinho ao Rio Canindé, Lajes. [...] Posteriormente, a feira foi para o centro do povoado. Saiu de baixo do pé de juazeiro e, então, fizeram de palha de carnaúba. Todo mundo se passou para lá. Nos domingos. Hoje é nas segundas-feiras. [...] Nessa barraca aumentou mais gente. A população aumentou, né. [...] A barraca foi construída pelos feirantes de Tamboril, né.

Como se vê, só com a transferência da feira para uma casa de palha no centro da cidade é que realmente começou a absorver uma quantidade maior de pessoas de outras comunidades, como pôde ser constatado também pelas declarações do sr. Joaquim Pereira da Rocha.

A casa de palha serviu como um entreposto comercial para as pessoas que vinham tanto para vender quanto para comprar. Havia, ao redor da palhoça, um vaivém de pessoas com o objetivo de adquirirem os produtos necessários à alimentação diária. As feiras deram ao pequeno núcleo de povoamento crescimento, no sentido de acelerar o processo de urbanização e modernização da rede social. Onde foi construída a casa de palha funciona, atualmente, o **Mercado Público Municipal**.

O centro dos acontecimentos do povoado se resumia próximo às feiras e durante os festejos de Santana, afora isto, a vida seguia a sua marcha de lentidão. De acordo com a dona Helena (10.07.2005),

no centro de Tamboril acontecia de tudo. Desde o vaivém de pessoas, principalmente durante as feiras e os festejos de Santana. Lá as pessoas conversavam debaixo das poucas árvores frente das casas. Era um tempo bom! Que pena não volta mais...[...] Um humilde povoado. [...] Eram poucas casas.

As feiras tinham um papel importantíssimo para a localidade, pois forneciam elementos indispensáveis para a comunidade e serviam como ponto de encontro tanto de pessoas que residiam no povoado quanto daquelas que moravam afastadas, no Recreio, Mucambo, Poço da Aroeira, Tanque e outras. Durante as feiras, as poucas vielas localizadas ao redor da palhoça eram tomadas por jumentos e cavalos. Esses animais ficavam amarrados

pelo cabresto nos juazeiros, nas cercas das roças mais próximas, espalhados pelos arredores de Tamboril.

Para Halbwachs (1990,p.68), “algumas vezes, é preciso ir muito longe, para descobrir ilhas de passado conservadas”. Embasado nos quadros coletivos da memória dos habitantes da comunidade Tamboril, percebeu-se que o passado ficou conservado mesmo tendo sido vivenciado há muitos anos. Isto ficou evidenciado nos fragmentos da memória do sr. Joaquim Pereira da Rocha, em que as reminiscências dos espaços das feiras trouxeram em si um conjunto de elementos que contribuiu para ligar a outros tantos. Com isso, permitiu que se pudesse ter um mapeamento de como foram realizadas as feiras e a sua importância para a população.

Aos poucos o cenário rural foi cedendo lugar e mudanças significativas no cotidiano ocorriam. Todos os caminhos de desenvolvimento pareciam levar para o mercado com ele a cidade encontrou fôlego para se manter como aglomerado humano. Para Rolnik (2004,p.30),

é a partir de um certo momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma reorganização do seu espaço interno, mas também redefine todo o espaço circundante, atraindo para a cidade grandes populações.

À proporção que o comércio foi alcançando uma maior dinamização, as áreas próximas ao mercado público começaram a se valorizar gradualmente. A possibilidade do povoado se transformar em município dava a quem possuía propriedades a certeza da valorização imediata dos seus imóveis. Segundo Corrêa (2005,p.16):

os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso que seja o mais remunerador possível, especialmente uso comercial ou residencial de status. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural.

O primeiro comerciante de Tamboril foi o “major” Acelino Pinheiro. No seu estabelecimento, entre as décadas de 1920 e 1940, comercializava-se de tudo um pouco, desde

a venda de produtos agrícolas como feijão, arroz, milho, algodão a medicamentos e uma grande quantidade de tecidos. O comerciante Acelino Pinheiro adquiria os seus produtos para a posterior revenda, na cidade de Floriano-Pi e, algumas vezes, comprava-os em Recife-Pe.

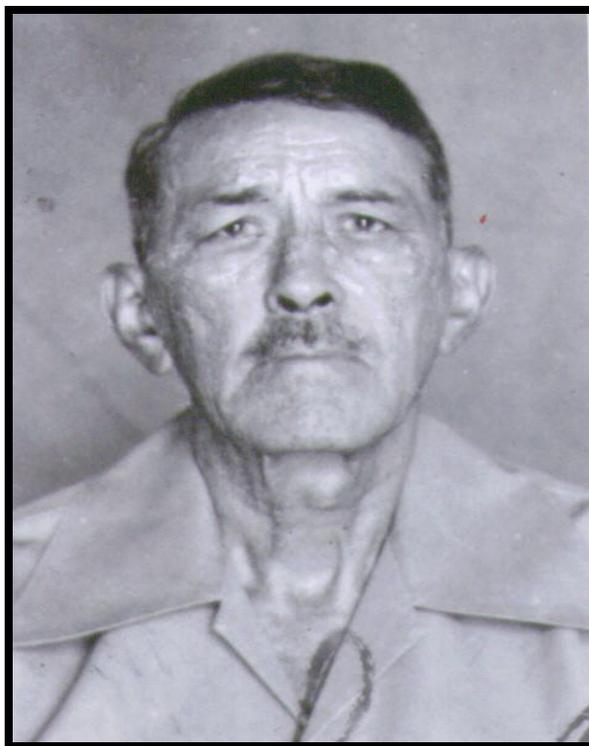


Ilustração 06. Sr. Acelino Pinheiro (1892-1966), primeiro comerciante em Tamboril e responsável pela contratação do primeiro mestre-escola do povoado
Fonte: Arquivo particular de Helena Pinheiro

1.4. Tecendo a vida privada

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE,1999,p.51)

O poema de Drummond (1999) retrata bem a vida cotidiana nos pequenos espaços rurais. Muitas das características que identificam os povoados e cidades espalhadas pelos vários interiores do Brasil estão presentes em **Cidadezinha qualquer**.

Em Tamboril, o cotidiano não diferia muito de outros povoados pelo Piauí afora. O homem desta localidade estava voltado para aspectos da zona rural, dentre eles a labuta com os animais, com as roças, o ritmo frenético em busca de água para o consumo diário, a busca pela caça, enfim, a lentidão que marcava o seu dia-a-dia. Para Heller (1989, p.30) “o ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana” concatenam a monotonia do homem que vive nos pequenos centros interioranos.

No tocante à cotidianidade, continua Heller (1989,p.23), “o fato de se nascer já lançado na cotidianidade continua significando que os homens assumem como dadas as funções da vida cotidiana e as exercem paralelamente.” Percebe-se, assim, que ninguém escapa a cotidianidade. Ela está presente em todos os lugares e “dá o tom” marcado pela cadência do meio.

Se foi difícil para o adulto viver com as adversidades do meio em que se encontravam inseridos, para as crianças desta comunidade era ainda mais complicado, pois desde cedo eram preparadas para o trabalho na roça e na lida com os animais e, quando sobrava tempo, encontravam na natureza elementos para as suas brincadeiras de menino e de menina. Nessa cidade, as crianças, nas décadas de 1930 a 1970, não tinham acesso aos brinquedos eletrônicos que a sociedade contemporânea proporciona.

A bicicleta era andar em lombos de jumento e em lombos de bode, subir em árvores à procura da fruta mais madura, correr atrás de animais, separar o melhor visgo para capturar os pássaros, pegar a baladeira e a capanga com pedras para procurar passarinhos, armar a arapuca, ir à procura de um beija-flor para retirar dele seu coração e depois comê-lo para dar àquele caçador boas pontarias, ir escondido dos pais para tomar banho demorado nos poços dos Talhados e, de vez em quando, subtrair as frutas das roças mais próximas, brincar com os cascos dos bois e das ovelhas e montar os currais nas areias do Riacho das Carreiras⁷. Conforme dona Helena Pinheiro (10.07.2005),

⁷Riacho que corta a cidade de Isaías Coelho. O seu nascedouro fica na localidade das Carreiras. Durante os meses chuvosos, as águas ficam correndo dias e dias. Esse Riacho, nos primeiros anos do século XX até a chegada da água canalizada, foi usado tanto como água para beber quanto como água para lavar roupas. As águas que ficavam ancoradas devido às chuvas eram usadas para irrigar

canteiros e vazantes. O riacho servia, ainda, para as crianças e adultos tomarem banhos e se divertirem nas areias límpidas que ficavam nas encostas das roças vizinhas.

a infância era simples. Tudo com simplicidade. [...] timidez. [...] Não era avançada como a de hoje. [...]. A brincadeira dos meninos era jogar bola e as mocinhas era brincadeira simples. [...] Brincavam umas com as outras. Tinha o realecho. Elas dançavam com o realecho. Juntavam bastante meninos para fazer a festa com o realecho. [...]. Os afazeres domésticos eram o bordado à mão e à máquina. Se entretiam nos bordados. [...] Existia o *crochet* e o *tricot*. [...]. Isso com a idade de 15 anos. As crianças se comportavam muito bem no povoado por que os filhos sempre temiam aos pais. [...]. Eles tinham medo dos pais não é por que os pais fossem carrascos. [...]. Era a obediência, a timidez. Existia paz.

A presença da figura dos pais na vida das crianças, em Tamboril, teve grande significação na sua educação, marcada pela obediência e o respeito.

O mundo dessas crianças sofreu tanto influências sociais quanto do meio em que se encontravam inseridas. No quadro de lembranças do passado, as crianças assumiam atividades compatíveis com a sua idade.

As imagens da infância para dona Helena foram inconfundíveis e trouxeram significações de uma fase que jamais poderá ser vivida de novo. Em um dos trechos da entrevista ela diz “a infância era simples”. O teor desta frase ao ser narrada pela entrevistada teve um quê a mais de valor, pois o tempo da simplicidade concatenava a vida no meio rural de Tamboril.

Percebe-se que havia, no interior deste grupo, dentre outras coisas aspectos que se perduraram de geração a geração. Hábitos que conseguiram resistir à continuidade do tempo. Todo o cenário onde o grupo se encontrava ficou retido nas lembranças de crianças, jovens e adultos.

Para se obter água de beber era preciso se deslocar até os Talhados onde encontravam água nos poços. Amarrava-se uma corda em uma lata e a empurrava em direção ao fundo do poço, em seguida puxava-se a lata com água através de um carretel, tudo de forma rudimentar. As crianças, de posse dos jumentos, transportavam a água em ancoretas que eram cheias através de um funil e se dirigiam para as suas casas para abastecerem os potes. Havia, também, o hábito de recolher as águas das chuvas para beberem, devido à dificuldade de se adquirir água para o consumo. Há de se destacar que muitas crianças, no período das chuvas, em Isaías Coelho, ajudavam seus pais no cultivo da terra para o plantio. Segundo dona Helena Pinheiro (10.07.2005),

agente adquiria água do Riacho das Carreiras, que circulava o povoado. [...] No inverno chegava muita água e só depois secava. [...] Para beber só através de poços. [...] Se localizavam perto do povoado. [...] Tinha poços cavados e de mineração. Água muito boa. Nos talhados tinha os caldeirões. Quando chegava o inverno enchia de água. [...] água para lavar, tomar banho, beber. Água doce, né.

Poder-se-ia mais uma vez aproximar Tamboril de uma das outras cidades invisíveis de Calvino (1990), **Isaura**, “cidade dos mil poços” que, assim como este povoado, utilizava-se das “veias subterrâneas” de água doce. No tocante à busca pela água, conforme depoimentos de pessoas da comunidade, havia um verdadeiro frenesi de crianças, jovens e adultos rumo aos poços de água, nos Talhados.

Para a obtenção da água utilizavam-se, também, latas e cabaças que eram transportadas com o auxílio de uma rodilha de pano nas cabeças e usando uma vara atravessando os ombros; e amarravam-se duas latas ao modo de uma balança de pesar produtos. Para Calvino (1990, p.24):

a cidade se estendeu exclusivamente até os lugares em que os habitantes conseguiram extrair água escavando na terra longos buracos verticais: o seu perímetro verdejante reproduz o das margens escuras do lago submerso, uma paisagem invisível condicionada a paisagem visível, tudo o que se move à luz do sol é impelido pelas ondas enclausuradas que quebram sob o céu calcário das rochas.

Com este quadro descrito por Calvino (1990), entre a paisagem invisível e a paisagem visível, percebeu-se, assim, mais uma vez que as dificuldades pelas quais passam as cidades interioranas, invisíveis aos poderes públicos, ficam condicionadas eternamente às clausuras impostas tanto pela falta da presença do Estado quanto pelo meio em que se encontram inseridas.

Já as meninas, desde cedo, eram preparadas para os afazeres domésticos: aprendiam a cozinhar, a utilizar a vassoura no labor diário, a irem lavar as roupas nos poços, a trabalharem na costura artesanal fazendo coisas como bordados, marcas, varandas de redes, aprendiam o *crochet* e o *tricot*, aprendiam, também, os pontos de cruz, marca e matiz. De acordo com Falci (1991,p.41-42), ao descrever os aspectos característicos das crianças no sertão piauiense,

[...] a sociedade impunha sua marca social às crianças desde o “tempo de nascer”. [...] Assim, o “andar em carneiro”, o andar livre pelas matas, o depenar passarinhos, seriam reflexos da realidade social rural...Mais tarde ele será dono de fazenda, terá que saber montar para andar por horas e dias entre uma cidade e outra e exercerá, também, um papel ativo na estruturação desta mesma realidade.

Utilizavam-se das águas do **Açude Velho** nas residências tanto para tomar banho quanto para lavar os objetos domésticos. Como para se adquirir água era muito difícil, próximo ao açude havia pessoas que fabricavam de maneira rudimentar telhas e tijolos de alvenaria, irrigando o barro com as águas do mesmo. Durante muitos anos, esse reservatório de água serviu de espaço de lazer e de subsistência para a população local.

Quando o inverno chegava, o Açude Velho, construído na década de 1950, literalmente sangrava para as roças vizinhas e as estacas que cortavam o açude ficavam todas encobertas dando a certeza de que o ano inteiro haveria de ter água para abastecer as casas. Conforme o sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.2005), “o Açude Velho foi construído pela prefeitura de Simplício Mendes. [...] As águas do açude eram utilizadas para beber, para servidão de casa, para fabricarem tijolos”.

As poucas residências do povoado Tamboril foram algumas edificadas de taipa. No lugar das vigas que hoje se coloca nos edifícios, na época usavam-se várias estacas de paus sendo envaradas as paredes de um lado e do outro e depois enchidas com barro. O teto era composto de vários caibros feitos de birro ou marmeleiro para segurar as linhas, que eram de carnaúba, e cobriam de palha de carnaúba. O chão era na terra pura. Já em outras poucas casas utilizavam-se o tijolo de alvenaria e a telha, mas conservavam as linhas de carnaúba e os caibros de birro ou marmeleiro.

A família, nesse povoado, era bastante tradicional. Pautada em princípios éticos e morais e, sobretudo na rigidez exercida pelo patriarca na condução da educação dos filhos. Essa foi a marca que os primeiros núcleos familiares deixaram na construção formal da sociedade isaiascoelhense. Ali, a instituição familiar era sólida e respaldada nos sobrenomes que cada ente herdou. Para dona Helena Pinheiro (10.07.2005),

o relacionamento dos pais com os filhos em Tamboril, nas décadas de 30, 40, 50, era tudo em paz, porque os filhos obedeciam aos pais. [...] Era debaixo da ordem dos pais. [...] Muito respeito. Nem fumavam em presença

dos pais. [...] O tratamento do pai para o filho e para a filha era tudo igual. [...] O pai representava o chefe da família. Muito respeito. [...] Era um vulto de grande valor.

No contexto social em que estiveram inseridas essas famílias, distantes dos grandes centros urbanos e vivendo em uma região castigada pela seca, estabeleciam normas consuetudinárias que tinham, entre as famílias, força de lei. Para Castelo Branco (1942,p.69),

a vida do campo, a consciência do desamparo, a certeza de contar unicamente consigo, em todas as lutas, desenvolveram no piauiense o sentido de liberdade, de coragem, de autonomia. Sua moral, entretanto, ou justamente por isto, pouco evoluiu; tem pontos de honra exagerados e intransigentes. Honestíssimo, respeitando como ninguém os direitos dos outros homens. Há um pacto inconsciente e sagrado entre os sertanejos. A vida dos desertos, eternamente insegura, forçou-o a tanto. Seus roçados ou suas choupanas são invioláveis. Podem ficar ao abandono dias e dias: ninguém ousará roubá-las.

O poder do patriarca era exercido não só sobre os seus familiares, mas sobretudo na grande quantidade de agregados que se estabeleciam nas residências desses fazendeiros. São oportunas as colocações feitas por Brandão (1995, p.100-101) em torno dos agregados e dos co-residentes:

Os agregados, que serviam na fazenda, alguns mantinham relacionamento mais próximo com as demais moradores, mas outros, embora tivessem “fogo”, lavoura e filhos na propriedade, levavam vida mais autônoma. A relação entre o senhor e os agregados baseava-se na dependência homem a homem. Eles eram protegidos do senhor a quem prestavam serviços de garantia da integridade física e pessoal e de defesa dos domínios. As pessoas co-residentes nas diversas fazendas e sítios de um mesmo senhor formavam grupos de trabalho quando a atividade requeria maior número de braços, como a vaquejada, farinhada, moagem de cana e lavoura.

Em torno dos fazendeiros havia também pessoas que eram dependentes financeiramente da proteção do “coronel” ou “major”. Em troca, esses agregados ficaram à mercê dos interesses desses, também, chefes políticos que permaneciam com grande respaldo na região. Conforme dona Helena Pinheiro (10.07.2005):

meu pai, eu me lembro que tinha três agregados que cuidavam do criatório do gado e das ovelhas. [...] Os agregados eram pagos através do criatório. Tiravam a sua porcentagem no criatório. Era a parte deles. Não era em dinheiro. Meu pai agradava muito. Tudo era agradado. Meu pai cuidava bem das pessoas que cuidava do criatório dele. Era um tempo de felicidade, de fartura. Observei muita fartura na casa paterna. Nunca faltava nada. [...] Nas outras poucas casas do povoado Tamboril existia fartura. Ninguém passava necessidade, não. Era um lugar atrasado, naquele tempo, mas que todo mundo vivia independente. O mais pobre vivia independente nas suas casinhas. Muita paz e muito sossego.

As fazendas localizadas nas vastas áreas que pertenciam anteriormente às Fazendas Nacionais e que passaram ao domínio de particulares pelos títulos de posse dados pelo Estado estavam, a maioria delas, próximas a riachos e lagoas. Os riachos que cortavam as fazendas eram o das Carreiras, do Mocambo, do Olho D'Água, das Casas Velhas; bem como as lagoas situadas nessas propriedades, a Lagoa Comprida, da Pedra, da Melancia, da Areia e do Surrão.

O riacho de destaque na cidade de Isaiás Coelho é o **Riacho das Carreiras**. Com as suas cheias no período de inverno, deixa nas suas encostas poças de água que ajudam aos proprietários vizinhos no processo das vazantes. Esse riacho, vale destacar, servia também para abastecer as residências locais de água potável, pois era o local de mais fácil acesso para se obter água. Caso contrário, somente se obteria água nos poços.

Havia três **poços** pertencentes a proprietários particulares, o de Evêncio Pereira Rocha, Leonício Vieira de Moura e José Rodrigues de Sousa, uma cacimba pertencente à comunidade que fora tirada de uma propriedade do sr. Estevão Pinheiro e a cacimba pertencente ao comerciante Acelino Pinheiro.

Destaca-se os relatos do sr. Joaquim Pereira Rocha (30.08.2005) sobre o Riacho das Carreiras:

O Riacho das Carreiras fornecia água para as pessoas utilizarem nas residências e, além disso, depois do inverno ficavam águas ancoradas e as pessoas que tinham propriedades próximas ao riacho utilizavam as águas para aguarem as vazantes.

Outro tipo de reservatório de água encontrado em Tamboril, geralmente localizado nos

Talhados, era uma grande quantidade de **caldeirões**⁸. Desses caldeirões, os habitantes utilizavam da água para beber, comer, tomar banho e lavar roupas. Situavam-se em diferentes lugares, destacaram-se os que ficam por trás do Morro de Tantan, Latadinha, por trás da antiga capela, o Caldeirão das Flores, o Caldeirão dos Martins, o Caldeirão da Pedra Branca dentre outros.

Há de se destacar, ainda, que em Tamboril não houve preocupação do Estado em eletrificar a zona urbana do povoado. Durante décadas a população iluminou as suas residências utilizando-se de lamparinas embebidas em querosene. Somente em poucas casas usava-se o petromax.

As imagens da cotidianidade ainda estão muito nítidas. Os quadros rurais parecem ainda muito impregnados pelas lembranças dos espaços/tempos. Adentrando nos espaços através da memória do cidadão desta comunidade percebeu-se que a própria arquitetura ficou congelada, não abandonou as formas antigas.

Ainda convivem com a malha urbana imagens de um passado muito presentes. Desde a sua arquitetura até os cochichos debaixo das árvores, as conversas nas escadarias da igreja que colocam o homem em dia com os fatos locais, as cadeiras nas calçadas ao entardecer. Enfim, o cotidiano impregnando a vida de singularidades próprias desse grupo. Segundo disserta Magaldi (1999, p.16),

a arquitetura das cidades compõe, de um modo geral, um conjunto de dados que permitem uma aproximação real do presente com o passado. É com o resultado do esforço feito pelas permanências e transformações que as sociedades constroem, ao longo do tempo, a sua imagem.

Estas imagens que foram construídas pelo tempo deixaram vestígios nos espaços públicos da cidade e, com base neles, foi possível revelar o que havia por trás de cada uma.

⁸Reservatórios de água que se alojavam durante os períodos de chuva entre as rochas e que foram utilizados pelos habitantes de Tamboril, durante os períodos que não choviam. Nos Talhados deste povoado havia muitos buracos nas pedras e, com isso, a natureza permitia que as águas ficassem dias e até meses nesses reservatórios.

Registra-se que, durante os primeiros anos do séc. XX, as distâncias entre os povoados e cidades do interior piauiense eram rompidas através de transportes feitos em animais, pois não havia estradas suficientes que viabilizassem o tráfego de veículos.

Em Tamboril, localizado na contramão das estradas que cruzam as pequenas e grandes cidades do país, o que havia eram estradas carroçais, fato que ainda permanece até hoje. Durante os meses chuvosos era impraticável romper essas estradas que dão acesso à cidade de Picos e às cidades de Simplício Mendes, Campinas do Piauí, Conceição do Canindé, São João do Piauí, Patos do Piauí, Jacobina do Piauí e Itainópolis.

O acesso a Tamboril, nas décadas de 1930 a 1970, nos períodos chuvosos, era feito através de uma estrada carroçal que rompia as matas pela fazenda da Maria Preta, pertencente ao município de Jaicós-Pi e percorrendo alguns quilômetros saía-se na fazenda Palma, em Cajueiro, povoado também de Jaicós-Pi, daí em diante rompia-se as chapadas até chegar no antigo povoado Gambá, hoje cidade de Vera Mendes-Pi.

As doenças eram na maior parte dos casos curadas através do tratamento com ervas e raízes do mato, bem como através de garrafadas feitas de plantas locais. Vê-se que não havia nem médico e nem posto de saúde para as eventuais necessidades. Em outras casas, as crendices populares permearam a sabedoria empírica desse homem do povoado Tamboril.

Somente na cidade mais próxima, Simplício Mendes, havia o médico de grande respaldo em todo o Piauí, o médico Isaías Rodrigues Coelho (1890-1960). Já em Tamboril, o sr. Evêncio Pereira da Rocha (1919-1987) fazia às vezes de um médico e dentista práticos que, mesmo não tendo o título acadêmico, muitas vezes extraía dentes e quando de fraturas e acidentes colocou braços e pernas no lugar, usando, ao invés de gesso, talos de carnaúba com tiras de sola e medicava os pacientes com penicilina e outros antibióticos. O sr. Evêncio exercia o seu ofício também nas localidades vizinhas. Segundo dona Helena Pinheiro (10.07.2005), “as doenças eram tratadas em Simplício Mendes com o Dr. Isaías Coelho. O transporte para ir era de animal. Não tinha carro, naquela oportunidade. [...] Todos se tratavam em Simplício Mendes. Com muita dificuldade”.

1.5. Surgimento político de Isaías Coelho

O Grande Khan contempla um império recoberto de cidades que pesam sobre o solo e sobre os homens, apinhado de riquezas e de obstruções, sobrecarregado de ornamentos e incumbências, complicado por mecanismos e hierarquias, inchado, rijo, denso. “É o seu próprio peso que está esmagando o império”, pensa Kublai, e em seus sonhos agora aparecem cidades leves como pipas, cidades esburacadas como rendas, cidades transparentes como mosqueiros, cidades-fibra-de-folha, cidades-linha-da-mão, cidades-filigrana que se vêem através de sua espessura opaca e fictícia.

(CALVINO,1990,p.69-70)

Como se percebe nas leituras deste fragmento, Kublai Khan sonhou com diferentes cidades e, em cada uma, havia peculiaridades que as distinguiam, apesar de serem parecidas. A metáfora do “peso” que cada cidade tem é a chave que possibilita o acesso a elas. De uma cidade para outra o desejo de decifrá-las.

As singularidades de cada cidade são absorvidas pelas pessoas que convivem no seu cotidiano. Cada traço arquitetônico traz em si as marcas de um tempo que impregnam o cenário rural ou urbano de uma comunidade. O que faz com que um núcleo humano se transforme em uma **cidade/documento** é a própria capacidade que tem de “atrair pessoas para o seu campo magnético”, como afirma Rolnik (2004,p.12).

E como um ímã a cidade possui os seus encantos, os seus segredos, as suas lendas, as suas tradições, os seus costumes, os seus olhares fugidios, enfim, em cada esquina das ruas as sombras de um tempo. É nestas sombras onde se percebe as mudanças na sociedade.

Em cada cidade adjetivada no trecho em epígrafe de **As cidades invisíveis**, por Kublai Khan, poder-se-ia associar algo ao município que agora surgia, **Isaías Coelho**. Por força da lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963 a cidade recebia a sua emancipação política. Situada a 40 km do município-mãe, Simplício Mendes-Pi.

Assim como as cidades surgiram como um sonho para o Grande Khan, este município surgiu do desejo que os seus habitantes tinham de ter o sonho realizado, pois com a emancipação política poder-se-ia incorporar ao cenário urbano as instituições públicas.

A cidade surgiu como um novo discurso. Voltada, agora, para a redefinição dos contornos urbanos, para a modernização, para a chegada de professores, para a presença de

edifícios que trariam consigo as marcas do Estado como a Prefeitura Municipal, o Mercado Público, a Delegacia de Polícia, o Posto de Saúde e outros.

Em relação ao processo eleitoral ainda em Tamboril, o povoado recebia as principais lideranças partidárias vindas de Simplício Mendes. Para acalurar a disputa pelo voto, os candidatos a prefeito mandavam compor músicas para serem cantaroladas pelos eleitores mais ferrenhos.

No dia marcado para ocorrerem as eleições, vinha uma urna de Simplício Mendes para o povoado. No transcorrer do dia aglomeravam-se várias pessoas nas poucas vielas que havia. Era um dia singular, pois além dos eleitores colocarem as suas melhores roupas para votar, significava um motivo de festa para aqueles habitantes. A disputa eleitoral era marcada pela tranquilidade, não havia brigas para inviabilizar o processo eleitoral.

Cabe ressaltar, ainda, o pouquíssimo grau de instrução daqueles eleitores, pois nas primeiras décadas do século XX inexisteram escolas em Tamboril. Uma marca oriunda das velhas oligarquias presentes no processo eleitoral foi o **voto de cabresto**. Conforme o sr. Joaquim Pereira Rocha, “havia muito movimento, na época das eleições. O pessoal das fazendas vinham a cavalo para votar. Era um grupo de cavaleiros. Tomavam umas cachaças. Havia muita farra, viu”.

Configurou-se, nessa estrutura social, uma relação de poder permeada pelas elites agrárias. Esse quadro social marcado pelo poderio dos fazendeiros e comerciantes locais estabeleceu o domínio em todos os segmentos da cidade de Isaías Coelho. Além do poder material que os fazendeiros e comerciantes possuíam, firmou-se, através das alianças entre os grupos familiares do povoado, um poder político local que se fortalecia e almejava uma representação na Câmara Municipal da cidade de Simplício Mendes-Pi. Conforme a dona Helena Pinheiro (10.07.2005):

os principais chefes políticos do povoado Tamboril era o meu pai, Acelino Pinheiro, o Evêncio Pereira da Rocha, o Leonício Vieira de Moura, esse era de Simplício Mendes e morava em Tamboril. Na minha lembrança era só esses. [...] Eles tinham muita influência na política de Simplício Mendes. [...] Em época de eleição, os políticos sempre andavam no povoado. O Arnaldo Carvalho, que foi prefeito de Simplício Mendes, ele era muito amigo de meu pai. Então, ele encarregava o negócio de votação a meu pai. E na época de eleição ele entregava tudo até o sentido da alimentação dos eleitores. Nessa época, usava dar comida aos eleitores. Iam votar e chegavam com a barriga cheia. Minha mãe, Raquel Pinheiro, era quem cuidava dos eleitores do senhor Arnaldo. Ele tinha muito voto em Tamboril. [...] Eu me lembro nas eras de 1940 e 1950.

Como se vê, nas lembranças de dona Helena, os grupos dominantes da comunidade de Tamboril puderam ser colocadas em evidência histórica. Constatou-se que “o negócio da votação” que a entrevistada enfoca foi uma das marcas da eleição local. O chefe político da região ficava encarregado por tudo, inclusive a comida para os eleitores. Em contrapartida recebia os benefícios do político.

Observa-se, ainda, que dona Helena lembrou de duas décadas das eleições a de 1940 e 1950 em que a cidade de Simplício Mendes se beneficiava dos votos dos cidadãos de Tamboril. Outra marca que fica evidente, nos depoimentos, foi o voto de cabresto nesta comunidade.

Com a candidatura dos vereadores pertencentes a Tamboril à Câmara Municipal de Simplício Mendes-Pi, passou-se a definir uma nova postura política. Houve, pela primeira vez, representantes do Poder Legislativo reivindicando a emancipação política, bem como melhorias para os habitantes de Tamboril. Um dos vereadores a ocupar por várias vezes uma cadeira no legislativo de Simplício Mendes foi o sr. **Leonício Vieira de Moura**. Eleito durante os mandatos de 21.04.1948 a 30.01.1951, 31.01.1951 a 30.01.1955, 31.01.1955 a 30.01.1959, 31.01.1959 a 29.03.1962 e 31.01.1963 a 30.01.1967, defendeu a emancipação política de Tamboril durante o período que esteve no cenário político, pois já havia condições estruturais de tornar o povoado independente da cidade de Simplício Mendes.

Outro vereador que se manteve favorável à emancipação política de Tamboril foi o sr. **Otílio Manoel Rodrigues**. Eleito para o mandato de 31.01.1959 a 29.03.1962 e presidente da Câmara Municipal de Simplício Mendes de 29.03.1962 a 30.01.1963. Ajudou a solidificar o processo de emancipação de Tamboril.

Os moradores do povoado começaram a reivindicar o direito de verem a sua terra natal emancipada. Com as credenciais exigidas para a sua emancipação política teve na pessoa do ex-deputado estadual **Nelson Moura Fé**⁹, da cidade de Simplício Mendes e do ex-prefeito **Ney Madeira Moura Fé**¹⁰, da cidade de Simplício Mendes, os também defensores da sua autonomia administrativa. Mas foi somente em 09 de dezembro de 1963, com a lei nº 2.549, que ocorreu a elevação à categoria de cidade de Isaías Coelho-Pi.

⁹Ex-Deputado Estadual do Piauí nos anos de 1963 a 1966. Natural da cidade de Simplício Mendes-Pi..O projeto de lei da emancipação de Isaías Coelho foi de sua autoria.

¹⁰Ex-Prefeito de Simplício Mendes-Pi, nos anos de 1963 a 1967, 1973 a 1977 e vice-prefeito de 1989 a 1992. Foi um dos principais defensores da emancipação política do município de Isaías Coelho.

O novo município, de acordo com o artigo 6º da mesma lei, constituiria termo judiciário da Comarca de Simplício Mendes, onde se encontrava um Cartório de Registro Civil, na forma de organização judiciária do Estado do Piauí.

O topônimo a ser dado a Tamboril dividiu a população local, pois uma parte dos habitantes queria que o povoado recebesse o nome de **Daniel Gomes**, em alusão ao cearense que primeiro se estabeleceu nesta localidade; já uma outra parte abraçou a idéia de dar ao novo município o nome de **Isaías Coelho**, em homenagem ao médico Isaías Coelho que prestou os seus serviços na cidade de Simplício Mendes, bem como às pessoas que saíam de Tamboril à procura de tratamento médico. Segundo relatos da dona Helena Pinheiro (10.07.2005):

foi pelo pessoal da cidade. Uns queriam Daniel Gomes Pinheiro, que era o grande chefe. Outros; Isaías Coelho. A maior parte venceu que foi Isaías Coelho e deram o nome. Então, veio a ordem de Teresina. [...] Foi dado o nome de Isaías Coelho por que teve maioria. Verdade. [...] O meu desejo era que fosse Daniel Gomes Pinheiro por que era o chefe da família de Tamboril. [...] minha preferência. [...] Era o mais velho que chegou aqui.

Percebeu-se nos recortes da memória em torno da política que a escolha não foi a mais apropriada para a entrevistada. Isto se evidencia quando ela deixa bem claro nas suas declarações “foi pelo pessoal da cidade” e “por que teve maioria”, mas a preferência pelo nome de Daniel Gomes Pinheiro teria, pois, uma explicação plausível, uma vez que foi o primeiro homem a se estabelecer na região onde hoje se localiza esta cidade. Ratificando este tipo de questão sobre a memória política, assim expressa Bosi (1994,p.453):

na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a.

A testemunha que presenciou os fatos não se conteve em colocar em evidência histórica apenas as informações em torno da escolha do nome para a cidade, foi mais além, apresentou a sua preferência de que o nome do município se chamasse Daniel Gomes Pinheiro.

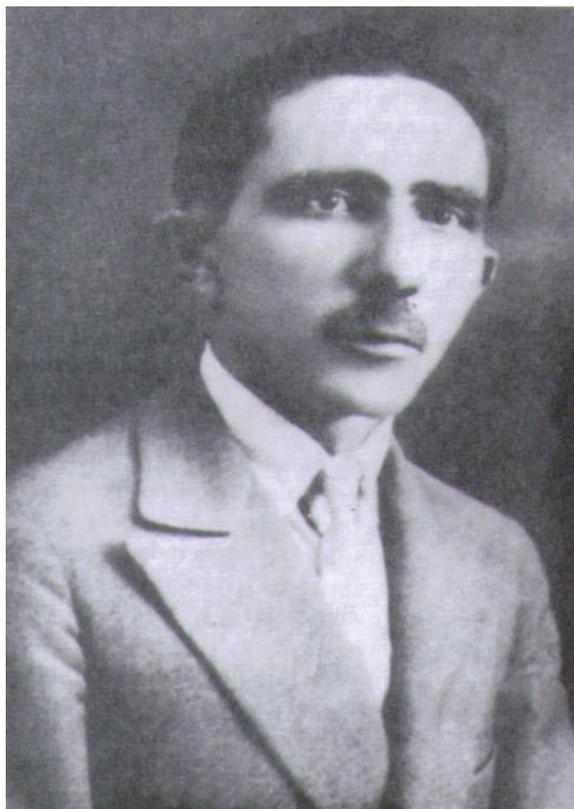


Ilustração 07. Dr. Isaías Rodrigues Coelho (20.10.1890/21.01.1960)

Fonte: Livro Família Coelho Rodrigues: passado e presente, de Abimael Clementino Ferreira de Carvalho

O respeito construído em torno da figura do Dr. Isaías Rodrigues Coelho deve-se aos seus conhecimentos na Medicina, em uma época em que não havia recursos laboratoriais e clínicos, e também, à coragem e humildade em se estabelecer no interior do Estado do Piauí, especificamente no povoado Caridade, hoje município de Simplício Mendes-Pi. Louvável de sua parte em renunciar aos encantos das metrópoles e fincar as suas raízes numa pacata cidade piauiense.

Além disso, o Dr. Isaías Coelho comandava a política local da cidade de Simplício Mendes. Nota-se, pela literatura em torno dele, que havia por trás do médico também um articulador político, bem como um coronel que ditou as regras naquela cidade. De acordo com Carvalho (1987,p.408), “na política local era uma espécie de fiel da balança: ganhavam sempre as eleições aqueles que contavam com o seu apoio”.

Para Moura (2001,p.59):

embora fosse um político de militância discreta. Dr. Isaías Coelho era querido e respeitado pelas correntes políticas que disputavam o poder municipal. Tinha, entretanto, maior aproximação com os partidários do PSD, que não tomavam qualquer decisão sem antes consultá-lo e receber o seu aval.

Com a criação do município de Isaías Coelho, a preocupação foi a filiação partidária, para depois elegerem os representantes políticos tanto para o Executivo quanto para o Legislativo. Na disputa eleitoral de 15 de março de 1964, pela Prefeitura, duas siglas participaram do pleito: a UDN e o PSD. A polarização política ficou restrita a dois candidatos, o candidato da UDN, o sr. **Nelson Lopes Buenos Aires** e o candidato do PSD, o sr. **Otilio Manoel Rodrigues**.

Foi eleito o primeiro prefeito da cidade de Isaías Coelho, o sr. Nelson Lopes Buenos Aires, do Partido UDN que assumiu a prefeitura em 19 de abril de 1964. Enquanto o legislativo municipal foi composto pelos seguintes vereadores: José Rodrigues de Alencar, Carlindo José da Rocha, Euclides Rodrigues de Sousa e Líbano Martinho Vera que passaram a ocupar uma cadeira na **Câmara Municipal** de Isaías Coelho.

Com a aprovação do Projeto de Lei nº 07, de 06 de outubro de 1964, o prefeito foi autorizado a dar nomes às poucas ruas que existiam, em torno da Igreja de Nossa Senhora de Santana. A primeira rua recebeu o nome de Daniel Gomes. A outra rua recebeu o nome de Antônio Marques, em alusão a um dos fazendeiros da época.

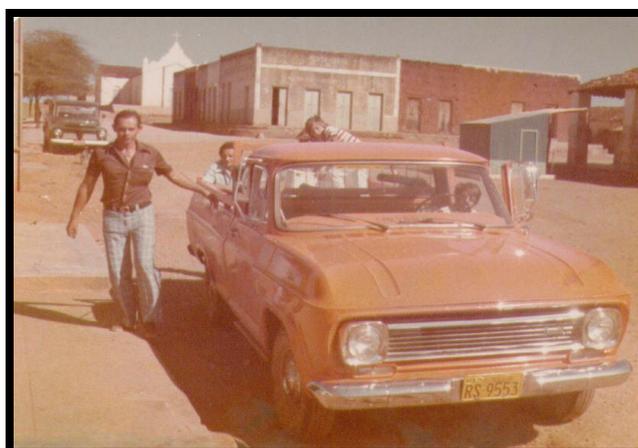


Ilustração 08. Trecho da Rua Daniel Gomes (s/d)
Fonte: Arquivo particular de Francisco das Chagas Passos

1.6.Primeiras marcas escolares

Somente foi possível efetuar o registro das imagens das primeiras marcas educacionais em Isaías Coelho através da memória coletiva dos seus habitantes. Foram os ex-alunos que trouxeram as primeiras notícias da **cultura escolar** evidenciada no povoado e que foi direcionada pelos **mestres-escola** responsáveis pela implantação da cultura letrada no antigo povoado.

Assim, nesse primeiro momento do processo educacional, os **fazendeiros** e **comerciantes** locais responsabilizaram-se pela instrução, financiando o ensino de primeiras letras para os seus filhos. Isso ocorreu através da contratação de mestres-escola de Simplício Mendes-Pi e, também, da própria comunidade, que firmaram contratos de trabalho por tempo determinado para ensinarem os filhos de fazendeiros e comerciantes a ler, escrever, contar e lições de civismo e história.

Os mestres-escola que se estabeleceram no povoado Tamboril marcaram o início da educação escolar local. Sem terem as credenciais acadêmicas para tal ofício, pontuaram as suas práticas pedagógicas utilizando métodos didáticos próprios. Esses homens-escola conseguiram, com o uso da cartilha de ABC e da tabuada, desenvolver suas atividades.

Portadores de limitações, esses autodidatas que percorriam o interior do Estado do Piauí, fizeram com que as crianças se familiarizassem com a leitura, a escrita e as quatro operações matemáticas. A pequena população local necessitava desses conhecimentos para uma participação efetiva na vida social, todavia, o ingresso no mundo da escrita foi um privilégio de poucos em Tamboril, no período em estudo. Somente os filhos dos fazendeiros e comerciantes locais tiveram, inicialmente, o acesso a esse saber.

Por não haver uma estrutura capaz de criar condições que viabilizasse a construção de uma **unidade escolar** em Tamboril, a educação ficou durante anos a cargo dos mestres-escola. Somente na década de 1930 chegou a primeira professora pública, dona **Lusia Reis Santos**, professora leiga oriunda da cidade de Jaicós-Pi, que teve seus serviços pagos pela Prefeitura Municipal de Simplício Mendes. Iniciou-se a ampliação do acesso à escola, com uma participação maior da população local, uma vez que mais crianças tiveram acesso às primeiras letras. Segundo a filha de Lusia Reis Santos, dona Iolanda Reis (12.07.2005), “a minha mãe tinha o dom de ensinar. Ela falava para a gente que o estudo eleva as pessoas. Infelizmente a minha mãe dedicou muitos anos ao magistério, mas não conseguiu se aposentar como professora”.

As aulas ministradas pela professora Lusía Reis Santos aconteceram na sua própria residência. Na escola de dona Lusía Reis Santos, os alunos assistiam às aulas fardados e, de acordo com ex-alunos, existia a **palmatória** e era utilizada quando determinado aluno errava as lições. Conforme depoimentos de dona Iolanda Reis, a sua mãe permaneceu em Tamboril até o ano de 1951, quando dali partiu para a cidade de Simplício Mendes.

A **casa-escola**, local onde funcionavam as aulas, foi uma residência familiar adaptada para receber os alunos. Aquele espaço de propagação de conhecimentos foi direcionado por uma única professora que estabelecia as normas disciplinares. Sob o comando da professora Lusía Reis Santos, o modelo casa-escola não foi suficiente para atender à quantidade de crianças existentes, sendo, contudo, na época, um grande avanço na educação local.

Com o aumento da clientela, os pais uniram-se e resolveram solicitar um salão para receberem mais crianças. O **salão-escola**, de propriedade do “major” Acelino Pinheiro, teve os aluguéis pagos pela Prefeitura Municipal de Simplício Mendes. Localizava-se próximo ao comércio do sr. João Pinheiro, no centro do povoado. Esse salão-escola, sob a denominação **Escola Isolada**, herdou o modelo das práticas estabelecidas na casa-escola de dona Lusía Reis Santos. Houve, nesse salão-escola, crianças com diferentes idades e avanço escolar heterogêneo, assumindo um cunho **multisseriado**.

A então **Escola Isolada de Tamboril** permaneceu em funcionamento até à elevação do povoado à categoria de município de Isaías Coelho-Pi. Com a criação do município através da Lei nº 2.549 de 09 de dezembro de 1963, publicada no Diário Oficial do Estado do Piauí, em 16 de dezembro de 1963, o artigo 5º dessa lei eleva a **Escola Isolada de Tamboril** à categoria de **Escolas Reunidas**, com a denominação de **Moura Fé**. Segundo Lopes (2001, p.117):

Escolas reunidas era, então, a etapa primeira, e muitas vezes duradoura, da constituição de um grupo escolar, embora não fosse necessária. O modelo escolas reunidas terminou de uma etapa da constituição dos grupos, constituindo-se em uma alternativa definitiva de escola, por ser menos onerosa, e intermediária entre a casa-escola e o grupo escolar. Daí a dominância desse modelo durante toda a primeira fase de implantação dos grupos escolares.

A Escola Reunida de Tamboril nada trouxe de mudanças para o povoado, somente o ingresso de outra professora leiga, a sr^a. **Maria Vilani Pinheiro** para ajudar a professora **Maria Delzuita Andrade de Sousa Marques**. Afora isso, nada mudou no quadro escolar. O

que se esperava da elevação à Escola Reunida eram mudanças estruturais, no entanto, as averiguações feitas nos documentos da antiga Escola Isolada, como os **boletins mensais** e os **livros de registro de matrícula** indicam que não houve alterações na organização e financiamento da escola. Mesmo depois do novo rótulo, as professoras ainda continuavam especificando o nome de Escola Isolada de Tamboril, tanto no início da abertura da página para processarem as matrículas, quanto nos termos de encerramento dos mesmos. E o mesmo acontecia com os boletins mensais que informavam a situação em que se encontrava a escola e o número de evasão escolar.

O conhecimento dos aspectos sócio-político-econômico-culturais do município de Isaías Coelho torna-se importante para que se tenha melhor compreensão e entendimento de como foram os primeiros passos rumo ao início da educação escolar local. A par disso, constatou-se a presença de homens e mulheres que fincaram as bases do processo educacional em horizontes rurais. Sabe-se, no entanto, que tais mestres-escolas combinaram as asperezas do meio circundante com as suas práticas pedagógicas. Nessa reconstrução histórica, muito do que estava guardado na memória dos seus habitantes foi revelado. “Tudo miúdo recruzado” como disse João Guimarães Rosa, em seu livro Grande Sertão: Veredas.

2. RAÍZES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO EM ISAÍAS COELHO-PI: OS PRIMEIROS EDUCADORES (1935-1947)

[...]. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Currálinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino. [...]. Mestre Lucas. Ele me olhou, um tempo – era homem de tão justa regra, e de tão visível correto parecer, que não poupava ninguém: às vezes teve dia de dar em todos os meninos com a palmatória; e mesmo assim nenhum de nós não tinha raiva dele.

(ROSA,1986,p.7)

2.1. Trajetória do modelo de ensino mestre-escola: de Portugal ao Brasil

Entendendo o modelo educacional português, ter-se-á uma melhor compreensão de como se deu a apropriação da instrução no Brasil. Assim, de acordo com as posições levantadas por Nóvoa (1987,p.417):

a situação educativa em Portugal, no que se refere ao ensino da leitura e da escrita, caracteriza-se até meados de Setecentos por uma grande diversidade (a situação no ensino secundário, perdoe-se-nos o anacronismo da expressão, é bastante diferente devido à acção dos jesuítas). As situações escolares são muito distintas, estando sujeitas, na maior parte dos casos, a uma negociação pontual entre os mestres e os pais das crianças (e/ou as comunidades) ou entre os mestres e as autoridades locais, com quem são celebrados verdadeiros contratos de trabalho. Um único denominador comum: toda a acção educativa é supervisionada pela Igreja.

A criação e expansão de escolas de ler e escrever na nação lusitana veio aos poucos firmar a participação de **mestres-escola** no comando do ensino. Segundo Nóvoa (1987, p.418), citando uma estatística de 1552 de Lisboa:

Na Época Moderna os mestres-escola eram relativamente numerosos, contrariamente ao que costuma afirmar-se: uma estatística da cidade de Lisboa de 1552 menciona a existência de trinta escolas de ler e escrever,

onde há cinco ou seis mil crianças; em 1620 este número elevava-se já a sessenta Mestres que ensinavam a ler e escrever meninos.

A gênese da profissão docente, em Portugal, está ligada ao mestre-escola. Entretanto, na sua conceituação, era tido como profissional de baixa formação educacional. Num texto de João de Barro, de 1540, mencionado por Nóvoa (1987,p.418), há o perfil destes homens-escola que se estabeleciam em vilas e cidades:

Uma das coisas menos olhada que há nestes reinos, é consentir em todas as nobres vilas e cidades, qualquer idiota e não aprovado em costumes de bom viver, pôr escola de ensinar meninos. E um sapateiro que é o mais baixo ofício dos mecânicos: não põe tenda, sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danar a sua pele e não o cabedal alheio, e maus mestres deixam os discípulos danados para toda a sua vida.

“Abaixo, pois o mestre-escola!”, essa frase de um texto de 1904, de Manuel Antunes Amor, citado por Nóvoa (1987,p.418), sintetiza o quanto o mestre-escola foi um profissional indesejável em Portugal, mesmo estando ligado à etapa inicial da profissionalização docente. Registra-se que, além do minguado saber que possuía, não gozava de nenhuma regalia social. Para Nóvoa (1987,p.418):

o mestre-escola dos séculos XVI e XVII, indivíduo sem nenhuma preparação para o exercício da actividade docente e com um estatuto sócio-económico muito baixo, irá ser um antepassado indesejável para sucessivas gerações de professores do ensino primário que, a cada instante, procurarão exorcizar este fantasma, ligado à gênese da sua profissão.

Com a estatização do ensino em Portugal e as reformas implantadas pelo Marquês de Pombal, no ano de 1772, o Estado português avoca o controle e a coordenação das atividades escolares e “assim se transferiu o mister da educação, do sacerdócio e superintendência da Igreja para a burocracia e superintendência do Estado. O estado fez-se Mestre-Escola” (Nóvoa,1987,p.419).

Ao assumir a responsabilidade pela escolarização, o Estado português obrigou os mestres, públicos e privados, a obterem uma habilitação legal para o ensino que se

consolidava com um exame público. Este exame era um dos requisitos para o indivíduo ocupar uma vaga na docência e, conseqüentemente, exercer o seu ofício.

Se, porventura, um indivíduo fosse pego ministrando aulas sem as credenciais dadas pelo Estado português era punido com o **crime de prevaricação**. Conforme Nóvoa (1987, p.420):

um preceito legal vai ser decisivo (...) na disposição da Reforma de 1772 que obriga todos os mestres, públicos e privados, a possuírem uma habilitação legal para o ensino, a qual é concedida após um exame público. Esta licença vai funcionar como suporte legal para o exercício da actividade docente, é a arma mais importante que os mestres vão utilizar para confirmarem a sua condição de especialista e de profissão de ensino.

A reforma de 1772 praticamente expulsou o mestre-escola, em Portugal, do processo educacional, pois somente os **mestres-régios** poderiam ensinar. Mesmo assim, conforme Nóvoa (1987), os mestres-escola passaram a exercer o ofício na clandestinidade.

Foi somente no final do século XVIII, marco importantíssimo para o processo educacional em Portugal, que os mestres-escola aos pouco vão cedendo lugar para o aparecimento dos mestres-régios de ler, escrever e contar. Tudo isso se deve às reformas introduzidas pelo Marquês de Pombal e no bojo de tais mudanças, trouxe a instituição do **subsídio literário**, que objetivava impulsionar o ensino tanto na metrópole lusitana quanto nas colônias pertencentes à extensão do território português. Para Nóvoa (1987,p.420):

os mestres-régios vão reclamar a sua condição de especialistas do ensino e a sua dependência exclusiva do aparelho de Estado no sentido de obstem a uma intervenção das populações na “coisa educativa”. Às comunidades locais, pelo seu lado, vão firmar que os mestres-régios são pagos com o seu dinheiro (através da cobrança do subsídio literário) e que, portanto, estes têm que lhes prestar contas.

Assim, com apoio nos enfoques dados ao início do processo educacional em Portugal, a instrução repassada na colônia brasileira foi entregue nas mãos dos **clérigos católicos** entre os anos de 1549 a 1759, para promoverem a dilatação da fé e a conseqüente catequização das almas.

Os jesuítas foram, de acordo com as lições históricas, os primeiros responsáveis pela educação realizada no Brasil. Respaldados pela máquina lusitana, bem como pelos colonos que aqui estiveram. Nas palavras de Brzezinski (1987,p.20):

As “escolas de ler e escrever”, no entanto, serviam apenas como instrumento de catequese e como base de organização do sistema de ensino, vez que os jesuítas tinham, como objetivo fundamental, a expansão do ensino nos colégios e seminários para formar as elites, o que foi sendo, progressivamente, realizado. Respeitando a forte escala hierárquica de seu plano pedagógico os seminários preparavam eclesiásticos e os colégios eram destinados aos leigos.

Ressalta-se que durante as etapas de desenvolvimento das sociedades, em épocas distintas, fez-se necessário compreender de que maneira surgiu, se estruturou e se proliferou as atividades docentes. Conforme Nóvoa (1987,p.415):

o modo como a função docente se separou do conjunto das outras funções desempenhadas pelas famílias e pelas comunidades, tendo sido confiada a um grupo de indivíduos que passaram a ter a responsabilidade de ensinar às crianças um certo número de conhecimentos, de técnicas e de comportamentos (e de transmitir através deles os elementos, e os valores de uma dada cultura), é um dos capítulos mais apaixonantes da História da Educação.

Ainda segundo as lições de Nóvoa (1987,p.417), “a caracterização sociológica dos mestres-escola não é muito fácil, devido à grande heterogeneidade dos indivíduos que exerciam actividades docentes”. Assim, continua Nóvoa (1987,p.417-418),

havia um pouco de tudo: Artesão que, paralelamente ao seu ofício ensinam as crianças a ler e, por vezes, a escrever(...), Particulares que, sobretudo nas cidades, dão lições privadas nas casas dos nobres e dos burgueses ricos, frequentemente a troco de uma simples refeição; Trabalhadores que, impedidos de exercer actividades desgastantes do ponto de vista físico, recebem crianças em suas casas. Homens ligados a vida religiosa, membro de uma congregação religiosa ou ajudantes dos párocos.

Apesar da heterogeneidade dos mestres-escola abordados por Nóvoa (1987,p.417), no exercício da atividade docente, eles foram, sem dúvida, um antepassado que, através deles, formou-se um modelo de professor local, ou seja, surgiu uma nova geração de profissionais do ensino.

No **Piauí**, tivemos uma presença significativa de mestres-escola em várias localidades. Isso se deve ao fato dos poderes públicos não assegurarem ao cidadão condições mínimas de educação, ficando o setor educacional entregue nas mãos da **iniciativa privada**.

Um registro marcante sobre a educação no Piauí oitocentista foi bem elucidado por Costa Filho (2006), que registra a educação desenvolvida numa escola do sertão e, conseqüentemente, a estada de mestres-escola itinerantes contratados por fazendeiros para alfabetizarem os seus filhos. Tal coincidência ocorreu em Tamboril, onde se teve também a educação entregue nas mãos da iniciativa privada. Discorrendo sobre o encargo educacional nas mãos dos fazendeiros, Costa Filho (2006,p.143) afirma que:

a prática foi institucionalizada pelos fazendeiros. Quando seus filhos atingiam idade escolar, ocorria o contrato dos serviços de um mestre-escola. Também ao contratante cabia providenciar uma casa para acomodar o professor e servir de espaço para as aulas. Geralmente era uma construção de taipa, chão de batido e cobertura de palha. Os móveis resumiam-se a uma grande mesa, com um imenso banco de madeira sem encosto, onde as crianças se acomodavam para receberem as aulas. No meio da sala, sentado ou recostado à rede armada, o mestre tomava as lições dos alunos que ficavam em pé ou sentados em uma cadeira ao lado.

Percebe-se que, entre 1850 e 1889, os fazendeiros piauienses, para verem os seus filhos letrados, tiveram que assumir o encargo pela educação nas localidades onde residiam. No Piauí, a prática de avocar a educação para as mãos da iniciativa privada foi comum em muitos núcleos de povoamento espalhados pelo Estado afora, privando, com isso, as demais pessoas da comunidade a terem acesso ao conhecimento onde ocorria a institucionalização do saber por parte dos fazendeiros.

Como se pôde constatar, através dos registros acima, na contratação de um mestre-escola as despesas não se resumiam somente ao pagamento sobre os serviços prestados por ele, mas, também, o contratante deveria dar condições de acomodações para que se sentisse atraído pela nova localidade.

Em Tamboril ocorreu algo semelhante, pois como era difícil aparecer um mestre-escola na região, os fazendeiros e comerciantes abriam precedência para alguns poucos amigos e familiares próximos. No povoado, os mestres-escola que por lá estiveram, segundo depoimentos de ex-alunos, foram verdadeiras autoridades durante o período da escolarização.

Para Costa Filho (2006,p.148-149) os mestres-escola foram por toda a Província “a maior manifestação educacional”, além de repassarem “o ensino de primeiras letras e de práticas cotidianas necessárias à vida no meio rural” ensinavam ainda “os valores e os princípios da sociedade do sertão nordestino”.

Percebeu-se, pela literatura existente, que o fenômeno dos mestres-escola se espalhou pelos mais longínquos rincões do Estado do Piauí. Conforme as lições de Melo (1983,p.139-140), as notícias mais remotas acerca da instrução no Estado do Piauí remontam ao século XVIII, e ficaram a cargo dos mestres-escola. Nesses relatos, aborda-se a presença dos mestres-escola na cidade de Campo Maior-Pi e nas suas localidades próximas:

Oficialmente se sabe que o século XVIII não houve qualquer escola no Piauí. A afirmação não é bem exata. Não houve Escola Pública, mas os mestres-escola foram muitos. Em Campo Maior e seus arredores, documentos de meados do século, chamam a atenção para o número dos que, mesmo mal, sabiam ler e escrever. É que a instrução era uma espécie de exigência cultural da época. Os ricos mantinham em suas fazendas um mestre-escola que, em horas vagas também instruía os servidores adultos da fazenda. Em quase uma centena de documentos do cartório de Campo Maior, a grande maioria dos que fizeram qualquer forma de remações, e, entre eles encontramos roceiros, vaqueiros, etc. A instrução se dava na casa da fazenda por gente contratada para isto, ou na povoação, onde o vigário, em sua casa paroquial ensinava a gramática, lições de latim e Francês e a doutrina cristã. Os filhos de ricos iam completar seus estudos na Ilha do Maranhão, na Bahia e às vezes em Portugal.

Nas afirmações de Melo (1983), viu-se que só quem tinha condições de arcar com o ônus da educação eram os fazendeiros, pois além de serem portadores de poder local eram, ainda, responsáveis em introduzir mestres-escola itinerantes nas suas dependências. Poder-se-ia, no entanto, ter-se uma explicação para a institucionalização da educação por parte dos fazendeiros.

Um recorte deve ser feito no tocante aos mestres-escola que exerceram o seu ofício na cidade de Esperantina-Pi, pois tal qual a capitulação que tiveram em Portugal, na literatura de Pereira (1996), encontra-se nas suas narrativas reminiscências de mestres-escola que, também,

começaram a sair do cenário educacional piauiense, devido à chegada de professoras contratadas pelo Estado. Para Pereira (1996,p.55-56):

A luta travada entre os mestres particulares e as professoras do governo foi dura e sem trégua, na disputa pelo campo, na sede da vila. Na grande batalha que se travou foram rechaçados os que dependiam do dinheirinho minguado, arrancado quase à força, daquela gente de poucos haveres e que, defendendo a bolsa opinava pelo ensino gratuito. Levados à banca rota os professores de varanda foram reduzidos a tal condição de desvantagem que, às vistas da mísera pecúria que os lançou na rua da amargura, não puderam competir com quem tinha costas largas e forradas pelos cobres do governo. Entrementes, convém assinalar que houve tenaz resistência por parte dos mestres-da-terra, os quais por falta dos meios de subsistência, terminaram por capitular. Capitularam, é bem da verdade, mas não se verificou o extermínio da classe, porquanto, para evitá-lo, os que foram batidos nas primeiras escaramuças da incruenta refrega, buscaram quartel no interior do município, cuja cidadela às vistas do governo não alcançavam. Abandonando o reduto onde porfiaram a todo custo, passaram a disarnar minino na roça, e, se as professoras deplomadas os tinham na conta de réprobos ou simples parias, em compensação, como coisa alentada, a matutada os chamava como se fossem eles grandes luminares das letras, doutorados na velha Salamanca.

Percebe-se, no fragmento, que a presença dos mestres-escola, pelos mais diversos grotões do Piauí, além de ter sido marcada pela insistência em permanecer exercendo a docência, em confronto com a “professora do governo”, também, a “matutada” dos interiores os consideravam como doutores das letras.

A presença do mestre-escola foi marcante, também, em uma das cidades de maior representação política e econômica do Estado do Piauí, a cidade de Picos. Ali, bem como na sua microrregião, que abraça um cinturão de cidades ao seu redor, também teve a presença desses homens-escola. Leal (1989,p.16-17) aborda a presença do mestre-escola no povoado Três Morrinhos, no município de Picos, no final da década de 1930:

Nesta manhã, eu não conduzia o meu estilingue (baladeira), porém, sim, levava mera caixa contendo o material escolar. Foi com aquele armamento que tomei chegada à casa onde a escola iria funcionar.[...] Além do professor e alunos, estavam ali, também, os pais dos respectivos alunos, que por suas vezes faziam as recomendações. Era momento de silêncio e muito respeito e para dar mais significado ao evento, foi exibida uma carrancuda palmatória que parecia dormir sobre a mesa do professor. [...] Não foi um ano letivo, foi somente um mês de aula e, mesmo assim, eu já havia

aprendido muitas palavras, pois procurei aproveitar todo ensinamento do nosso dedicado mestre.

Muitos povoados e cidades do interior do Estado do Piauí também absorveram a presença do mestre-escola. Em cada aglomerado humano do Piauí ficou o registro desses homens-escola. Com a utilização de métodos rudimentares de educação, modelaram o perfil cultural de crianças e adultos que se estabeleceram no sertão piauiense.

Sob o amparo de comerciantes e fazendeiros, os mestres-escola selaram contratos de prestação de serviços com o objetivo de ministrarem aulas para seus filhos. A estada de um mestre-escola em uma determinada comunidade despertava o interesse de outras famílias para também colocarem os seus filhos no mundo da cultura escrita.

2.2. A chegada dos mestres-escola a Isaiás Coelho (1935-1966)

A **educação** em Tamboril foi alicerçada inicialmente pela presença esporádica de mestres-escola que se notabilizaram pelo ensino de primeiras letras. A permanência por um curto período de tempo desses **autodidatas do sertão** deve-se ao fato do isolamento em que este povoado se encontrava, distante dos grandes centros urbanos e pelo fim do contrato estabelecido entre o mestre-escola e fazendeiros e comerciantes locais. Findo o prazo de estada do mestre-escola junto à família que o contratava, que se concluía após à alfabetização das crianças, este ia exercer o seu ofício em outras paragens.

Em 1935, chega a Tamboril, oriundo de Simplício Mendes, o mestre **Propécio Portela**, contratado pelo “major” Acelino Pinheiro, comerciante que lançou as bases do processo educacional em Tamboril, para a alfabetização de seus filhos **Helena Pinheiro** e **Cristóvão Pinheiro**. O mestre-escola Propécio Portela foi indicado ao sr. Acelino Pinheiro pelo político da cidade de Simplício Mendes, Arnaldo Ferreira de Carvalho.

Além dos mestres-escola que vinham de outras cidades para trabalharem em Tamboril, destaca-se a presença de mestres locais, dentre eles os senhores **Vicente Carlos** e **Joaquim Rocha**, profissionais raros para a época em apreço. Principalmente no Estado do Piauí, pois nos seus micro-pólos de povoamento, no início do século XX, tudo era transportado em lombos de animais, inclusive seus professores. A presença destes homens-escola na

comunidade Tamboril, além de ter sido um marco na educação, possibilitou o encontro dos indivíduos com a escrita. Em vista disto, segundo dados coletados nas entrevistas, o contratante procurava dar ao mestre-escola as melhores condições possíveis para o exercício do ofício. Nos relatos de Pereira (1996,p.21), em estudo feito sobre a educação em Esperantina:

além de tudo, naquele tempo, um mestre era um verdadeiro achado e quem tivesse a sorte de ter um à mão, nunca ousava desgostá-lo, nem que fosse por força de um motivo forte. Ao mestre dava-se carta branca e, contrariá-lo com a supressão de tais prerrogativas, seria uma temeridade.

A **carta branca** dada aos autodidatas do sertão, pelos fazendeiros ou comerciantes, justificava-se, pois nas diversas paragens do interior piauiense e, também no povoado Tamboril, houve uma ausência do Estado no processo educacional que ficou por muito tempo dependendo dos interesses políticos do município ao qual era vinculado. E, no caso do povoado Tamboril, ficou ao arbítrio das oligarquias da cidade de Simplício Mendes-Pi.



Ilustração 09. Vicente Carlos (1918-1991) (ex-mestre-escola no povoado Tamboril)
Fonte: Arquivo particular de Maria de Sousa Rocha

Assim, em vista do descaso para com a educação no povoado Tamboril, assume o controle da educação local o **poder privado**. Poder esse que transfere, para os mestres-escola,

o papel de agente responsável pelas práticas educativas. Eram homens-escola que, detentores da pasta educacional, assumiam o controle do saber, num espaço social de analfabetos.

Nota-se, contudo, que a contratação dos mestres-escola pelos pais do povoado Tamboril atendia não apenas ao interesse de uma só família, mas terminava sendo estendido às outras famílias, muitas vezes do mesmo tronco familiar. Nas palavras da ex-aluna Albanízia Santana Portela (19.12.2005):

na época da escola em casa [...] no ano de 1966 [...] estudavam comigo [...] uma faixa de 20 alunos, por aí. Eu era muito criança, né. [...] Estudavam comigo os primos Francisco, Dejanira, Socorro, Gracilio. Tinha, também, os outros primos: a Juraci, a Francilina, né, a Carmosita e o José Neto.

A estada dos mestres de varanda que se fixaram no povoado Tamboril e suas localidades vizinhas demorava somente o tempo necessário para o aprendizado da escrita, leitura e dos cálculos matemáticos. Mas outro fator era determinante para a permanência do mestre-escola na localidade, o acolhimento dado pelo contratante, ou seja, as acomodações onde iria ficar durante o período em que fosse repassar os ensinamentos. De acordo com Albanízia (19.12.2005):

assistia aulas em casa, né. Meu pai colocava professor particular em casa e passava 2 a 3 meses dando aula, né. Foram vários. Teve o sr. José Anacleto, já falecido. Teve a professora Santinha, também. Teve mais outros que eu não estou lembrada mais. [...]. Eu lembro que eles vinham da cidade de Conceição do Canindé. [...]. Os professores que foram contratados ficavam na própria residência de meus pais [...] no Mocambo.

Vê-se que os mestres-escola foram como “aves de arribação”, conforme Pereira (1996,p.18-19), logo após o fim do contrato firmado com as famílias de posses eles, assim como as aves,

prevendo dias amargos e difíceis, ruflam as asas e levantam vôos, em demanda de outras plagas, buscando melhores pousos. A diferença é que as aves voam ao deus-dará, enquanto o mestre, antes de transferir-se em

definitivo, ia pessoalmente fazer uma ligeira averiguação e, só depois de sondar o local, era que, caso a coisa lhe agradasse, tratava de engatar o compromisso com o pessoal do lugar. Ajustadas as condições, voltava para casa, pondo-se à espera do aviso de que tudo estava em dia e de conformidade com as exigências que ele fizera, a fim de evitar a precipitação de um passo em falso e também para que a muda não redundasse em fracasso.

Motivo de nota no que tange a esta primeira etapa da educação em Tamboril foi a obediência dos ex-alunos, em sala de aula, na presença destes mestres. Nas declarações da ex-aluna, a dona Albanízia, todos os alunos que assistiam às aulas dos mestres-escola, na localidade **Mocambo** eram disciplinados. Talvez isso se devesse ao aval dado pelos pais para que **puxasse nos ensinamentos**.

Registra-se que, na localidade Mocambo, o ônus do ensino não foi diferente do povoado Tamboril, pois a educação estava entregue nas mãos de particulares, sem o amparo econômico e estrutural da cidade de Simplício Mendes. As aulas eram dadas ao redor de mesas onde não se tinha um ambiente adequado para absorver uma quantidade maior de alunos. Segundo Albanízia (19.12.2005):

o local das aulas era na sala, né. Lá na casa de meus pais tinha uma sala bem ampla, né. E dava para ficar todo mundo assistindo às aulas direitinho. Ao redor da mesa outros sentados nas cadeiras, por aí. [...]. Não tinha quadro para o professor escrever. [...]. Era todo mundo calmo, obedeciam, né. Como era uma quantidade de poucos alunos dava para pegar muito bem, prestar bem atenção.

Observa-se que havia uma precariedade no espaço onde foram realizadas as aulas, pois isto se evidencia quando a entrevistada declara que não existia nem quadro para serem colocados os conteúdos.

2.3. A ética do mestre-escola

A instituição familiar, responsável pela escolarização dos filhos, no povoado Tamboril, assumiu o encargo de promover a educação local. Assim, segundo nos esclarece Ferro (1996, p.91):

observa-se [...] de forma enfática, a responsabilidade das famílias sobre a escolarização dos filhos. Em muitos casos, as primeiras letras eram ensinadas no próprio ambiente doméstico por pais, parentes ou professores contratados pela família. Em outros casos, famílias se agrupavam para a contratação de professor para o ensino aos seus filhos. Tratava-se de espécie de educação sob a orientação e responsabilidade familiar direta.

O quadro educacional a que Ferro (1996) fez referência existia, também, na comunidade estudada. As famílias que tinham melhores condições financeiras, se quisesse ter o filho estudando, contratavam um mestre-escola e davam condições para que ele ficasse na localidade.

Os mestres-escola do povoado Tamboril recebiam um **ato particular** que dava a eles poder simbólico de transformar e civilizar os meninos e meninas que não tinham, ainda, o contato com a escrita, a numeração, a história e o civismo.

Figura social relevante nas comunidades onde exercia o seu mister, exaltado pelas habilidades do ofício, os mestres-escola do povoado Tamboril tingiram a realidade educacional deste pequeno microcosmo do sistema educacional brasileiro de uma forma bem particular. Temido, respeitado, uma autoridade local que estabeleceu novas configurações e deu ao povoado Tamboril a formação cultural para algumas crianças, cujos pais eram possuidores de um poder social e econômico.

O padrão ético do mestre-escola descrito pela ex-aluna, dona Helena Pinheiro, trazia em si as condições indispensáveis ao exercício da profissão: a **consciência** e o **senso de responsabilidade**. Ao se pronunciar sobre o sr. Propécio como sendo “homem de boa conduta”, evidencia-se a boa conduta ética deste mestre-escola, pois as ações deste professor não seria nada mais do que “um comportamento adequado aos costumes vigentes, e enquanto vigentes, isto é, enquanto estes costumes tivessem força para coagir moralmente, o que aqui quer dizer, socialmente”, conforme discorre Valls (1994,p.10).

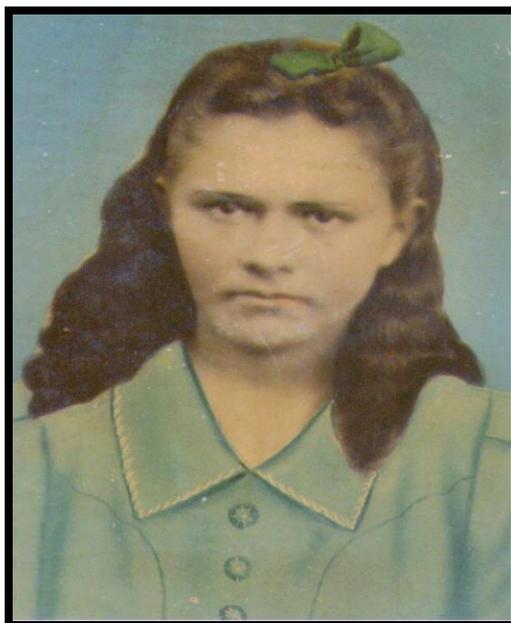


Ilustração 10. Helena Pinheiro (ex-aluna do mestre-escola Propécio Portela)
Fonte: Arquivo particular de Helena Pinheiro

Com isso, observou-se que os mestres-escola que por Tamboril estiveram souberam respeitar os costumes e os valores deste grupo. A **palmatória** foi algo que aos poucos foi sendo utilizado pelos mestres-escola da região, mas não se percebeu, no início, com os mestres que estiveram no povoado. Somente mais tarde foi que a palmatória apareceu na casa-escola de **Lusia Reis Santos**.

2.4. O mestre-escola: entre práticas e saberes

A entrevista com a ex-aluna do mestre Propécio Portela, Helena Pinheiro, foi pontuada por instantes de sorrisos, lágrimas e suspiros. Ao mesmo tempo que descrevia as ações do velho mestre, deu-lhe uma visão romântica, diversa daquela exposta por Sampaio (1996), em que os mestres-escola assumiram características diferentes, uma vez que utilizavam, nas suas ações pedagógicas, castigos dos mais variados possíveis no “desarnamento” dos garotos que freqüentavam as aulas, conforme podemos notar nesta passagem dos relatos de Pereira (1996, p.25):

entre os castigos que o famoso Bola-de-Ouro costumava aplicar, quero, abreviando a coisa, destacar o seguinte: conforme a gravidade da falta cometida – quase sempre lição mastigada ou um traslado feito – o discípulo relapso era posto de joelhos em cima de montinhos de caroços de milho, com os olhos vendados por grotescos óculos de cabaça, ou então, caso fosse época da canícula e o sol estivesse abrasador, era mandado para o terreiro, onde ficava descalço no meio da areia quente, tendo ainda uma cadeira na cabeça, sobre a qual Mestre Belarmino colocava uma pedra bem crescida, ou em falta da pedra, qualquer objeto pesado. E se o sujeito era mesmo tapado, sendo incapaz de resolver direito a lição de leitura e a escrita, Mestre Belarmino punha-o de quatro-pés no meio da sala, a fim de ser cavalgado por um discípulo mais aberto, que o esporeava com os calcanhares nos vazios, mostrando aos outros a quem passava, que o pobre coitado era mesmo burro.

Nas narrativas autobiográficas de Bugyja Britto (1977,p.25), encontra-se, no capítulo dedicado ao seu avô paterno, uma das passagens em que o mestre-escola aplicava além da tradicional palmatória, um objeto de flandres amarrado na mão esquerda, com o fito de eliminar esta mão para os afazeres do ofício e para os vários misteres que podia ser usada.

Benedito começara aos 8 anos[...]. Era canhoto. Incapaz de escrever com a mão direita, teve de ser castigado pelo mestre-escola. Além da palmatória, este outro suplício: um objeto de flandres, em forma cônica, atava a mão esquerda a fim desta não poder ser usada. No fim, ele aprendera a usar a mão direita e, como nunca abandonou a ação da esquerda para vários misteres, inclusive para escrever, foi um cidadão que ficou manejando, indistintamente, e com desembaraço, as duas mãos.

Os relatos acerca dos mestres-escola no manuscrito intitulado **História verdadeira de um menino de escola** que se transformou no livro **Cazuza**, trazem a caracterização dos mestres-escola como alguém temido, frio, feroz, um verdadeiro carrasco à procura de sua presa. Mas, no livro **Cazuza**, de Viriato Corrêa (1984), a ação pedagógica dos mestres-escola não destoou dos demais apreciados anteriormente. Os castigos sofridos pelos alunos faziam com que eles perdessem o estímulo para frequentar as aulas. Em algumas passagens do livro de Corrêa (1984,p.29-34), podemos notar o repúdio, o pavor à escola, bem como às práticas disciplinares aplicadas pelo mestre de varanda, conforme fragmentos abaixo:

Escola, realmente, não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia. [...] A escola inteira falava horrorizada de dois suplícios. Um deles era ficar o aluno de joelhos sobre grãos de milho. O outro, a 'orelha de burro'. À cabeça do menino colocavam-se duas enormes orelhas de papelão e fazia-se o desgraçado passear pelas ruas, vaiado pelos companheiros.

Nas mais variadas fontes pôde-se encontrar o perfil desses primeiros professores que estabeleceram com a sociedade local o compromisso de ensinar a ler, escrever, contar e, em algumas regiões, o ensino de algum ofício. Esses foram os fins para quais os mestres-escola foram contratados, sobretudo porque as necessidades do meio rural em que estiveram inseridos, não exigiam algo mais do que isso.

As descrições da violência pedagógica utilizada por um mestre-escola, no livro **Meus verdes anos**, de José Lins do Rego (1980,p.214), é assim feita:

o mestre era um negro vindo do sertão, homem de calibre, homem que não abria a boca para sorrir. A palmatória era a sua vara de condão. Fazia luz nos meninos à custa de surras e de bolos. Cada letra que Baltasar aprendeu devia ter-lhe custado uma dúzia.

Tão oportuna é a colocação feita acerca dos mestres-escola por Magalhães (1998), uma vez que alude aos mestres-escola como sendo a instância que representava simbolicamente o aparato educacional do Estado. E que tais professores, no ensino das primeiras letras, desenvolveram, por seus próprios meios, materiais didáticos e métodos de ensino, conhecidos por sua eficácia tanto no que diz respeito à alfabetização dos meninos, quanto no que diz respeito à rígida disciplina em sala de aula. Conforme Magalhães (1998,p.42):

esses mestres-escola, autodidatas do sertão, não obstante às limitações de ordem pessoal e material, prestaram inestimáveis serviços à educação das camadas menos favorecidas, para as quais representavam a única instância educativa possível.

Os mestres-escola, com todas as credenciais dadas pelos fazendeiros e comerciantes, foram responsáveis pela construção de uma realidade educacional. Detiveram, com isso, no espaço das práticas educativas, uma coerção simbólica, que consiste, segundo Tardif (2003,p.137):

nos comportamentos punitivos reais e simbólicos desenvolvidos pelos professores em interação com os alunos na sala de aula. Esses comportamentos são estabelecidos ao mesmo tempo pela instituição escolar, que lhes atribui limites variáveis de acordo com a época e o contexto, e pelos professores, que os improvisam em plena ação realizada no momento: olhar ameaçador, trejeitos, insultos, ironia, apontar com o dedo, etc. Ela consiste, também, nos procedimentos adotados pelas instituições escolares para controlar as clientelas: exclusão, estigmatização, isolamento, seleção, transferência, etc.

Os mestres-escola que estiveram na cidade de Isaiás Coelho-Pi assumiram perfis diversos. Na entrevista da ex-aluna, dona Helena Pinheiro (10.07.2005), sobre o mestre-escola, confere-lhe uma visão romântica, a saber:

O sr.Propécio vestia-se sempre de branco. Mandava a gente tratar bem as pessoas. Pedia para a gente não passar entre os mais velhos. Pedia para a gente colocar os braços sobre a mesa para a caligrafia não sair torta. Era um homem íntegro, honesto, bem diferente de outros professores que a gente ouvia falar, que usavam até palmatória, pelas bandas do Mucambo14. O sr. Propécio era um homem bom.

Indagada sobre o local onde foram realizadas as aulas, Helena Pinheiro (10.07.2005), com seus 80 anos, descreveu o pequeno cômodo onde aconteceram as aulas:

As aulas eram na casa de Tia Mariana e o cômodo reservado para as aulas era nos fundos, em um local separado da casa. As paredes eram em tijolos cru, a cobertura do cômodo era daquelas telhas de alvenaria. Dois bancos de madeira atravessados. No meio, a mesa do professor e sua cadeira de couro.Existia, também, uma pequena lousa que o professor copiava os números e as letras do abecedário. Não tinha recreio, havia uma pequena sineta sobre a mesa do Sr.Propécio. Algumas tabuadas e algumas cartilhas sempre sobre a mesa dele [...] tempo da inocência.

Como se percebe, Helena Pinheiro detalhou pormenores do espaço onde aconteceram as aulas, na casa da senhora **Mariana Pinheiro**. Era um local simples, mas que teve uma significação particular para os ex-alunos que por lá estiveram. “Tempo de inocência”, esta frase por si só resume tudo, desde a importância do espaço escolar até às marcas deixadas pela cultura escolar. Para Halbwachs (1990,p.133):

o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. [...] o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. [...] cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo.

Compreende-se que cada coisa enumerada por dona Helena assumia um lugar privilegiado nas suas lembranças. Durante as descrições, observou-se que as imagens do cômodo, dos móveis escolares, da sineta, das tabuadas e das cartilhas tinham um valor, não um valor monetário, mas o valor da subjetividade presente na sua lembrança.

O **método** utilizado pela grande maioria dos mestres-escola para a alfabetização dos alunos era a **soletração**. Soletrar, soletrar e soletrar, errar jamais. A prática rotineira tanto das lições quanto da tabuada não poderia ser desafinada. **O som que era cantado**, foi assim que dona Helena Pinheiro (10.07.2005) se referiu ao aprendizado das primeiras letras. Aprender baseado em procedimentos desta natureza foi o feito em toda etapa inicial da educação no povoado. Vale destacar que mesmo utilizando métodos didáticos baseados em processos rudimentares, os ex-alunos passaram até a escrever cartas com desenvoltura, como o informado por dona Helena Pinheiro:

aprender a ler e escrever [...] foi a grande novidade. [...]. Tempo da inocência. Eu e o Cristóvão Pinheiro, nós íamos com todo o entusiasmo. Leôncio Pinheiro que levava e na hora certa ía nos buscar para casa. [...] Eu não me lembro quanto tempo eu assisti aulas na casa de tia Mariana. Aprendi o ABC e a tabuada. [...]. As primeiras letras foram lá, posso afirmar. [...]. Não me chega a lembrança de outras pessoas que assistiam aulas comigo. Eu era muito criança. [...]. A preocupação de meu pai era adiantar os filhos pegando as primeiras letras. Era muito atrasado o local onde a gente morava, foi quando ele contratou seu Propécio Portela para vim lecionar. [...]. Aprendi a fazer o meu nome e entender as primeiras letras. Já fazia o ditado e meus bilhetinhos. [...]. Cheguei a escrever [...] para minhas primas aí em Itainópolis [...]. Socorro Fialho, Raimundo

Fialho. Escrevia para as Carreiras onde morava a família Coelho, Dona Quininha, Seu Celé. Eram pessoas amigas que a gente correspondia.

Saber escrever um bilhete dentro das circunstâncias em que viviam não era para qualquer um. Somente algumas poucas pessoas tiveram acesso à escrita. Não foi fácil, pois para se contratar um mestre-escola requeria além de condições, informação referente à boa conduta deste mestre.

Um **papel vazado**, em forma de círculo, era a técnica que os mestres-escola de Tamboril usavam quando chamavam o aluno para **tomar a lição**. É bem oportuna a descrição feita por Fontes Ibiapina (s/d,p.13-14), escritor piauiense, no seu livro **O Casório da Pafunça**, sobre uma escola na roça:

Professor

-Agora vocês vão ler, bem alto, a tabuada na casa de multiplicar por dois.

Todos os alunos (cantando)

-Duas vezes um dois.

-Duas vezes dois, quatro.

-Duas vezes três, seis.

-Duas vezes quatro, oito.

-Duas vezes cinco, dez, nove fora um - na regra de dez vai um.

-Duas vezes seis, doze, nove fora três, - na regra de dez vai um, um e dois, três.

[...]

Professor

-Agora vai ser o argumento da leitura.

(Todos os alunos em pé, em círculo. O professor vai apontando para cada um)

Professor

Soletre cavalo!

Aluno

-Ca cá, v a vá, v a vá...

Professor

-Adiante!

Aluno

-Ca cá, v a vá, l o ló, - cavalo.

Professor (entregando a palmatória ao aluno e apontando para o que errou):

-Dê um bolo neste corno, pra ele aprender soletrar!

(O aluno dá um bolo no outro.)

Professor

-Soletre morada!

Aluno

-M ó mó, r a r-á, r a rá...
 Professor
 -Adiante
 Aluno
 M o mó, r a rá, d a dá – morada.
 Professor
 Passa-lhe um bolo puxado a Cambito, que é pra este corno aprender soletrar.

É evidente que no processo ensino-aprendizagem a assimilação de conteúdos e dados numéricos era algo mecânico, residia tão somente na memorização, decorar era o lema. Compreender o espaço onde ocorreram as aulas, significa entender o contexto onde foi exercida a docência pelos mestres-escola.

2.5. Em terra de mestres homens, a presença de mulheres

Além dos mestres-escola homens, também passaram por Tamboril, no período em foco, mestras mulheres, dentre elas, destacaram-se a senhora **Leonília Mendes de Carvalho**, conhecida na região pelo cognome “Lulu” e a senhora **Santinha**.

O sr. **Braz Pinheiro** (09.09.2005), lembrando o lugar onde ocorreram as práticas educativas sob a direção, agora, de uma mulher disse:

Ela dava as aulas na casa das Carreiras, da fazenda do finado Celé. [...]. Eu era novinho e meu pai me botou para estudar lá, nas Carreiras. [...]. Lá tinha uma sala grande e nós assistia aulas lá, nessa sala, e tinha uma mesa e umas cadeiras. Era somente isso aí. O local era isso aí. Não existia outra coisa. Não existia quadro, não.”

Nesta passagem relatada pelo ex-aluno, evidenciou-se o caráter privado da educação desenvolvida no povoado Tamboril, nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1935 a 1966, pois o mesmo assistia às aulas na fazenda do senhor **Celecino Coelho**, conhecido por Celé, um dos fazendeiros da região. É importante ressaltar que o sr. Braz Pinheiro só teve acesso a essas aulas devido ao fato de seu pai, o senhor Acelino Pinheiro, ser amigo desse fazendeiro e, também, o único comerciante da localidade, que já havia contratado

um mestre-escola, o sr. Propécio Portela, que servira aos filhos de pessoas de condição abastada na localidade.

Quando questionado sobre a localidade de onde vinha a mestra-escola para dar as aulas, nas Carreiras, notou-se mais uma vez as dificuldades para se conseguir alguém que se propusesse a alfabetizar as crianças, pois o povoado não tinha como manter uma escola para todas as pessoas da comunidade. Cobia, pois, um investimento do município-mãe, que era Simplício Mendes, em criar condições para que houvesse a democratização do ensino. Entretanto, o que se notou foi o contrário, o ensino ficou entregue nas mãos da iniciativa privada. Conforme o sr. Braz Pinheiro (09.09.2005), “ela vinha a cavalo. Não existia carro, naquela época, e ela vinha montada num cavalo. [...] A professora vinha dar as aulas e voltava, aos sábados, para o Mumbaça. Chegava na segunda-feira novamente de volta”.



Ilustração 11. Braz Pinheiro (ex-aluno da mestra-escola Leonília)
Fonte: Arquivo particular de Braz Pinheiro

Com a presença da mestra-escola, dona “Lulu”, contratada pelo fazendeiro Celecino Coelho, para ensinar aos seus a ler e a escrever, outros filhos de **pessoas chegadas** ao fazendeiro puderam ter acesso a essas aulas, como foi o caso do ex-aluno, o sr. Braz Pinheiro. O sr. Braz Pinheiro (09.09.2005) enumerou alguns colegas que assistiram aulas com ele: “Era Teresinha Coelho, Raimundo Coelho, Armando Coelho, eu e mais alguns alunos que eu não me recordo bem. [...] Nós tínhamos aulas pela manhã”.

Durante os momentos em que o ex-aluno, o sr. Braz Pinheiro, lembrava-se dos espaços e tempos onde eram desenvolvidas as aulas, resgatou-se da sua memória o coletivo vivenciado por aqueles alunos e as marcas de uma cultura escolar artesanal evidenciada como uma colcha de retalhos que se constituía e tomava formas aos poucos.

No interior da fazenda do sr. Celecino Coelho, desenvolveu-se uma etapa muito importante do processo educacional local, pois nessa fazenda, como também, na casa da Dona Mariana, onde o mestre-escola Propécio Portela esteve dando as suas aulas para os filhos do sr. Acelino Pinheiro, encontram-se as raízes da educação do povoado Tamboril. Nas palavras do sr. Braz Pinheiro (09.09.2005) foram pontuados o que era ministrado pela mestra-escola, a dona “Lulu”:

Nós chegávamos lá e ia estudar aquele ABC ou aquela cartilha e ela ia argumentar, né. Aqueles alunos que estavam mais adiantados, né, na leitura; e no ABC era o mesmo, também. Eram poucos os alunos, né. O argumento era assim, fazia uma reunião e lá ela ia fazer uma interrogação sobre o assunto, né. Só isso.

Ao se referir à velha mestra, o sr. Braz Pinheiro (09.09.2005) fez algumas alusões às características significativas da conduta ética da mulher que marcou uma parte da história educacional de Tamboril.

Ela era uma jovem, assim, morena, muito delicada, educada e era uma professora boa para nós. Não nos maltratava, né. [...]. O tempo dela foi pouco lá nas Carreiras. [...]. A professora não usava a palmatória. Não existia a palmatória.

Muitas coisas foram relatadas pelo sr. Braz Pinheiro (09.09.2005), mas as saudades daquele tempo ficaram evidenciadas no seu discurso, mesmo com as dificuldades em freqüentar as aulas, pois tinha que percorrer cerca de 3 km para chegar às Carreiras, lugar onde eram ministradas as aulas. O ex-aluno tinha, também, as aulas da mestra-escola “Lulu” como um divertimento bom, devido à localidade não oferecer condições estruturais de se estabelecer uma escola e inexistir um aparato social que desse à comunidade local condições de entretenimento. E foi com o discurso do ex-aluno que se pôde notar as marcas deixadas por esse espaço que impregnou nele uma singularidade particular.

Ali, marcou muita coisa por que era um divertimento que eu tinha, ir a pé. Eu me sentia feliz porquanto sentia aquela saudade de meus pais, né. Eu

nunca tinha saído de casa, né. E a primeira vez que eu saí foi para as Carreiras aonde se muito desse eram 2 ou 3 Km.

“Eu nunca tinha saído de casa”. Com essas palavras, percebe-se uma ruptura com os espaços da família e a construção de uma autonomia por parte do ex-aluno Braz Pinheiro.

2.6. A cultura escolar no tempo do mestre-escola

Entendendo a cultura escolar, no dizer de Julia (2001,p.10), como sendo,

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Com base no fragmento acima, as práticas educativas que foram desenvolvidas pelos mestres-escola em Tamboril apoiaram-se em normas pré-definidas. Haja vista que aos mestres de varanda era dado o apoio necessário para praticarem os ensinamentos e repassarem aos filhos dos contratantes a inculcação de condutas condizentes com os bons costumes.

A normatização era a regra para alguns mestres-escola que se estabeleceram na localidade Mucambo, pertencente ao povoado Tamboril. Nas declarações dadas pela ex-aluna Albanízia Santana Portela, ao recordar os momentos em que assistiu às aulas dos mestres-escola, o sr. José Anacleto e dona Santinha, lembrou-se da forma concatenada das assoletrações do alfabeto berrado e a disciplina estabelecida através de castigos e da famigerada palmatória. Segundo Albanízia (19.12.2005):

ensinavam a ler, escrever e contar. [...]. Eles ensinavam a assoletrar, né. Na época do beabá. E a tabuada, que era na hora da palmatória. [...]. Naquela época tinha a palmatória, né. Aqueles alunos que não queriam muito, os mais inteligentes caprichavam, né. Eles botavam para bater mesmo a palmatória na mão do aluno. [...]. Quem não soubesse ficava de castigo e levava palmatória. [...]. Era engraçado.[...]. Os professores eram bem

rígidos. Eles botavam de castigo por que eles estavam sendo pago para botar a turma para aprender, né. [...]. Os pais pediam para puxar mesmo e eles obedeciam. Tinham que fazer mesmo.

Fator relevante é que a **cultura escolar** desenvolvida durante o processo educativo, em Tamboril, está intimamente associada à **cultura dominante**. O poder local fora monopolizado por um reduzido grupo detentor do comércio e da propriedade rural. Nesse núcleo populacional, a família patriarcal desempenhou papel de destaque, pautada em princípios éticos e morais. Havia um padrão, repassado por estas famílias, que modelava o comportamento individual no convívio social. Nesta comunidade, onde as pessoas viviam segundo normas consuetudinárias, quebrar uma delas significava descumprir uma lei. Os seus habitantes viviam de maneira rudimentar e estabeleciam relações de forma amigável, sujeitavam-se a determinados princípios, valores ou normas morais. Segundo Sánchez Vasquez (1997,p.56):

o costume opera como um meio eficaz de integrar o indivíduo na comunidade, de fortalecer a sua sociabilidade e de fazer com que seus atos contribuam para manter – e não para desagregar – a ordem estabelecida. O indivíduo age então de acordo com as normas aceitas por um grupo social ou por toda a comunidade, sancionadas pela opinião e sustentadas pela fiscalização atenta dos demais.

A par do abecedário, da lógica matemática e das lições de civismo e história, os alunos adquiriam o manejo da cultura escrita. Vê-se que o processo de alfabetização era árduo, contudo, os conhecimentos absorvidos davam àqueles meninos e meninas de Tamboril, a certeza da decodificação de signos lingüísticos e ainda a compreensão do meio na formação da sua identidade cultural. Assim, conforme salienta Galvão (1998,p.125):

o conhecimento escolar proporcionava à criança um questionamento das suas referências ainda calcadas na socialização primária e, pouco a pouco, a incorporação de informações que a faziam compreender o mundo de maneira diferente. A aquisição do conhecimento fornecia ao aluno, independente da intencionalidade da ação escolar, parâmetros que lhe permitiam olhar o que o cercava e o que até então fora construído como “mapa” de referências de novas formas.

Aos mestres-escola do povoado Tamboril foi dado o mister de transmitir um conteúdo cultural – ler, escrever e contar – a um grupo de crianças, por um curto período de tempo e que, às vezes, não ultrapassava seis meses.

A ex-aluna Albanízia (19.12.05) ressaltou bem o quanto os mestres-escola, além dos ensinamentos da leitura, escrita e dos aprendizados matemáticos, ensinavam aos alunos as práticas de civismo e de boas condutas. Conforme declarações da ex-aluna:

o professor José Anacleto era um senhor bem alto, forte, alegre, né. Muito distinto ele, educadíssimo. A professora Santinha era alegre, bem animada, baixa e forte. [...]. Eles davam bons exemplos. Quando ia começar as aulas eles davam bom dia, botava a gente para rezar e, às vezes, cantavam o Hino Nacional, do Piauí. O José Anacleto gostava muito de colocar a gente para cantar o Hino do Piauí e, geralmente, a gente rezava todos os dias.

A estada dos mestres-escola nesta comunidade deu ao povoado Tamboril, em especial às famílias, a certeza de verem os seus filhos aos poucos substituindo a baladeira, o anzol, a peteca feita de couro, a enxada, as arapucas para pegar passarinhos, as idas clandestinas aos poços para os rotineiros banhos, as bonecas feitas de sabugos de milho, as bruxinhas de pano, pelos cadernos, as cartilhas, as tabuadas e os lápis.

Tudo agora assumia ares diferentes. O espaço das travessuras foi substituído por outro. Compromisso que até então a gurizada não tinha, mas que pouco a pouco passou a fazer parte do seu cotidiano. **Dar a lição** era uma frase que agora fazia parte do vocabulário daquela gurizada.

Para muitas daquelas crianças, a tomada das lições pelo mestre-escola era algo assustador e, às vezes, a voz do aluno ficava embargada devido ao medo do erro que muitos tinham diante do professor.

Um fator de destaque que se evidenciou tanto no povoado Tamboril como nas localidades próximas foram os dois **modelos de mestres-escola** que percorreram essa região. Cada um com características próprias no plano de desenvolvimento de suas práticas educativas. Constatou-se, com isso, em um primeiro plano, um **modelo flexível** de mestres-escola que repassava as primeiras noções da escrita, leitura e conhecimentos matemáticos baseados no bom trato para com os alunos e sem lançar mão do uso de castigos e da palmatória nos seus ensinamentos.

O modo cortês dos mestres-escola de Tamboril foi muito bem ilustrado nas palavras da ex-aluna, Helena Pinheiro, ao se referir ao mestre-escola, o sr. Propécio Portela, como sendo “um homem de boa conduta” e como tal não utilizava de meios agressivos para atingir os objetivos pedagógicos de produção de conhecimentos. A ex-aluna, nas suas declarações afirmou, ainda, que “nem palmatória existia”. Observa-se, com isso, a maneira elegante de condução dos ensinamentos.

Nesta trajetória constatou-se também, que a mestra-escola, a senhora Leonília, que ministrou aulas em Tamboril, foi outro exemplo desta conduta. Nas palavras do ex-aluno, o sr. Braz Pinheiro, a mestra-escola era “muito delicada, educada e boa” e para ratificar o caráter flexível, o ex-aluno declarou, ainda, que a senhora Leonília “não maltratava os aluno” e “não existia a palmatória”.

Um outro modelo de mestres-escola que esteve na região foi o **modelo rígido**. Evidenciou-se tal modelo nas localidades circunvizinhas em que a rigidez era a norma. Pairava com esse modelo um medo generalizado. Todas as ações desenvolvidas por esses mestres-escola que seguiam o modelo rígido tinham como método de ensino o tradicional uso de castigos e da famigerada palmatória.

Era, com isso, uma forma de fazer valer a sua autoridade. E esse modelo, já padrão em várias regiões do Estado do Piauí, fez-se presente na localidade Mocambo pois, segundo declarações da ex-aluna Albanízia Santana Portela, os mestres-escola José Anacleto e Santinha recebiam o aval dos pais dos alunos para “puxar mesmo”.

Os mestres-escola dessa localidade recebiam o sinal verde dos pais para utilizarem os **castigos corporais** como parte de sua didática e do desenvolvimento do aprendizado. A ex-aluna ilustra, ainda, nas suas declarações, que mesmo eles sendo “educadíssimos, distintos e animados”, todos os alunos deveriam se comportar de modo “calmo e com obediência” e que se o aluno não se interessasse para aprender, o mestres-escola colocava para “ficar de castigo e levava palmatória”.

Assim, nota-se a variedade de mestres-escola que estiveram em Tamboril. Em cada modelo, o registro de uma marca: **o descaso do poder público**. Apesar das limitações de ação dos mestres-escola, foram eles que repassaram as primeiras noções do mundo da escrita e que, de uma forma ou de outra, procuraram alfabetizar as pequenas crianças do povoado Tamboril e das localidades próximas proporcionando a elas o acesso ao mundo da leitura, da escrita e da matemática.

Embora se tratasse de uma comunidade católica, não houve a supervisão da Igreja Católica nas práticas dos mestres-escola, como o que ocorreu em Portugal, conforme lições de Nóvoa (1987,p.417), onde toda a ação educativa era passada pelo crivo da Igreja.

Mesmo existindo uma capela, no povoado, as aulas não chegaram a ser ministradas nesse local e não teve a gerência da ação educativa através de padres e párocos. O que se pôde constatar, porém, é que os mestres-escola eram pessoas dadas a práticas religiosas católicas, como bem deixou claro em suas declarações a ex-aluna, Albanízia Santana Portela, ao se referir ao mestre-escola, José Anacleto, pois o mesmo, afirmava a ex-aluna, “botava a gente para rezar”.

Infere-se dos mestres-escola que estiveram na cidade de Isaiás Coelho-Pi, características que os diferem das abordadas no início do trabalho. O papel desempenhado por eles na formação educacional da comunidade isaiascoelhense foi modelado pelas condições sócio-político-econômicas em que viviam aquelas famílias.

Esta primeira etapa do processo educacional de Tamboril foi muito significativa, pois como se pôde perceber, através das fontes orais, o povoado não tinha uma estrutura capaz de se ter um aparato escolar. Os mestres-escola, mesmo com as suas limitações e com os seus métodos horrendos de transmissão de saberes, não podiam ir mais longe do que foram.

Acredita-se que os esforços destes mestres-escola foram além do que poderiam chegar. Viajando no tempo e pensando o povoado na década de 1930, logo se percebe que não foi fácil. Estes autodidatas do sertão foram heróis do seu tempo. Implantaram um modelo de educação dentro dos padrões moldados pelo meio.

Ancorando-se nos depoimentos de ex-alunos dos mestres-escola percebeu-se que a sociedade local necessitava do início da implantação da rede escolar pública. Para isso, a presença da escola, numa residência particular da família Reis Santos, marcou uma outra etapa no processo educacional escolar do povoado Tamboril.

3. DA ESCOLA ISOLADA À ESCOLA REUNIDA DE TAMBORIL (1947-1970)

Minha escola primária...
 Escola antiga de antiga mestra.
 Repartida em dois períodos
 Para a mesma meninada,
 Das 8 às 11, da 1 às 4.
 Nem recreio, nem exames,
 Nem notas, nem férias. [...]

Não havia chamada
 E sim o ritual
 De entradas, compassadas.
 - Bença, mestra... [...]

A casa da escola inda é a mesma.
 - Quanta saudade quando passo ali!
 Rua Direita, nº 13.
 Porta da rua pesada,
 Escorada com a mesma pedra
 Da nossa infância.
 Porta do meio, sempre fechada.
 Corredor de lajes
 E um cheirinho de rabugem
 Dos cachorros de Samélia.

À direita – sala de aulas.
 Janelas de rótulas
 Mesorra escura
 Toda manchada de tinta
 Das escritas.
 Altos na parede, dois retratos:
 Deodoro, Floriano.
 (CORALINA, 1985, p.75-77)

3.1. E a escola era na casa da professora...: a casa-escola

Antes de dissertar sobre a **casa-escola** da ex-professora Lusía Reis Santos (1911-1996), faz-se necessário mergulhar nas memórias escolares registradas no poema de **Cora Coralina**.

Como se vê, não se trata de uma escola qualquer. A cada linha do poema, uma marca inconfundível de espaços e tempos ímpares. Na memória da autora, o respeito marcante à

mestra fica evidenciado na passagem onde pontua a entrada compassada dos alunos e a reverência através da bênção dada ao primeiro encontro com a mestra.

Nota-se, nas lembranças de Coralina, não apenas um simples saudosismo, mas, sobretudo, descrições do espaço onde ocorreram as práticas educativas dirigidas pela sua mestra até à convivência familiar presentes durante o processo de ensino-aprendizagem.

Há de se destacar que o convívio no âmbito das instituições escolares marca os indivíduos e solidifica a constituição ética e moral de cada um que integra o espaço das práticas pedagógicas. Segundo Rego (2003,p.350-351) citando Charlot (1996):

As lembranças da escola estão, em parte, relacionadas ao significado da escola para cada um, fruto, entre outros aspectos, não somente das expectativas depositadas nesta instituição, mas também do tipo de escola que se freqüentou e das experiências vivenciadas. Assim, a avaliação sobre o papel dessa instituição na formação de cada indivíduo sempre será singular, já que dependerá da qualidade das experiências vividas e dos efeitos que estas tiveram em cada sujeito.

A escola freqüentada pela escritora Cora Coralina deixou nela uma ressonância singular que impregnou a sua vida e deu ao seu poema a melodia que o tempo não mais será capaz de trazer de volta. Para Bosi (1994, p.408):

Há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; e dizemos: ‘Só eu senti, só eu compreendi.’

Reportando-se a Tamboril, fixou-se naquela localidade, entre os anos de 1933 a 1951, oriunda da cidade de Jaicós-Pi, a sr^a. **Lusia Reis Santos**. Com o propósito de ministrar aulas para os alunos, criou em 1947 uma **escola primária**. A partir da chegada da professora, pela primeira vez a cidade de Simplício Mendes-Pi assumiu o encargo pela instrução pública em Tamboril.

O modelo **casa-escola**, embora obsoleto, vigorou durante anos em Tamboril. Haja vista que nessas primeiras décadas do século XX não existia, ainda, um aglomerado em que pudesse ser criada uma escola com uma estrutura adequada para as práticas educativas.

Vários fatores podem ser apontados, dentre eles, a inviabilidade de se ter professores que desejassem morar numa localidade tão contramão dos grandes centros urbanos. Para se chegar a Tamboril, no período em apreço, entre 1947 e 1970, enfrentavam-se diversas dificuldades, pois não havia veículos trafegando por aquelas estradas. Somente através de animais é que se conseguia chegar ao povoado.

O imprevisto foi a máxima da escola de dona Lusía Reis Santos. Foi nesse *locus* onde se fez escola e a velha mestra conseguiu desenvolver normas, costumes, valores, comportamentos e práticas escolares.

O espaço cedido pela família Reis Santos para a escola de dona Lusía Reis Santos estava localizado na zona rural, próximo ao Riacho das Carreiras. Era uma casa familiar que fora transformada em uma escola improvisada. O modelo casa-escola foi marcado pela presença de uma **única professora** que dirigia e executava o processo educacional numa localidade marcada pelas adversidades do meio, bem como pelo desamparo do poder político do Estado do Piauí.

Na escola, a ex-professora Lusía Reis Santos desempenhava um duplo papel: conciliava as **atividades domésticas** com as **atividades de ensino**. A oferta do ensino na casa-escola dependia menos da participação administrativa da cidade de Simplício Mendes do que dos esforços da professora Lusía Reis Santos e da sua família.

A presença da instrução pública na casa-escola abraçou na primeira **turma de 1947** uma quantidade de **50 alunos** de várias idades e de diferentes localidades próximas de Tamboril. No ano de 1948 passou a instruir uma quantidade de 66 alunos de séries diferentes, em 1949 a escola absorveu 60 alunos e, por fim, em 1950 ocorreu um registro de 50 alunos para se dedicarem às práticas educativas, conforme **Livro de Registro de Matrícula** da Escola Isolada de Tamboril.

A velha escola da ex-professora Lusía Reis Santos cumpriu, dentro das limitações que lhe foram impostas, não só o papel de repassar os rudimentares conhecimentos educacionais, mas foi no espaço reservado para as finalidades educativas da casa da professora que se desenvolveram a **cultura escolar** e, também, a colagem de singularidades deixadas em cada aluno que assistiram às suas aulas.

As aulas iniciavam às 7:00 horas e íam até às 11:00 horas, com um intervalo para o recreio às 9:00 horas. Conforme depoimentos de ex-alunos da professora Lusíinha, era costume, antes do início das aulas, **rezarem** e **cantarem** o Hino Nacional Brasileiro.



Ilustração 12. Lusía Reis Santos (1911-1996), primeira professora da Escola Isolada de Tamboril

Fonte: Arquivo particular de Iolanda Reis

Um dos primeiros alunos que ingressou na casa-escola da professora Lusía Reis Santos foi o sr. **Braz Pinheiro**. Ao falar sobre a importância das aulas ministradas na escola da professora Lusiíinha, o ex-aluno afirmou que:

Essa escola teve muita representação para mim, porque eu aprendi. Aprendi a escrever o meu nome, tirar umas duas operações de conta e foi ótimo. Nós gostávamos da forma como ela dava as aulas porque ela tratava a gente muito bem. Era paciente demais com os seus alunos.

Saber escrever o próprio nome e tirar as quatro operações matemáticas numa escola do sertão era apoderar-se de mecanismos para ter condições de votar e, também, de não ser passado para traz nas prestações de contas ligadas ao comércio e nas práticas que requeriam os conhecimentos numéricos nas somas, na subtração, na divisão e na multiplicação.

O ex-aluno, sr. Braz Pinheiro (09.09.2005), destacou também a importância dos desfiles do dia **Sete de Setembro**:

Eu estudava de manhã para o meio-dia, porque eu tinha que trabalhar na roça e ajudar o meu pai. Mas o que mais me marcou durante o período que estive assistindo às aulas da professora Lusiíinha era quando chegava o dia Sete de Setembro. Nós formava aquele pelotão em frente da casa com um tamborzinho batendo e cantando. Fazia aquela volta arruando a casa. Era muito bom!...

Lembrando-se da sua vida escolar, o sr. Braz Pinheiro elencou o nome de colegas que estudaram com ele no ano de 1947. A saudade da escola demonstrada na entrevista pelo sr. Braz Pinheiro (09.09.2005) ficou patente nas declarações dadas:

Quando nós se reunia ali, naquela sala, para receber instrução daquela professora, né, ficávamos satisfeitos. [...] Eu não me lembro do nome de todos os alunos porque eram muitos, mas assistiam às aulas comigo o José Campos, Isabel Campos, Maria Campos e Joaquim Campos, do povoado Tamboril; Joaquina, José Santana e Cícero, do Tabuleirinho. As minhas irmãs Ana Pinheiro e Maria Pinheiro.

Nos relatos feitos pelo sr. Braz Pinheiro (09.09.2005), durante a entrevista, percebeu-se que a professora Lusia Reis Santos desempenhou o ofício da docência pautada na ética e na moral:

A dona Lusiíinha foi uma professora que moralizava os seus alunos e tratava bem, ficávamos satisfeitos. Nossos pais, também, tinham cuidado de mandar a gente para aquela escola porque sabia que a gente estava tendo êxito naqueles estudos. [...] A gente gostava das aulas da professora. Não judiava da gente. Respeitava a gente. Era uma pessoa muito calma e nós gostava das aulas dela.

Constata-se nos quadros da memória escolar do sr. Braz Pinheiro que, além da preocupação dos pais na educação dos filhos, havia um interesse dos filhos em participar das aulas. A ida para a escola não era forçada. Outro elemento de registro foi a maneira como os alunos respeitavam a professora. Vê-se que o que este ex-aluno declarou acerca da escola de dona Lusia Reis Santos foi como se fosse um tesouro guardado e que, agora, cada peça tem

um valor. Souza (2000,p.41), parafraseando Hanna Arendt, em torno da memória de escola, informa que:

Antes de tornar as crianças felizes, antes de proporcionar seu desenvolvimento, sua função é dizer aos herdeiros o que será seu de direito, é legar posses do passado para o futuro. Sem testamento cultural e sem escola – que indique, selecione e nomeie, que transmita e preserve, que fale onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – não pode existir continuidade consciente do tempo, e portanto, em termos humanos, nem passado nem futuro.

“Legar posses do passado”, segundo Souza (2000), foi o que os ex-alunos, ex-professora e integrantes da comunidade fizeram. Ao terem todos os aparatos da cultura escolar e todos os vestígios dos espaços e da cotidianidade conservados na memória e, agora, reescritos no presente, tornou-se mais fácil compreender como estes atores sociais conseguiram transpor as barreiras do impossível, que foi ter o ensino primário público consolidado na cidade de Isaiás Coelho.

Matricula da Escola Isolada do Povoado Tamboril

	NOME	idade	Filiação	Residencia
	Francisco Gomes Pinheiro	10	Bioncio Gomes Pinheiro	Tamboril
1	Maria das Graças Pinheiro	7	" " " "	"
	Amaralio Marques de Carvalho	9	Celestino Antonio de Lora	Carrancas
	José Santana de Sousa	13	Joaquim José de Sousa	Taboleiro
2	Joaquina Maria de Sousa	9	" " " "	"
	Vicente Joaquim de Sousa	11	" " " "	"
	Micilas Rodrigues	7	Cecilia Maria de Jesus	"
3	José Barbosa dos Prazeres	7	José Barbosa dos Prazeres	Sages 24
	José Barbosa Filho	13	" " " "	"
4	Francisco Barbosa dos Prazeres	14	" " " "	"
	Domael Barbosa dos Prazeres	11	" " " "	"
5	Amélia Maria de Jesus	8	José Manoel da Rocha	Tamboril
	Antal José da Rocha	14	" " " "	"
	Manoel José da Rocha	11	" " " "	"
6	Gilbertina Julia da Rocha	8	Emidio da Rocha Neto	Casas - Velhas
	Gilberto Emidio da Rocha	9	" " " "	"
7	Catarina Gomes Vieira	14	José Gomes Vieira	Tamboril
	Ostanes Gomes Vieira	13	" " " "	"
	José Diriope Vieira	12	" " " "	"
8	Ana Carvalho de Jesus	14	Pedro Rodrigues de Barros	Taboleiro
	José Rodrigues de Carvalho	12	" " " "	"
9	Maria Pinheiro de Alencar	12	José Raimundo de Alencar	Tamboril
	Joaquim Gomes Pinheiro	7	João Gomes Pinheiro	"
10	Ludite Maria da Conceição	7	José Eduardo	"
11	Maria de Jesus	14	Teresa Macolina	"
	Augusto Pinheiro de Carvalho	10	Ana Gomes Pinheiro	Taboleiro
	Napoléon Pinheiro de Carvalho	7	" " " "	"
12	Olina Costa	8	Egídio Costa	Tamboril
	Manoel Pereira da Silva	8	Teodoro Pereira da Silva	Sages
	Dionísio Pereira da Silva	7	" " " "	"
13	Maria Caldeci Pinheiro	9	Manoel Pinheiro	Tamboril
	João Evangelista Pinheiro	8	" " " "	"

A numeração deve ser distinta e seguida para cada sexo. A cada aluno devem ser reservadas duas linhas — (2) Deante dos nomes dos alunos penas mais graves.

Ilustração 13. Lista de alunos matriculados na Escola Isolada de Tamboril no ano de 1947
 Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes

Além dos alunos de Tamboril, outros alunos que moravam próximos ao povoado freqüentaram a casa-escola, pois naquela época era o único local onde havia uma professora e um espaço específico para as práticas educativas. Conforme os depoimentos do ex-aluno da professora, o sr. Messias Rodrigues Carvalho (30.08.2005), “além de Tamboril, vinha de outras localidades por perto assistir aulas de dona Lusiíinha, do Tabuleiro, vinha das Lajes, das Carreiras, os filhos de seu Celé das Carreiras, Armando e Teresinha e também de outras localidades”.

No que tange às disciplinas que a ex-professora ministrava constatou-se, através da fala do sr. Messias (30.08.2005), que o **ensino religioso** fazia parte das atividades desenvolvidas no interior dessa escola. Segundo os seus relatos, “além do ABC, da matemática com suas quatro operações, o catecismo era ensinado e o dia para a gente assistir as aulas de religião era nos sábados.”

Os **métodos de ensino** desenvolvidos pela ex-professora Lusiíinha, durante o processo educativo, seguia uma prática convencional de manuseio da escrita e de aspectos caligráficos. Nos relatos do sr. Messias (30.08.2005):

Tempo do ABC, né. Tinha o “agrumento”, naquele tempo, a professora mandava a gente escrever o ABC, ela fazia bem coisadinho as letras no papel, nós cobria mais ativo e tinha o dia de assoletrar as letras. [...]. Para casa fazia, também, o ABC com a letrinha apagadinha para nós cobrir, sabe? A gente avivava mais a letra, no dia seguinte vinha com aquilo feito.

Uma das práticas utilizadas, também, na casa-escola, era o uso da **palmatória** durante o processo de ensino-aprendizagem, só que não era a professora que manuseava a “arma da punição”. Esse instrumento horrendo para os alunos de Tamboril ficava à disposição do aluno que conseguisse assimilar com desenvoltura o aprendizado. Daí, com o uso da palmatória, ocorriam as palmadas eficazes para aqueles alunos que não absorviam os ensinamentos. Nas memórias do sr. Messias (30.08.2005):

Pegava dois alunos, botava o nome de qualquer, por exemplo, fulano e fulano, aí os dois alunos iam para perto da professora, depois pedia para a gente assoletrar, aí eu assoletrava, se eu assoletrasse errado ela não dizia nada, aí o outro assoletrava, se o outro assoletrasse certo aquele pegava a palmatória e dava as palmadas. Aí outra palavra, se eu acertasse, eu dava as

palmas nele que já havia me dado as palmas, era assim o “agrumento” que a gente chamava.

Como se vê, o **argumento** estava associado à palavra **castigo**. Só em estar perto da professora e em frente a vários alunos, aquele momento se transformava em tortura, mesmo que o aluno soubesse soletrar, o clima de medo fazia com que errasse a soletração.

No tocante à palmatória, há de se perceber que embora as professoras leigas não manuseassem este instrumento de punição, pois ficava ao arbítrio da força do colega, não tira dela a cumplicidade referente aos atos punitivos.

Apesar disso, havia na casa-escola afetividade entre os alunos que freqüentavam as aulas, pois além do aspecto familiar repassado pela casa, uma boa parte dos alunos que freqüentavam a escola de dona Lusiíinha eram filhos de pessoas senão pertencentes à mesma linhagem familiar, amigos de longas datas. Nos quadros da memória do ex-aluno as lembranças foram tomando corpo à proporção que ele foi estabelecendo uma relação com outros elementos que faziam parte do contexto em que estava inserido. Para o senhor Messias (30.08.2005):

Aquela turma era todos amigos, né. A gente só brigava fora da aula, no caminho, nas estradas, mas de brincadeira. Na aula era tudo amigo. Tinha meus primos assistindo as aulas comigo, Augusto Pinheiro de Carvalho, Gerson Pinheiro de Carvalho, Lourival Pinheiro de Carvalho, Cícero José de Sousa, José Rodrigues, Eremita Carvalho, Venâncio e outros que não me lembro agora.

“Só eu senti, só eu compreendi”, conforme Bosi (1994,p.408). Com isso, vê-se que as passagens das entrevistas que, às vezes, pode não ter significância para um outro grupo, nesta comunidade teve valor subjetivo. Foi com as reminiscências coletadas que se conseguiu mapear todo o seu processo escolar.

A importância da professora Lusiíinha para a educação de Tamboril foi marcante, pois além de ter sido a primeira a chegar nesta comunidade conseguiu edificar, com todos os problemas estruturais, uma cultura escolar com feições próprias.

Um outro ex-aluno de dona Lusiíinha, **Joaquim Pereira Rocha** (30.08.2005), o sr. Quincas Rocha, como é conhecido, assim relembra a professora:

Ela era uma mulher simples. Ela era educada. Tratava a gente bem. Eu mesmo fui uma pessoa que ela me tratava muito bem, até passei a ensinar alunos que foram dela. Eu gostava muito das aulas dela. Ela ensinava direitinho.

O sr. Messias (30.08.2005), embora confirme o perfil apresentado pelo sr. Quincas Rocha, em torno da ex-professora, ressaltou as práticas punitivas que faziam parte da cultura escolar da casa-escola da professora:

Eu achava ela boa. Ela era um pouco carrasco, mas ela era boa. Foi pouco tempo com ela. [...]. Quando a gente não sabia das coisas ela explicava, ensinava. Era ruim no dia dos “agrumentos” porque não era ela, era o adversário d’agente. Se a gente lesse errado, soletrasse errado, aí a palmatória comia, mas não era a professora que surrava nós, era o acompanhante d’agente. [...]. Alguma coisa que eu sei, que aprendi, eu agradeço a ela por que foi a primeira que me ensinou, pois eu não sabia o que era um A, um B.

O **material escolar** utilizado pelos alunos durante as aulas era o mínimo possível, pois considerando que a casa-escola era uma escola de alfabetização, e o que se aprendia estava resumido às quatro operações matemáticas, leitura e escrita, nada mais comum do que aquelas crianças freqüentarem as aulas apenas com lápis grafite, cartilha e caderno. Conforme o ex-aluno Messias (30.08.2005) “a gente levava o lápis, cartilha do ABC, e no dia da prova era aquele papel grande para fazer a prova, mas nós é que comprava, com o dinheiro de nossos pais”.

A escola em Tamboril também proporcionou aos estudantes uma diversão à parte, pois não havia outro tipo de encontro social mais freqüente. Conforme relatos de uma ex-aluna, a senhora **Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro** (05.09.2005):

No povoado não tinha divertimento nenhum. Não tinha festas. A festa que tinha era brincar de roda à noite, cantar. [...]. Ah! Foi bom demais assistir às aulas porque a gente não via outra coisa. Não existia outro divertimento. Eram todos crianças. E o divertimento era com as aulas. Ensinava a gente tudo, a rezar, cantar. Era assim mesmo...

Ao descrever o **local** onde aconteciam as práticas educativas, na casa-escola improvisada da professora Lusía Reis Santos, a ex-aluna, a senhora Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (05.09.2005), expôs que:

Era uma porta e uma janela. Uma pequena sala sem ladrilhos, sem nada, no barro puro. Na frente, o marido de dona Lusía Reis Moura, Tio Estevão, construiu uma latada coberta de capim com palha de carnaúba. Aí a gente ficava brincando no recreio, debaixo da latada.

Amparando-se nas declarações da ex-aluna, nota-se que o ambiente da casa era muito simples. O próprio local onde se localizava a escola, do outro lado do Riacho das Carreiras, distante do centro do povoado, permitiu um melhor esclarecimento do quanto o processo escolar foi marcado por dificuldades.



Ilustração 14. Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (ex-aluna da Escola Isolada de Tamboril)
Fonte: Arquivo particular de Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro

Um ex-aluno da professora Lusía Reis Santos passou a ministrar aulas de caráter alfabetizante para alunos da comunidade, durante o turno da noite. Tratava-se do ex-professor **Joaquim Pereira da Rocha**, o sr. Quincas Rocha, natural da cidade de Patos-Pi, com apenas

o 4º ano primário, dedicou-se ao magistério em Tamboril, atividade que desempenhou paralela à prática da lavoura.

Segundo relatos feitos pelo senhor Joaquim Pereira da Rocha (30.08.2005) acerca do período em que esteve ensinando em Tamboril, declarou que:

Valeu a pena ter sido professor porque a gente sabe que está construindo um passo a frente para a vida na comunidade. [...] o que mais me motivou foi o interesse para o desenvolvimento do povoado, para que houvesse então pessoas capacitadas na comunidade.



Ilustração 15. Joaquim Pereira da Rocha (ex-professor da Escola Isolada de Tamboril)
Fonte: Arquivo particular de Joaquim Pereira da Rocha

As aulas do ex-professor Joaquim Pereira da Rocha foram ministradas no turno da noite. A princípio, os alunos assistiram às aulas no antigo salão e, posteriormente, passou-se a dar as aulas em um cômodo de sua residência, localizada próximo à feira local. Segundo relatos de ex-alunos e de pessoas de Tamboril, as aulas eram à luz de lamparinas, pois não havia energia elétrica no povoado. No que tange aos ensinamentos repassados pelo sr. Joaquim Pereira da Rocha, registra-se que eram ensinadas as rudimentares lições alfabetizantes.

Conforme entrevista feita com o ex-professor Joaquim Pereira da Rocha (30.08.2005) acerca do **método** que utilizava para dar as suas aulas, falou que: “o método mais prático que eu ensinava era fazer com que o aluno chegasse a conhecer a História, o porquê então vai aprender a ler, para quê? e por quê?”.

Ao falar sobre o período em que esteve assistindo às aulas do ex-professor Joaquim Pereira da Rocha, o ex-aluno, o sr. Braz Pinheiro (09.09.2005), posicionou-se sobre as marcas singulares deixadas pelos espaços onde eram realizadas as aulas:

O que mais marcou quando assistia às aulas de Quinca Rocha foi que eu me sentia feliz. Era uma diversão que a gente tinha. Eu morava fora do povoado, do outro lado do Riacho das Carreiras. Quando chegava a hora onde nós nos reuníamos naquele salão e depois na casa era ótimo. Uma diversão maravilhosa.

Como se vê, para o sr. Braz Pinheiro, as aulas com o ex-professor Quincas Rocha significavam além de aprendizagem, horas de diversão, uma vez que aquele era também espaço de encontros, onde a infância podia ser vivenciada sem as obrigações diárias impostas pelas atividades da lavoura e da pecuária.

Durante a entrevista com o sr. Joaquim Pereira da Rocha, constatou-se que outro motivo para o seu ingresso na docência foi o fato de não haver outra pessoa, na localidade, que se propusesse a dar aulas. É importante salientar que as aulas que o sr. Joaquim Pereira da Rocha ministrava, no povoado, foram pagas pela Prefeitura Municipal de Simplício Mendes-Pi. Não foram muitos meses. Mas conforme declarações dos seus ex-alunos, o tempo dedicado à Escola Isolada de Tamboril foi da saída da professora Lusía Reis Santos, no segundo semestre de 1950, até à chegada na escola da professora leiga Elisa Coelho Mauriz, em 1951.

3.2. Da casa-escola ao salão-escola: onde estava a diferença?

Com o aumento da **demand**a de alunos e o crescente **desenvolvimento do povoado** Tamboril, houve, então, a necessidade de transferir a escola para um espaço mais adequado para o seu funcionamento.

Surgiu, então, a idéia por parte dos pais dos alunos, que eram os mais interessados em vêem os seus filhos assistindo aulas e aprendendo a cultura letrada, em alugar um **salão-escola** que pudesse absorver os alunos de Tamboril e, também, dos arredores do povoado, pois já existia um fluxo maior de crianças nas localidades.

Para solucionar a problemática em torno de um espaço que pudesse absorver os alunos, a Prefeitura de Simplício Mendes assumiu o encargo pelos alugueis de um salão situado no centro do povoado e que ali funcionou durante duas décadas, de 1950 e a de 1960.

A **Escola Isolada de Tamboril** assumia, agora, uma nova configuração, embora permanecesse com os mesmos problemas: falta de material didático e mobiliário adequados, o caráter unidocente e multisseriado. Essa nova fase rompeu com alguns aspectos da casa-escola, uma vez que esse salão só era utilizado para as aulas.

Com o funcionamento da Escola Isolada de Tamboril, no salão, ocorreu uma procura maior pela escola, agora, sob o comando da professora **Elisa Coelho Mauriz**, oriunda da cidade de Simplício Mendes. Nesta escola desenvolveu-se mais uma etapa da escolarização local.

A Escola Isolada, onde a professora Elisa Coelho Mauriz ministrava as suas aulas, não tinha nenhum tipo de conforto. Conforme declarações do ex-aluno, o sr. Messias (30.08.2005), sobre os aspectos físicos desse salão-escola:

Era aproximadamente uns 12 metros de comprimento por 5 metros de largura. Era rebocado e o piso era de barro batido, não tinha piso de cimento, não. Tinha duas portas na frente, dessas portas abertas no meio e uma porta atrás. O salão tinha cadeiras, uma mesa e bancos, uma dureza terrível, e tinha um quadro negro.

Esse novo local onde ficou localizada a Escola Isolada de Tamboril deu uma motivação diferente aos estudantes que freqüentaram as aulas da professora Elisa Coelho Mauriz. Segundo o sr. Messias (30.08.2005): “naquela época, a Escola Isolada já recebia alunos além de Tamboril. De outras localidades como das Carreiras, Poções, Tabuleirinho, vindos da volta do riacho...”

Tal qual a escola da professora Lusíinha, antes do início das aulas, os alunos cantavam o **Hino Nacional Brasileiro**. Era, contudo, além de marcas de civismo, um aspecto da cultura escolar que a escola deixou registrada em cada aluno que esteve presente durante o processo

de ensino-aprendizagem. Constatou-se, ainda, que era de rotina a prática de os alunos **rezarem** antes e no final das aulas.



Ilustração 16. Elisa Coelho Mauriz (ex-professora da Escola Isolada de Tamboril)

Fonte: Arquivo particular de Heloísa Moura Luz

O **material escolar** utilizado pelos alunos, no salão-escola, durante o período em que a professora Elisa Coelho Mauriz esteve à frente dessa escola foi algo que a ex-aluna, a senhora Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (05.09.2005) abordou:

Com a professora Elisa Mauriz passou-se a usar livros, somente para alguns. Eu lembro que era um livro que tinha a bandeira do Brasil na capa e era escrito “Nosso Brasil”. Do 1º a 4ª séries. Um livro só para ser dividido em todas as séries. Ela dividia o livro. Estudamos com ele até a professora Deuzuíta chegar em Tamboril.

Ainda sobre o uso do livro didático durante o processo de ensino-aprendizagem, o ex-aluno Messias (30.08.2005), informou que: “a gente tinha livro com a professora Eliza Mauriz. Era o livro um e o livro dois. Nesse livro tinha figuras. Tinha o tal do vocabulário. Tinha o dia do vocabulário. Eu apanhava para caramba. Eu era ruim naquilo”.

Ao discorrer sobre a professora Eliza Coelho Mauriz e a maneira como ela dava suas aulas, o ex-aluno Messias (30.08.2005) destacou que: “eram aulas boas, normal mesmo. As

aulas eram de 7:00 horas às 11:00 horas e à tarde não tinha. Achei boa as aulas dela. Ela não era muito agressiva e era porque os alunos perturbava mesmo”.

A professora Elisa Coelho Mauriz desempenhou as atividades docentes na Escola Isolada de Tamboril no período de 26 de março de 1951 a 15 de março de 1953, conforme o disposto no **Livro Registro de Matrícula** da Escola Isolada de Tamboril.

De março a maio de 1953, conforme o Livro de Registro de Frequência Diária, assumiu a Escola Isolada a ex-professora **Odorica Rodrigues da Silva**, natural da cidade de Simplício Mendes. Recebeu a Escola Isolada de Tamboril nas mesmas condições das outras professoras.

Durante os meses em que a professora Odorica Rodrigues da Silva esteve na Escola Isolada o uso da palmatória também foi adotado. De acordo com o ex-aluno Messias (30.08.2005):

Existia a palmatória. Ela usava no dia do “agrumento”. Chamava fulano e fulano, vem aqui. Pedia para a gente assoletrar um nome, aí a professora mandava a gente ler, qualquer nome, por exemplo, o nome goiaba. Messias assoletrava, aí eu assoletrava errado e, depois, mandava o outro, se o outro assoletrasse certo, era o aluno que ía me bater, tantas palmadas com a palmatória.

Um fato destacado pelo sr. Messias (30.08.2005), como positivo, foi a paciência da velha mestra:

Para mim ela foi muito boa. Ensinava um bocado de coisas. E tinha paciência. Eu era meio “safado”, mas ela tinha muita paciência de me ensinar, não sei se era por que naquele tempo eu era um filho sem pai, sem mãe, sei lá, né. Só sei que ela me ensinou muito. Eu gostei muito dela.

Ao lembrar do tempo em que assistia às aulas de dona Odorica, a ex-aluna, a senhora Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (05.09.2005), expôs as dificuldades existentes naquela escola devido às diferenças de idades entre os colegas de turma:

Com dona Odorica fomos para a cartilha. Eu era muito mais nova do que os outro. Os outros já estavam mais adiantados. [...]. Era muito difícil porque

Havia um campo reservado no registro de frequência diária para a professora registrar os dias letivos do mês. Chama a atenção no diário de classe utilizado pela Escola Isolada de Tamboril a não presença de um espaço para o docente efetuar o **controle dos conteúdos** ministrados em sala de aula durante o ano letivo.

Na trajetória do processo educacional de Tamboril, chegou à localidade, oriunda do município de Simplício Mendes, em 16 de julho de 1953, a ex-professora **Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques**. A convite do ex-prefeito de Simplício Mendes, o sr. Arnaldo Ferreira de Carvalho, ingressou na então Escola Isolada de Tamboril. Através da portaria nº X-517 foi admitida para desempenhar as funções de professora de letras na escola do povoado de Simplício Mendes. A referida portaria foi exarada no processo nº X-3608, de 16 de junho de 1953 e lavrado pelo Secretário Geral do Estado do Piauí. Com ela, o ensino assumiu uma nova roupagem.



Ilustração 18. Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques (ex-professora da Escola Isolada de Tamboril, da Escola Reunida de Tamboril e do Grupo Escolar Daniel Gomes)
Fonte: Arquivo particular de Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques

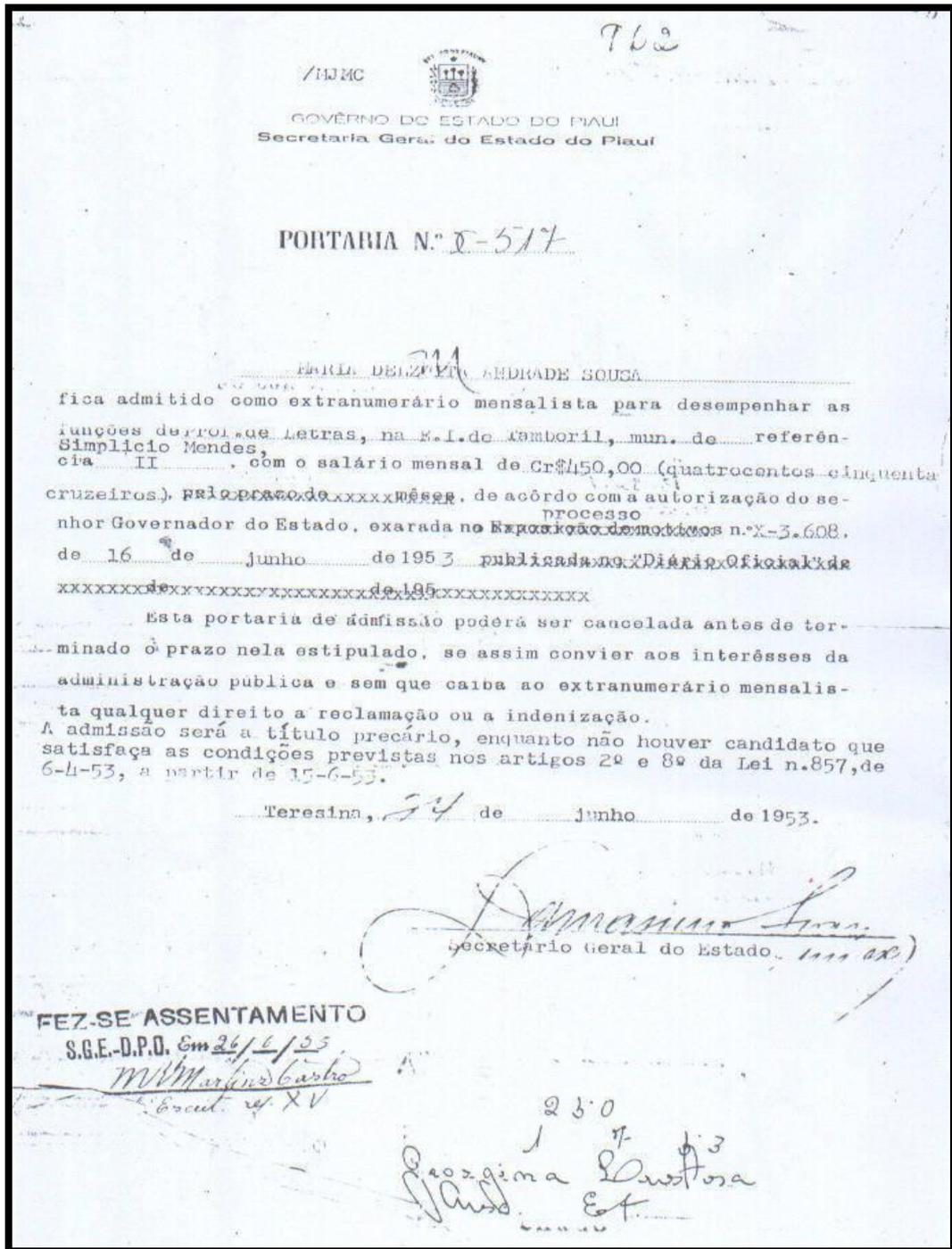


Ilustração 19. Portaria nomeando Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques a professora em Tamboril

Fonte: Arquivo particular de Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques

Um fato de registro acerca da professora Delzúita é que a mesma presenciou as três etapas pelas quais passou o ensino primário público em Tamboril. De início recebeu a Escola

Isolada, depois passou pela Escola Reunida e por último o Grupo Escolar Daniel Gomes. Somente deixou de exercer o magistério em 19 de setembro de 1986, quando se aposentou.

A Escola Isolada continuou no mesmo salão. A estrutura onde ocorreram as práticas educativas, em nada mudou. A descrição feita pela professora Delzuíta (30.08.2005) acerca do salão, evidencia os mesmos traços já descritos por ex-alunos:

Uma longa história. Era uma mesinha meio grande. Os alunos rodeados ali, tudo sentado em bancos. Da alfabetização até à 4ª série. Era multisseriado. Todos reunidos na mesma sala. [...]. Nessa sala era ladrinho o chão. O quadrinho que a gente passava o exercício. Era uma coisa assim...

As aulas sob a direção da professora Delzuíta começavam às 7:30 horas e se estendiam até às 11:00 horas, com intervalo para o recreio que acontecia às 9:00 horas e terminava às 9:30 horas. Conforme a professora, a quantidade de alunos que assistiam às aulas era em torno de 35 a 40 alunos, funcionando somente no turno da manhã.

Aspecto considerável durante os anos em que ministrou aulas no salão residiu na disparidade de idade dos alunos que assistiam às aulas no mesmo espaço, com uma mesma professora. Posicionando-se sobre isso, a ex-professora Delzuíta (30.08.2005) afirmou que: “havia nesse salão alunos de idades diferentes assistindo às aulas comigo. De 7 anos de idade até 15,16,17 e 18 anos. Era muito complicado.”

Ao falar sobre a aprendizagem dos seus alunos, a professora deixou claro que o que mais lhe marcou foram os esforços e interesses dos alunos em aprender. De acordo com a ex-professora Delzuíta (30.08.2005), “os alunos da Escola Isolada tinham muito interesse, daí aonde vinha a força da aprendizagem que se tornava os alunos, naquele tempo, bem preparados. Mas por que isto? Era pela força de vontade dos alunos”.

Há de se destacar que durante o período em que a professora Delzuíta esteve à frente da Escola Isolada ocorreu uma demanda maior pela escola, visto que da chegada da professora em 1953, até à emancipação política que ocorrera em 09 de dezembro de 1963, houve um lapso temporal que marcou o povoado, pois a sociedade local já passava por mudanças significativas, uma vez que o povoado recebia cada vez mais pessoas devido às feiras locais e, também, a procura pela escolaridade.

A cada ano crescia a quantidade de alunos que a escola recebia. Para a ex-professora Delzuíta (30.08.2005), “além das pessoas do Tamboril, vinham pessoas de outras localidades,

distante um quilômetro, dois quilômetros. Vinham gente do interior à pé, com certeza. Vinham das Lajes, do Tabuleirinho e de outras localidades”.

Mesmo a comunidade tendo saído da condição de um povoado, mantiveram-se os aspectos rurais. As mudanças na malha urbana só foram sentidas depois da construção de instituições que tornaram repartições públicas de verdade e, ainda, o alargamento e pavimentação das ruas.

Uma das **atividades extra-classe** desenvolvidas durante o tempo em que a professora Delzuita (30.08.2005) direcionou a Escola Isolada foi a participação dos alunos nos desfiles do dia **Sete de Setembro** de cada ano. Naquele momento ocorria a apresentação dos alunos à sociedade local. Conforme as palavras da ex-professora:

No dia Sete de Setembro os alunos desfilavam pelas ruas. E depois que chegou Chiquinho, filho de Leôncio, ajudou aqui. Chiquinho cooperava muito. Tinha os tambores, essas coisas assim, que os alunos mesmos tocavam, batiam e saíam marchando. E tudo dava certo no final.

No que diz respeito à **indisciplina** no espaço da Escola Isolada, durante os anos em que foram realizadas as aulas no salão, praticamente eram inexistentes, pois havia um respeito enorme aos professores que se habilitavam em assumir o comando da escola, embora algumas peraltagens ocorressem. Segundo a ex-professora Delzuita (30.08.2005):

Não havia indisciplina, naquela época. Não é como os alunos de hoje, não. Eram alunos obedientes, viu? Interessados. Portanto, eu me sinto realizada e gostei muito de meus alunos, graças a Deus. Até hoje são pais de famílias, mas eu gosto de todos, por sinal sou comadre de muitos que foram meus ex-alunos.

Além do respeito que os alunos tinham por ela, a sociedade local nutria-lhe admiração. O manejo de classe foi uma das coisas que os seus ex-alunos mais apontaram. Conforme relatos de seu ex-aluno, o sr. Messias (30.08.2005):

Tenho muitas saudades daquele tempo, por que aprendi alguma coisa. Foi a minha última professora. O que eu aprendi dela, eu guardei. Faço minhas

quatro operações de conta. Eu agradeço a ela, né? Terminei meu primário. Agradeço a todas as outras professoras, mas mais a ela que foi que me ensinou mais coisas. [...]. Todas as vezes que eu passo por ela eu brinco com ela e digo que agradeço alguma coisa que aprendi a ela. [...]. Escrevo uma carta e aprendi com ela. Para mim foi uma boa professora.

A ex-aluna Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (05.09.2005), ao recordar os momentos em que esteve como aluna da Escola Isolada, tendo a dona Delzuíta como sua educadora, falou que:

Foi muito bom o período que eu assistia as aulas com a professora Delzuíta, por sinal, ela era como se fosse uma integrante da família da gente. Muito boa. Em Tamboril ela casou-se com o senhor Benigno. E ainda hoje ela é uma pessoa muito respeitada em Isaías Coelho. Se aposentou, mais ainda hoje é referência na educação local. Eu me lembro que quando ela chegou no Tamboril ela foi morar na casa do senhor João Pinheiro, aí depois ela foi morar conosco, na casa de meus pais.

Ao se reportar sobre as disciplinas ministradas pela ex-professora Delzuíta, bem como os colegas de sala de aula, a senhora Aldenora Feitosa da Rocha Pinheiro (05.09.2005) se emocionou ao relatar aquele passado:

Foi muito bom o período que eu estudei no Tamboril. Terminei o primário com a professora Delzuíta. [...]. Era muito difícil a professora, naquela época, todas as disciplinas eram dadas por ela, depois foi que chegou a professora Maria Vilani Pinheiro para cooperar com ela. [...]. Eu assistia aulas com muita gente, Creusa, de Leonício, Catarina Campos, Maria do Socorro Feitosa da Rocha, Valdeci Pinheiro e outros.

Tanto na casa-escola da professora Lusía Reis Santos, como no salão-escola da Escola Isolada, os alunos freqüentavam as aulas fardados. E, assim, fardados, os alunos conduziam escritos no bolso dessa farda as iniciais da escola **E.I.T.** (Escola Isolada de Tamboril). Símbolo que identificava a escola daquela comunidade. Para o sr. Messias (30.08.2005):

Os pais, naquele tempo, tinham que comprar a farda. Tinha que comprar o calçadinho, o chinelinho. A farda era uma camisinha branca e a calça era azul, com a camisinha escrivida no bolso, escrito E.I.T. Tinha uma gravatinha. Para as aulas, os alunos tinham que ir com a farda. A calça não era comprida, era um calção.

Há de se destacar que a Escola Isolada de Tamboril funcionou durante os anos de 1947 a 1970. Embora, em finais da década de 1960, tenha sido construído o **Grupo Escolar Daniel Gomes**, na administração do ex-prefeito de Isaías Coelho, o sr. **Otilio Manoel Rodrigues**.

As condições em que funcionavam as aulas na Escola Isolada de Tamboril, em um espaço pequeno, não fizeram que ocorresse algo pedagogicamente diferente e melhor para os alunos. A inferioridade desse tipo de escola em relação ao grupo escolar era visível, ressaltando, é claro, o gerenciamento humano da escola empreendido por bons educadores, que fizeram o possível para educar as crianças locais, mesmo enfrentando dificuldades. Segundo Souza (2000,p.130), as Escolas Isoladas assumiram o seguinte perfil:

As Escolas Isoladas compreendiam estabelecimentos de ensino primário inferiores aos grupos escolares tendo em vista a organização didático-pedagógica, as condições de trabalho dos professores e a qualidade do ensino.

O quadro acima mostra o quanto a educação escolar em Tamboril demorou a se consolidar, a busca por respostas nesse campo deve-se a vários **motivos** dentre eles, o perfil social dessa comunidade, que não possuía um grau de escolaridade capaz de exigir do poder público as benesses que o Estado deve dar ao cidadão; outro fator de demora foi o pouco caso das administrações que estiveram frente à prefeitura de Simplício Mendes, que não viabilizaram o processo educacional em Tamboril.

Manter em funcionamento uma Escola Isolada não onerava tanto os cofres públicos do município de Simplício Mendes, pois nota-se que os gastos com esse salão-escola eram mínimos, tanto no aspecto de manutenção quanto em pagamento a uma única professora. Coube esperar até 1970 para que se pudesse ver consolidado o ensino primário na localidade, com a implantação do Grupo Escolar Daniel Gomes.

O quadro em que se configurou a instrução escolar em Isaías Coelho nos anos do modelo casa-escola e salão-escola ficou na memória coletiva de todos os alunos que

vivenciaram nos espaços da Escola Isolada as práticas educativas dirigidas pelas professoras. Essas imagens espaciais guardadas pelos cidadãos isaiascoelhenses penetraram, sobremaneira, a consciência de cada membro da sociedade que de uma forma ou de outra estavam inseridos naqueles espaços. Nas lições de Halbwachs (1990,p.133):

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da idéia que faz de si mesmo. Ela penetra todos os elementos de sua consciência, comanda e regula sua evolução. A imagem das coisas participa da inércia destas. Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio. [...] As imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva.

As mudanças que se processaram nos integrantes do grupo que adentraram os espaços escolares de Tamboril ficaram evidentes nos depoimentos coletivos apresentados nas entrevistas. Como bem abordou Halbwachs (1990,p.133), este cidadão “se fecha no quadro que construiu”, por que ele se reconhece como indivíduo que foi capaz de sofrer transformações e, também, afetar o meio em que estava inserido”.

3.3. Escola rural: espaço das professoras leigas

O compromisso assumido pelas professoras da Escola Isolada de Tamboril, em desempenhar as atividades docentes e a direção dessa instituição de ensino, excedia os limites de uma escala normal de trabalho. Nota-se, pelos depoimentos de ex-alunos e da ex-professora Delzuíta, que a **jornada de trabalho** a serviço da escola extrapolava em todos os sentidos.

A motivação que os docentes da Escola Isolada tinham para exercer o ofício deve-se ao fato da confiança e admiração que os pais nutriam por essas pessoas, dotadas de um saber escolar superior aos que moravam no povoado. Com o devido respeito depositado nesses

docentes, desenvolveu-se, paulatinamente, no meio rural de Tamboril, o ingresso no conhecimento da cultura escrita. Cultura que pôde transformar, desde cedo, os indivíduos marcados pelas adversidades do meio em que estavam inseridos.

Um fator de destaque notado durante as entrevistas feitas em torno do processo educacional de Tamboril foi a maneira como os ex-alunos se referiram à Escola Isolada, pois a ela os mesmos aludiam como se a escola fosse de propriedade da professora, ratificando as lições de Loiola Sousa (2002,p.83), para quem “a responsabilidade da oferta e manutenção da escolarização na zona rural a cargo das professoras fazia com que elas fossem concebidas pela população local como proprietárias das Escolas Isoladas”.

A sistemática educacional implantada na localidade Tamboril era insuficiente, pois não atendia de maneira satisfatória a comunidade, contudo, em meio às precariedades existentes construiu-se um modelo de educação. Garantiu-se, com isso, o ingresso de alunos na escola que, vivendo na zona rural, jamais teriam condições de se estabelecerem em outro centro mais desenvolvido. A estruturação do ensino em Tamboril coube às professoras que por Tamboril estiveram e que implantaram as ações educativas que melhor se adequaram à realidade local. Segundo Loiola Sousa (2002,p.76):

A importância da ação das professoras nas Escolas Isoladas do meio rural para a estruturação do sistema de ensino público brasileiro se deu não só pela possibilidade de garantir a educação escolar, mesmo insuficiente, para uma população historicamente excluída dos serviços educativos oferecidos pelo Estado, mas, sobretudo pela capacidade deste tipo de escola assegurar sistematicamente a oferta letiva ano a ano.

No espaço da Escola Isolada de Tamboril a docência ficou a cargo de professoras leigas que desempenharam as atividades educacionais durante os anos de 1947 a 1970, bem como nos anos iniciais do Grupo Escolar Daniel Gomes. Conforme Almeida (2001,p. 83):

Os professores rurais [...] pessoas marcadas pela distinção, talvez por assumirem uma posição de singularidade e superioridade cultural que acabava lhes diferenciando dos demais habitantes. Por mais precária que fosse sua formação, eram portadores de saberes que iam além dos conhecimentos empíricos próprios do mundo rural e, justamente por isso, a relação que se estabelecia entre eles e a comunidade não era uma relação entre iguais.

Nos depoimentos dados pelos ex-alunos da Escola Isolada de Tamboril, notou-se o respeito que eles tinham à professora que direcionava esse modelo de escola. A marca da singularidade e da superioridade das professoras fica evidenciada no bojo da sistemática educativa de Tamboril, mesmo com as precárias condições de trabalho e a ausência de uma formação específica para o ofício da docência.

O fato é que a Escola Isolada de Tamboril foi se tornando obsoleta frente às transformações da localidade. Urgia que, em plena década de 1970, fosse instalado um grupo escolar em Isaías Coelho, pois havia passado sete anos da sua emancipação política e necessitava-se de um espaço mais adequado e moderno para as práticas educativas.

3.4. Vasculhando livros: a inspeção escolar

Durante o período em que o modelo Escola Isolada esteve presente no processo educacional de Tamboril, houve inspeção e controle do ensino ali estabelecido. De acordo com o **Livro de Matrículas** de alunos redigido de próprio punho pelas professoras que estavam à frente da escola constatou-se desde o termo de abertura até o termo de encerramento, que o registro efetuado de alunos passava pelo aval do **Presidente do Conselho Popular de Instrução** que, na ocasião, ficou na responsabilidade do sr. **Joaquim Mendes de Oliveira**, da cidade de Simplicio Mendes, bem como a rubrica e a numeração ordenada das folhas desse livro.

Verifica-se que no decorrer da sistemática educativa houve o controle da Escola Isolada de Tamboril feito por um **inspetor de ensino**, encontrando-se no livro de Registro de Matrícula, nas folhas de nº 4 e nº 5, o visto feito pelo inspetor **Milton Chaves**, quando visitou a Escola Isolada, em 09 de abril de 1948.

Nas exposições feitas por Lopes (2001,p.111):

Esta ‘inspeção técnica’ deveria ser exercida, essencialmente, pelos inspetores do ensino. Estes deveriam fazer viagens de inspeção pelo interior do estado, além de realizar a inspeção das escolas da capital. A idéia era que funcionassem, principalmente, como ‘olhos’ da Diretoria da Instrução Pública nas, então definidas como arcaicas casas-escolas do interior do

Estado, já que os grupos escolares possuíam a figura do diretor, além de localizarem-se na capital.

A cada fechamento de matrícula efetuada pela professora da Escola Isolada de Tamboril era lavrado um termo e datado. Nesse termo, fazia-se referência ao Presidente do Conselho Popular de Instrução. Logo abaixo dos nomes dos alunos, a professora lavrava a sua assinatura. Como mais uma forma de controle da Escola Isolada, a professora preenchia um boletim mensal de acompanhamento dos alunos e encaminhava ao órgão competente.

Em data de 13 de setembro de 1956, em um dos boletins mensais, há o registro de vistoria feita por um inspetor e também a assinatura do Presidente do Conselho Popular de Instrução que, na época, era ocupado pelo **Delegado de Polícia** de Tamboril, o sr. **João Antônio Pinheiro**.

QUADRO 01

Quadro de matrículas da Escola Isolada de Tamboril de 1947 a 1970

ANO	ALUNOS MATRICULADOS	ALUNOS DO SEXO MASCULINO	ALUNOS DO SEXO FEMININO	TIPO DE CLASSE	PROFESSORA
1947	50	28	22	multisseriado	Lusia Reis Santos
1948	66	38	28	multisseriado	Lusia Reis Santos
1949	60	32	28	multisseriado	Lusia Reis Santos
1950	50	27	23	multisseriado	Lusia Reis Santos
1951	49	28	21	multisseriado	Elisa Coelho Mauriz
1952	37	21	16	multisseriado	Elisa Coelho Mauriz
1953	33	12	21	multisseriado	Odorica R.Silva (15.03.53) a maio de 1953), Maria Delzúita

					A.Sousa (30.07.1953 ao término do ano)
1954	33	17	16	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1955	32	15	17	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1956	39	17	22	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1957	29	15	14	multisseriado	M ^a Delzuíta A.Sousa
1958	35	14	21	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1959	46	20	26	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1960	33	13	20	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1961	38	20	18	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1962	80	29	51	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1963	64	23	41	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1964	79	25	54	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1965	56	23	33	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1966	53	26	27	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1967	47	21	26	multisseriado	Maria Delzuíta A.Sousa
1968	40	18	22	multisseriado	Maria Delzuíta

					A.Sousa
1969	54	21	33	multisseriado	Maria Delzúita A.Sousa
1970	52	15	37	multisseriado	Maria Delzúita A. Sousa

Fonte: Livro de Registro de Matrícula da Escola Isolada de Tamboril (1947 a 1970)

Nos **boletins** preenchidos pela professora da Escola Isolada de Tamboril constavam **dados referentes à professora**, com suas credenciais, classe de regência, turno e assinatura, bem como o quadro elencando os **alunos matriculados** durante o mês, os alunos que passavam para o mês seguinte, os dias letivos do mês, total dos comparecimentos dos alunos, frequência média e matrícula efetiva. Como não havia zeladora na Escola Isolada de Tamboril, esse espaço era deixado em branco. Abaixo da folha do boletim mensal era lavrado o visto da autoridade escolar.

Visto -
João Antonio Pinheiro
de 13/3/56

ESTADO DO PIAUÍ

Secretaria de Estado da Educação e Saúde

BOLETIM MENSAL

Escola Isolada

NOME DO ESTABELECIMENTO

Maria Delzquita Andrade Sousa

DIRETOR OU RESPONSÁVEL

SEDE Rovado Tamboril MUNICÍPIO Simpliciano Mendes

ANO 1956 MÊS Março

	SÉRIES										TOTAL	
	1.ª		2.ª		3.ª		4.ª		5.ª		M	F
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
Alunos existentes no mês anterior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
• matriculados durante o mês	8	10	4	5	1	3	-	-	-	-	13	18
• eliminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
• que passam para o mês seguinte	8	10	4	5	1	3	-	-	-	-	15	18
Dias letivos do mês	24	24	24	24	24	24	24	24	24	24	24	24
Total dos comparecimentos dos alunos	160	190	68	85	20	60	-	-	-	-	249	335
Frequência média	6,66	7,91	2,83	3,54	0,83	2,5	-	-	-	-	10,33	13,95
Matrícula efetiva	8	10	4	5	1	3	-	-	-	-	15	18

PROFESSORES				CONTINUAÇÃO	
Com regência de classe		Auxiliares			
Normalistas	Não Normalistas	Normalistas	Não Normalistas		
-	1	-	-	Delzquita	
Nomes dos professores frequentes				Delzquita	
M. ^a Delzquita Andrade Sousa				Inspetor -	
				Zelador -	

Observações -

Visto da autoridade escolar João Antonio Pinheiro Delegado do G. P. de Instrução

Ilustração 20. Boletim Mensal da Escola Isolada de Tamboril (março de 1956)
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes

No cabeçalho do boletim mensal era especificado o nome Estado do Piauí: Secretaria de Estado de Educação e Saúde. Havia, ainda, um espaço para as observações que a professora poderia fazer em caso de alguma ocorrência durante o processo de ensino-aprendizagem.

Os boletins mensais eram preenchidos em quatro vias. A primeira via era remetida diretamente à Secretaria de Educação pela via mais rápida e as três outras seriam destinadas respectivamente ao agente de estatística, ao coletor ou exator e ao arquivo da escola.

No manuseio dos livros constatou-se também que o poder aquisitivo dos pais dos alunos que freqüentaram a Escola Isolada de Tamboril era dos mais variados possíveis. Constatou-se tal afirmativa devido ao cuidado que tinham as professoras da escola em colocarem a filiação dos alunos no Livro de Registro de Matrícula. Em vista disso, foi evidenciado um quadro diversificado de profissões dos pais, dentre elas destacaram-se a de fazendeiros, comerciantes, lavradores, vaqueiros, funileiro, caminhoneiro, hoteleiro, pedreiro, carpinteiro, policial reformado, coletor, ferreiro, mestre-escola, sapateiro, juiz de paz e outros.

Algumas considerações devem ser feitas acerca do nível de escolarização dos pais dos alunos da Escola Isolada de Tamboril. Conforme se constatou, uma boa parte deles sabia rudemente ler, escrever e contar. Sabe-se, com base nas entrevistas feitas, que não freqüentaram escolas, mas alguns receberam os ensinamentos de mestres-escola em outras partes do Piauí.

3.5. Escola Reunida de Tamboril: um trampolim para o grupo escolar

Com a emancipação política do povoado, a Escola Isolada, que funcionava nessa localidade foi elevada à condição de **Escola Reunida Moura Fé**, por força da lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963, sancionada pelo governador Petrônio Portela. Segundo a ex-professora Delzuíta (30.08.2005):

A Escola Reunida aconteceu, com certeza. Ela tomou outro caráter. A diferença que houve foi que arranjaram outra professora municipal, que foi a professora Maria Vilani Pinheiro, aí ela entrou. Natural de Tamboril. Ela entrou depois de muito tempo. Eu dividia as disciplinas com ela. Eu fiquei com o 3º e 4º anos e ela com a alfabetização, 1º e 2º anos.

O modelo Escola Reunida que funcionou em Isaías Coelho, na prática, não representou algo diferente da Escola Isolada, e isso ratifica o defendido por Lopes (2001, p.118): “[...] As Escolas Reunidas eram a simples junção de três ou mais escolas em um mesmo espaço sob uma mesma direção, mantendo inicialmente, a mesma organização pedagógica da casa-escola”.

Não ocorreu, em Isaías Coelho, a junção de outras Escolas Isoladas, mas o aproveitamento do mesmo salão-escola para funcionamento da Escola Reunida. Ressalta-se que não havia nem porteiro e, nem tampouco, zeladora. Segundo a ex-professora Delzuíta, a limpeza desse salão-escola era feito por uma pessoa que já trabalhava com ela em sua residência.

Rompe-se a regra, pois o estabelecimento da Escola Reunida ficou somente restrito ao texto da lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963 que, no seu artigo 5º, elevou a atual Escola Isolada do povoado Tamboril à condição de Escola Reunida, com a denominação **Escola Reunida Moura Fé**.

Segundo Lopes (2001,p.120), dissertando sobre as Escolas Reunidas:

[...] as Escolas Reunidas revelaram-se, pois como um modelo alternativo e intermediário entre as casas-escolas e os grupos escolares, seja no tipo de prédio em que eram instaladas, seja na organização pedagógica do trabalho docente.

Para assistir às aulas na Escola Reunida Moura Fé era notória a participação de alunos oriundos de localidades circunvizinhas, apesar do município de Isaías Coelho já haver sido emancipado e contar com bastantes pessoas de outras localidades morando na cidade. O trajeto para se chegar à escola era percorrido em lombos de animais e, muitos dos alunos, vinham a pé pelas malhas das estradas carroçais. Segundo o ex-aluno Messias (30.08.2005):

Era difícil a vida. A gente morava no interior. Tinha que vim de lá já comido uma pipoca, seja o que for, por que aqui não tinha merenda, só tinha água de beber, então era muito difícil. Se a gente tivesse um animal, a gente vinha montado, senão a gente vinha de pé 3 quilômetros. A gente saía do Tabuleirinho 6:00 horas para assistir às aulas e chegava aqui atrasado.

Como se vê, mesmo diante das dificuldades de acesso à escola e de permanência na mesma, uma vez que no período em tela não havia a merenda escolar, os alunos sentiam-se motivados a frequentá-la.

Mas o grande passo rumo à expansão do ensino primário público no município só veio mesmo com a construção e aparelhamento do grupo escolar Daniel Gomes. Logo foram surgindo novos profissionais da educação. Em torno, agora, de uma nova proposta de ensino. O surgimento desta escola num meio ainda com tonalidades rurais marcou cada aluno que presenciou as práticas educativas e fez com que se moldasse uma cultura escolar própria concatenada pela cadência em que estavam inseridos.

4. O GRUPO ESCOLAR DANIEL GOMES: DA MODERNIZAÇÃO URBANA À MODERNIZAÇÃO ESCOLAR (1970)

A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizasse a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslisava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. E nem me afoitava a incomodar as pessoas grandes com perguntas. Em consequência, possuía idéias absurdas, apanhadas em ditos ouvidos na cozinha, na loja, perto dos tabuleiros de gamão. A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno.

(RAMOS,1994,p.104)

4.1. O grupo escolar no Piauí: dos interesses sociais aos interesses políticos

Com o advento dos grupos escolares, notabilizou-se um novo **modelo** no campo educativo, consubstanciando-se não só no âmbito **organizacional**, mas, sobretudo, no perfil diferente das **práticas educativas**. Esse espaço atribuiu, ainda, competências para que os seus atores pudessem desempenhar as suas funções de acordo com as normas exigidas para o real cumprimento das atividades educativas.

Foi no decorrer das estratégias de atuação do grupo escolar, que foram estabelecidas outras **práticas pedagógicas** e **sociais** pelos profissionais do ensino, pois diferentemente das escolas isoladas, tinha-se, agora, um aparato educativo mais sofisticado e que exigia uma nova fórmula de se fazer educação. Nas lições de Faria Filho (1996,p.51):

Os Grupos Escolares, o processo de organização dos mesmos, significavam, portanto, não apenas uma nova forma de organizar a educação mas, fundamentalmente, uma estratégia de atuação no campo do educativo escolar, moldando práticas, legitimando competências, propondo metodologias, enfim, impondo uma outra prática pedagógica e social dos profissionais do ensino através da produção e divulgação de novas representações escolares.

Com o estabelecimento do novo modelo grupo escolar no cenário de uma cidade, deu-se um **atributo institucional** à escola primária. Pois, a partir de então, passou-se a ter um conjunto de caracteres próprios e peculiares a nortear essa instituição. A especificidade assumida pelo grupo escolar foi marcada por um conjunto de caracteres que moldou os ensinamentos nesse novo espaço de conhecimentos e saberes. Nas lições de Souza (2004,p.153):

Durante boa parte do século XX, os grupos escolares constituíram no país estabelecimentos de ensino que conferiam uma identidade institucional à escola primária. Essa identidade foi constituída com base em vários elementos, podendo-se destacar: a escolarização de crianças a partir dos 7 anos de idade, o edifício escolar, o ensino dos saberes elementares, práticas associadas à transmissão desses saberes e, principalmente, o exercício do magistério primário marcado por um éthos profissional derivado da formação em nível secundário na Escola Normal e do processo de profissionalização docente.

No Piauí, a criação dos **grupos escolares** remonta ao início do século XX. Vale ressaltar que o poder público considerou mais oneroso para os seus cofres tal empreitada, resolvendo, com isso manter em funcionamento as antigas **escolas reunidas**.

A permanência das escolas reunidas era algo que, segundo o discurso oficial, não acarretava um ônus tão pesado para serem mantidas. Mas, conforme se pode notar, o que realmente estava acontecendo era a protelação de uma decisão inevitável, pois a instalação de grupos escolares representava um empreendimento modernizador para o Estado.

A gênese dos grupos escolares no Piauí marcou o início de uma nova fase no sistema escolar, pois a implantação de unidades escolares era vista como elemento de modernização da educação. O ponto alto dessa nova fase na educação ocorreu com a criação de uma **estrutura escolar** adequada para as práticas educativas do ensino primário na cidade de Parnaíba-Pi. Nas lições de Lopes (2001,p.100-149):

Criados legalmente pela reforma de 1910, os grupos escolares foram inicialmente propostos em 1905. No discurso reformista que então era gestado. Eles aparecem como elemento modernizador do sistema escolar piauiense, superando o modelo considerado antiquado da casa-escola, buscando tornar a escola 'uma repartição pública de verdade'. [...]. O processo de criação dos grupos escolares, que vinham gradativamente se constituindo no Piauí, tem na criação do Grupo Escolar Miranda Osório, em

1922, na cidade de Parnaíba, o marco de uma nova fase. Este foi, se excluirmos a Escola Modelo, o primeiro grupo escolar implantado no estado.

A inserção dos grupos escolares nas redes urbanísticas do Estado foi ocorrendo de forma lenta, uma vez que os grupos escolares caminharam paralelamente com as Escolas Isoladas, Escola Modelo e as Escolas Reunidas. Enquanto que nos interiores piauienses, entendidos aqui como zona rural, o ensino primário público continuou entregue ao comando de professores que utilizavam as suas residências para recepcionarem os alunos diariamente. Para Lopes (2001,p.109):

Desse modo, tido como modelo urbano, oneroso e desenvolvido de escola, o grupo escolar conviveu, sendo minoritário, com as escolas isoladas, escolas reunidas e a escola modelo. Esta última, por sua estreita vinculação com a Escola Normal, objetivava servir de referência pedagógica para o conjunto das escolas, colocando-se à parte, mesmo em relação aos grupos escolares.

Com a **reforma da instrução pública** ocorrida em 1910, o modelo grupo escolar foi eleito o mais eficaz para o ensino primário piauiense. Só que ao invés de ocorrer a mudança automática em todas as cidades do Estado do Piauí, dos modelos arcaicos das casas-escola e salões-escola para os grupos escolares, viu-se, na ressalva feita, a continuidade do modelo anteriormente implantado.

Outro aspecto deve ser considerado: o **poder político local** que influenciou na implantação de tal modelo escolar. Imagine-se o interesse que houve nisso tudo, pois dava à localidade um novo status. Conforme as palavras de Lopes (2001,p.109):

A reforma de 1910 colocou, definitivamente, como central a criação de grupos escolares, apresentando-os, pois como o tipo de escola moderna que adequava-se à superação do que era definido como atraso da educação primária piauiense. Restringia, contudo, estas escolas à capital e cidades mais populosas. Esta medida vinculava este tipo de escola ao espaço urbano, sendo um dos parâmetros, inclusive, para a caracterização do grau de desenvolvimento de uma cidade. Apesar disso, os seus custos e o não priorizá-lo adiaria a sua implantação, sendo, pois, este tipo de escola eleita como a mais conveniente, sem, no entanto, convir como padrão ao Piauí.

Fica patente que não havia vontade política por parte do poder público em modernizar a educação no Piauí. É claro que a referência ao espaço urbano, como um item para o ingresso desse novo modelo escolar, limitou a ação do poder público em expandir, na época, tal empreitada. Pensar os micro-aglomerados piauienses, no início do século XX, diminuía as possibilidades, uma vez que as poucas cidades e povoados estavam quase sempre na zona rural.

A **organização formal do ensino** em grupos escolares não acarretaria custos exorbitantes para os cofres públicos, todavia ter-se-ia um aparato mais organizado e modernizador para o Estado. *A priori*, necessitaria de um gasto no que tange à **edificação de escolas** mais sofisticadas e equipadas dentro de um plano de modernização, que pudesse abraçar um contingente maior de alunos. Ter-se-ia, também, uma repartição com um quadro composto de um **corpo docente** e um **corpo técnico administrativo** para cumprir as demais exigências nesse tipo de estrutura. Contudo, a organização estatal não viabilizava tal empreendimento, tentava manter uma educação escolar de forma hipertrofiada.

Para que houvesse uma adequação ao discurso modernizante de então, o município de Isaías Coelho precisaria passar por algumas mudanças que pudessem consolidar a sua elevação à categoria de cidade. Para isso, urgia que se fizessem as transformações necessárias para darem à cidade hábitos urbanos.

Foi pensando a cidade de Isaías Coelho do lugar onde se encontrava localizada, na região de Altos Piauí e Canindé, é que se pôde traçar o seu perfil e, conseqüentemente, o discurso modernizador que se objetivava para ela. Para atingir este discurso e colocá-lo na ordem oficial não foi fácil, para isso fez-se necessário alocar o termo modernização em relação ao passado e ao presente da comunidade.

A partir dessa relação, ter-se-ia o encontro com o novo. Todavia, para consolidar tal mudança foi preciso ver o novo espaço que surgia e, com isso, a sua dinamização que seria um dos pressupostos para mudar a vida cotidiana das pessoas que circulavam diariamente pelas ruas da cidade. Somente dessa forma foi possível um melhor entendimento a cerca do processo de modernização que foi imposto pelo discurso oficial. Com amparo nas entrevistas, várias leituras puderam ser feitas dos espaços urbanos pós-emancipação política. Percebeu-se que quase nada foi acrescentado aos quadros sociais que pudesse, a princípio, chamar a atenção para uma renovação das estruturas da sociedade.

Notou-se, assim, que a sociedade convivia com **duas paisagens** comungando da mesma cotidianidade. Uma que já estava inserida no dia-a-dia deste grupo e a outra que chegava de forma tímida, quase imperceptível. Pôde-se notar, através dos discursos dos

habitantes, alguns aspectos modernizantes, embora o processo de urbanização caminhasse a passos lentos.

A presença de algumas **instituições** e, bem como, a **pavimentação** de ruas e praças já representava algo de moderno para a cidade. Registra-se a construção da **Delegacia de Polícia**, na administração do prefeito **Nélson Lopes Buenos Aires** (1964-1967), com o fito de inibir a prática de crimes e, conseqüentemente, simbolizava a presença do Estado através de seus agentes.

O artigo 6º da lei que criou o município de Isaias Coelho viabilizou a existência de um **Cartório de Registro Civil**, na forma da Lei de Organização Judiciária do Estado do Piauí. Todavia, a cidade ficou como **termo judiciário** da cidade de Simplício Mendes-Pi.

O **Posto de Saúde** que foi construído na administração do prefeito **Otilio Manoel Rodrigues**, em 1970, trouxe uma alternativa para algum tipo de tratamento que não fosse tão complicado. Há de se lembrar que antes de ser criado o município, as doenças eram tratadas nas cidades de Picos-Pi, Simplício Mendes-Pi e outras.

Mas a incorporação de maior significância para a cidade, com certeza, foi o **Grupo Escolar Daniel Gomes** que trouxe para o município além de progresso, pois representava a certeza de os cidadãos terem um ensino primário público, aspectos que o colocavam como elemento modernizador do processo educacional da cidade.

Ensino moderno foi a palavra de ordem. Com o Grupo Escolar Daniel Gomes ocorreu a presença de novos professores regendo em um espaço amplo, moderno e seriado. Rompia-se com o caráter **unidocente** e **multisseriado** do passado que representou a Escola Isolada de Tamboril.

O novo discurso arquitetônico estava presente no prédio da **Prefeitura Municipal**. Construída na administração do prefeito Otilio Manoel Rodrigues, em 1970 abriu as suas portas para a comunidade isaiascoelhense e representou, também, um aspecto de modernização.

O **Mercado Público** foi outro local que sofreu mudanças necessárias na sua estrutura, contribuindo com o trabalho dos comerciantes locais e dos municípios próximos, como Conceição do Canindé, Simplício Mendes, Itainópolis e outros.

A modernização da rede escolar foi importante para o ensino público do município, pois trouxe uma unidade de ensino primário, a princípio, pequena, mas que dava aos contornos urbanos novos ares. A presença de **professoras normalistas** foi outro motivo que o transformava em moderno na década de 1970.

4.2.O Grupo Escolar Daniel Gomes: suas origens

O nome dado ao primeiro grupo escolar da cidade de Isaías Coelho foi uma homenagem ao sr. **Daniel Gomes Pinheiro**, primeiro habitante a se estabelecer na localidade. Criado pela elevação da Escola Isolada de Tamboril que tinha como corpo docente as professoras Maria Delzuíta Andrade de Sousa e Maria Vilani Pinheiro, que passaram a integrar automaticamente, em 1970, o quadro de professores do grupo escolar.

Edificado na administração do prefeito Otílio Manoel Rodrigues (1967-1971), essa unidade escolar consolidou o **ensino primário** local, haja vista que a comunidade, com ele, passou a ser detentora de um aparato escolar mais estruturado.

De acordo com o **Livro Registro de Ponto do Pessoal** do Grupo Escolar Daniel Gomes, as atividades escolares começaram a ser desenvolvidas em 11 de setembro de 1970. A lavratura do termo de abertura do referido livro foi feita pela **diretora** do grupo escolar, a professora Maria Delzuíta Andrade de Sousa Marques. O **quadro de funcionários** passou a assinar o livro a partir do dia 14 de setembro de 1970, conforme percebemos as assinaturas de próprio punho pelas professoras Maria Delzuíta Andrade de Sousa Marques, Maria Vilani Pinheiro, Maria do Carmo Fialho e Maria Doralice Vieira de Moura.

A priori, uma escola do porte de um grupo escolar necessitava para o seu real funcionamento de um corpo docente e técnico capaz de solidificar a instrução local. Mas para corporificar tudo isso foi preciso contratar profissionais da educação em outra cidade para compor o quadro docente, pois a quantidade de professores era, ainda, insuficiente para atender a demanda de alunos. Na oportunidade, chegou ao município, oriunda da cidade de Picos-Pi, a ex-professora Maria do Carmo Fialho, que ficou responsável por ministrar aulas na 3ª e 4ª séries do ensino primário.

Ao se referir ao corpo docente que compôs as primeiras turmas do Grupo Escolar Daniel Gomes, a ex-diretora, a dona Delzuíta (30.08.2005), afirmou que:

As professoras que começaram eram leigas, depois foi que chegou a Maria do Carmo Fialho, da cidade de Picos, que era normalista. As outras, Maria Vilani Pinheiro, Gabina, Maria Doralice eram todas leigas, mas foram as leigas melhores das que tinha o curso normal.

Com esse depoimento, percebe-se o quanto as professoras, mesmo sendo leigas, eram competentes no desempenho de suas atividades docentes.



Ilustração 21. Profª Maria do Carmo Fialho (1943-1987)
Fonte: Arquivo particular de Maria Oneide Fialho Rocha



Ilustração 22. Profª Maria Vilani Pinheiro (1946-1988)
Fonte: Arquivo particular de Gildênia Pinheiro da Costa

Destaca-se que ingressaram na escola, em 1970, as professoras **Maria Doralice Vieira de Moura** e **Maria do Carmo Fialho**, esta possuía as credenciais exigidas para ministrar aulas em um grupo escolar, pois tinha o **curso normal**. Daí foram surgindo outras professoras no ano de 1971, conforme **Livro de Registro de Ponto do Pessoal do Grupo Escolar Daniel Gomes** do mês de março desse ano, a saber, Gabina Marques Coelho, Francisco Gomes Pinheiro, Alcione Marques Coelho, Teresinha Pinheiro Muniz e outras, além da zeladora Maria Tereza de Jesus.

REGISTRO DE PONTO DO PESSOAL DO GRUPO ESCOLAR							
ANO 1970 MÊS Setembro DIA 14							
Turma	Turno	Nome do professor	FRE	QUÊNCIA		Entrada	Saída
				F	Total		
2º e 3º	manhã	Maria Delzuita A. Marques	1	8	9	3,30 horas	10 horas
4º e 5º	Idem	Maria do Carmo Fialho	3	5	8	7,30 "	10 Horas
1º A	Tarde	Maria Vilany Pinheiro	4	8	12	1 hora	2,30 hor.
1º ano A	" "	Maria Doralice V. Moura	4	5	9	3,30 m	5 horas
		Dia 15					
2º e 3º	manhã	Maria Delzuita A. S. Marques	5	13	18	4,30	11 h.
4º e 5º	" "	Maria do Carmo Fialho	15	10	25	4,30	11 h.
			(15)	(10)	(25)		
1º A	Tarde	Maria Vilany Pinheiro	13	10	23	1 hora	2,30 m.
1º ano B	" "	Delzuita Andrade Marques	4	15	19	2,11 "	5,30 min.
1º ano A	" "	Maria Doralice V. Moura	7	12	19	3,30 m	5,30 m.
		Dia 16					
2º e 3º	manhã	Delzuita Andrade Marques	6	13	19	4,30 min.	11 h.
4º e 5º	" "	Maria do Carmo Fialho	10	5	15	4,30 m.	11 h.
				(5)	(1)		
1º A	Tarde	Maria Vilany Pinheiro	15	11	26	1 hora	3,30 min.
1º ano B	" "	Delzuita Andrade S. Marques	4	15	19	2 h.	5,30 min.
1º ano A	" "	Maria Doralice V. Moura	5	9	14	3,30 m.	5,30 m.
		Dia 17					
2º e 3º	manhã	Delzuita Andrade Sousa	4	12	16	4,30 min.	11 h.
4º e 5º	" "	Maria do Carmo Fialho	12	12	24	4,30 min.	11 h.
1º ano A	Tarde	Maria Vilany Pinheiro	12	13	25	1 hora	3,30 min.
1º " B	" "	Delzuita Andrade Marques	3	14	17	2,11 "	6,30 min.
1º A	" "	Maria Doralice V. Moura	7	12	19	3,30 m.	5,30 m.

Ilustração 23. Folha do Livro de Registro de Ponto do Pessoal Grupo Escolar Daniel Gomes, em 1970
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes

A **distribuição dos turnos**, no início do grupo escolar, ficou da seguinte forma: Maria Delzuita Andrade de Sousa Marques e Maria do Carmo Fialho ficaram ministrando aulas pela manhã, as professoras Maria Vilany Pinheiro, Maria Doralice Vieira de Moura e, também, a professora Maria Delzuita de Sousa Andrade Marque, no turno da tarde. O corpo técnico

administrativo foi composto pela diretora Maria Delzúita de Sousa Andrade Marques, pela zeladora **Maria Teresa de Jesus**, conhecida por Bibi e pelo porteiro, o sr. **José da Silva Passos**. A diretora passou a ser paga pelo Estado e os demais funcionários, pelo Município.

No início de suas atividades educativas, o Grupo Escolar Daniel Gomes era composto, na sua **estrutura física**, de quatro salas de aulas, uma diretoria, uma cantina e dois banheiros. As salas de aula eram compostas por mobiliário mais adequado para os estudantes, carteiras posicionadas de forma perfiladas, quadro-negro de dimensões mais apropriadas, iluminação própria e excelente entrada de ar. Para o recreio, havia espaços que outrora não havia na Escola Isolada.



Ilustração 24. Grupo Escolar Daniel Gomes (fachada geral)
Fonte: Arquivo particular de Welbert Feitosa Pinheiro



Ilustração 25. Grupo Escolar Daniel Gomes (fachada da frente)
 Fonte: Arquivo particular de Welbert Feitosa Pinheiro

Com a estrutura preparada para receber os alunos pertencentes à sociedade local e os estudantes das localidades próximas à cidade, como os vindos do Recreio, Poço da Aroeira, Mocambo, Morrinhos, Tabuleirinho, Moreira, Riacho Fundo e outras, configurou-se uma postura educacional marcada pela presença de vários professores e a vigilância maior na figura do corpo técnico administrativo.

O grupo escolar Daniel Gomes além de ser um referencial para os alunos da comunidade local era, também, um pólo de acolhimento para os alunos das localidades próximas. Nas declarações da ex-aluna, Albanízia Santana Portela (19.12.2005), que estudou no grupo escolar, no ano de 1970, observou-se o quanto esta instituição de ensino foi importante para os alunos da cidade e dos interiores próximos. Nas suas palavras:

Nasci na localidade Mocambo até então pertencente à cidade de Isaías Coelho. [...]. No ano de 1970 passei a morar na cidade, na época, na casa do sr. João Pinheiro. [...]. Valeu a pena, com certeza, estudar na cidade, no grupo escolar, por que para mim foi uma coisa muito importante. Eu morava com meus pais, né, aí eu tive a oportunidade de ir para lá. Foi muito bom para mim. [...]. Eu lembro que vinham alunos de outras localidades assistirem aulas em Isaías Coelho. [...]. Mas eram mais da cidade. Arrumavam casas de parentes, amigos, que era o meu caso, também, né.

[...] muitos de outras localidades vinham de bicicleta, outros de animal mesmo.

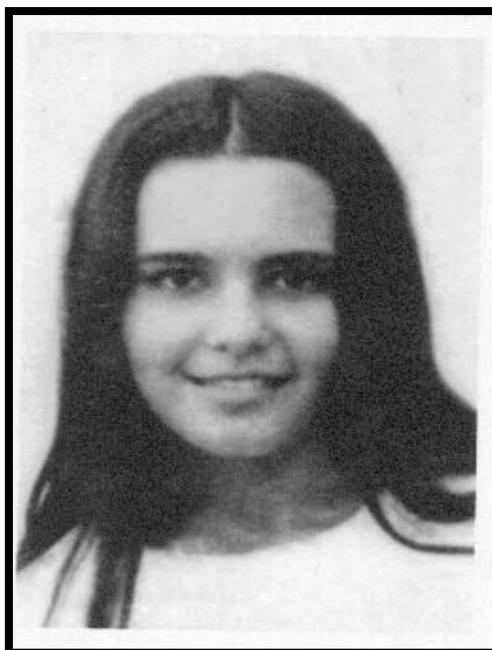


Ilustração 26. Albanízia Santana Portela (aluna da 1ª turma do Grupo Escolar Daniel Gomes)
Fonte: Arquivo particular de Albanízia Santana Portela

As evidências das dificuldades que os alunos tinham para obterem o ensino primário são patentes nas declarações da ex-aluna. Contudo, o grupo escolar marcou muito os alunos que freqüentaram as suas aulas, pois, conforme a mesma, a organização era a máxima presente na escola. Apesar de só ter feito o primeiro ano do ensino primário, no grupo escolar Daniel Gomes, a ex-aluna ratificou o bom aproveitamento que teve durante o ano na escola. A dona Albanízia (19.12.2005) registra, também, a forte presença da ex-diretora Delzuíta no direcionamento da escola.

Foi muito bom o grupo escolar. Era uma escola mais organizada, né. Na época [...] em 1970 [...] aumentou o número de alunos na região [...] a professora Delzuíta foi muito competente e até certo tempo atrás trabalhava na educação. Era muito organizada [...] orientadora, respeitadora e, enfim, tudo de bom eu via nela. [...]. Eu fiz só o primeiro ano, né. No ano seguinte eu já vim estudar aqui em Picos. [...] participei só um ano na escola da cidade. [...]. Bastante proveitosa as aulas, né. [...]. Eu gostava de assistir as aulas no grupo escolar. Eu sempre gostei de estudar, né.[...]. Eu era sempre atuante ali.

Localizado na Rua Marcos Parente, S/N, próximo à Prefeitura Municipal de Isaías Coelho, o grupo escolar era um edifício com características singulares cuja arquitetura sobressaía-se das demais casas próximas, bem como assumiu aspectos de imponência em meio à paisagem local. Nos contornos da rede urbana, essa escola trouxe **novas configurações imobiliárias** à cidade, devido ao planejamento racional dos espaços. Conforme as lições de Vinão Frago e Escolano (2001,p.28):

Não apenas o espaço-escola, mas também sua localização. A disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente.

O **planejamento arquitetônico** de uma instituição escolar traz em si uma espécie de discurso que se solidifica com um sistema de **valores, ordem, disciplina e vigilância**. Assume, ainda, determinadas ideologias de grupos que se estabelecem no poder, pois na maior parte dos casos há interesses políticos que são inculcados por diretores e professores. Para Vinão Frago e Escolano (2001,p.26):

O espaço-escola não é apenas um ‘continente’ em que se acha a educação institucional, isso é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar um repertório de ações. A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

A presença do Grupo Escolar Daniel Gomes também interferiu no setor imobiliário, pois os terrenos, casas e os pequenos roçados próximos a ele passaram a ser valorizados. Segundo Souza (1998,p.64), citando Costa (1983,p.117-118):

A instalação de um grupo escolar em uma cidade do interior representava muito mais que o simples crescimento da rede de ensino; em geral, era fator de urbanização, funcionava como um pólo de atração, a ponto de interferir no setor imobiliário da zona urbana da região: os terrenos e casas próximos ao grupo escolar eram os mais caros da cidade.

Em plena década de 1970 a carência de profissionais da educação era grande em Isaías Coelho, pois o grupo escolar ampliou a demanda de novos alunos em busca do ensino primário. Nota-se, pelos registros localizados e depoimentos orais de pessoas que vivenciaram tal período, que não era fácil conseguir professores para ensinarem ali, não apenas pela distância dos demais centros urbanos, mas também devido à dificuldade de se chegar a Isaías Coelho, uma vez que a estrada carroçal dificultava o acesso de qualquer pessoa que pudesse se estabelecer em terras isaiascoelhenses.

Ao relatar sobre a experiência que teve dirigindo o primeiro grupo escolar da cidade de Isaías Coelho, Maria Delzúita Andrade de Sousa (30.08.2005), informou que:

Foi boa a experiência por que eu já tinha muitos anos de ensino e aí não encontrei tantas dificuldades não. As colegas da escola eram pessoas boas. A gente se entendia bem e aí deu tudo certo. [...]. Valeu a pena estar à frente da Escola Isolada de Tamboril e do grupo escolar.

“Valeu a pena” foi a conclusão a que chegou a ex-professora Maria Delzúita Andrade de Sousa Marques ao se referir ao tempo em que a educação esteve sob o pálio das suas orientações pedagógicas e técnicas. Em alguns momentos da entrevista, a professora Delzúita (30.08.2005) deixou claro que os seus alunos tinham por ela respeito:

Muitas marcas ficaram. Muitas, muitas, muitas mesmo. Não foram marcas ruins, não. Foram marcas boas por que meus alunos eram bons alunos, esforçados. Tinha uns que gostavam de brincar como o Messias, mas graças a Deus eu nunca fui desrespeitada dentro de uma sala de aula, graças a Deus. Portanto, eu gosto muito de meus alunos, gosto e continuo a gostar.

O grupo escolar em Isaías Coelho eliminou o caráter multisseriado das aulas ministradas no modelo salão-escola. Constatou-se, nas averiguações feitas no **Livro de**

Registro de Matrículas da Escola Isolada de Tamboril que, desde o ano de 1947 a 1970, havia alunos de 6 anos de idade juntos com alunos de idades variando de 7 a 14 anos. Além dessa problemática, no espaço da Escola Isolada de Tamboril, o nível de escolarização desses alunos variava entre o 1º, 2º, 3º e 4º anos.

A vida escolar isaiascoelhense modificou-se sobremaneira com a criação do grupo escolar. O ensino passou a ser desenvolvido em um espaço compatível com as necessidades educacionais de alunos e professores. A palavra de ordem agora era progresso.

A nova estrutura precisava de um conjunto de educadores para facilitar o andamento das atividades escolares e, também, dar a elas um espaço adequado para poderem colocar em prática todas as suas atividades escolares e se sentirem à vontade com essa nova instituição e, a par das experiências de sala de aula, dirimir as dificuldades do cotidiano da escola.

A ampliação do quadro de docentes e do quadro de discentes na escola, com certeza, favoreceu o aparecimento de novos problemas a serem dirimidos de forma coletiva. Em vista disso, eram realizadas reuniões tanto entre os docentes como entre os docentes e os pais de alunos. Conforme Loiola Sousa (2002,p.104):

Para as professoras provenientes das escolas isoladas, a escola construída pelo poder público vai caracterizar-se como o lócus por excelência onde elas se sentem fazendo parte de uma instituição, sendo referência e local de trabalho produtores de sentimentos de pertença a um grupo profissional. Nesse caso, há as vantagens de poder contar com os (as) colegas de trabalho para facilitar a sua vida no cotidiano escolar, não só durante as reuniões de professores e de planejamento das aulas, mas também nas dificuldades do dia-a-dia. Em contrapartida tem de administrar os conflitos no interior da escola.

Surgiu, no âmbito dessa instituição, um **aparato burocrático** que não se via na escola isolada: um adequado processo de entrega de diários, boletins, informativos aos pais, reuniões de docentes e corpo técnico.

Há de se registrar que o Grupo Escolar Daniel Gomes foi alvo de **interesses políticos** em estabelecerem, no âmbito dessa instituição, uma disputa pelo poder, evidenciada pela **nomeação** de algumas diretoras que “rezavam na cartilha” do representante do executivo municipal.

É oportuno salientar que o funcionamento do grupo escolar requereu o aparecimento de um cargo de **diretor**. Esse papel foi fundamental para a gestão da instituição, uma vez que

a diretora assumiria o **controle, organização e fiscalização** das suas atividades. Para Faria Filho (1996,p.125):

O espaço do grupo escolar denota não apenas mudanças ou continuidades na forma de conceber a educação escolar e suas relações com a sociedade como um todo, mas também o aparecimento e fortalecimento de uma nova categoria profissional: a das diretoras. Estas, mesmo quando se ocupavam de uma sala de aula, contavam com um espaço próprio para o trabalho. Será ainda neste espaço que estará projetada a preocupação com os aspectos higiênicos de uma grande aglomeração humana e na distribuição de banheiros e lavatórios, por exemplo – bem como de uma racional distribuição e controle dos sujeitos.

4.3. A cultura escolar no Grupo Escolar Daniel Gomes: novo espaço, novas regras

A cultura estabelecida no interior dessa instituição contrapõe-se, em alguns momentos, à cultura praticada na sociedade que a produziu. Para Pessanha et al (2004,p.62):

Há uma especificidade na vida interior da escola que autoriza a análise de uma cultura escolar, mas que o uso da expressão cultura escolar não implica considerar a existência de uma cultura oposta ou desvinculada da cultura da sociedade que a produziu e foi por ela produzida.

No interior dessa escola, muitas coisas não foram registradas em atas e arquivos da própria instituição e, nem também, em arquivos particulares, salvo os minguados documentos de registro de matrículas e boletins informativos. Afora isso, somente a memória de ex-alunos, ex-professores, ex-diretores e do corpo técnico administrativo puderam informar sobre a cultura escolar que se solidificou nesse espaço. Assim, a par da metáfora aeronáutica da **caixa preta** da escola, destacada por Julia (2001, p.13), que são os registros guardados por quem vivenciou o período em tal época, é que se pode compreender o que ocorreu no espaço particular do grupo escolar Daniel Gomes. De acordo com Pessanha et al (2004,p.63) apud Júlia (2001):

A construção de uma cultura escolar exigiu três elementos essenciais: um espaço específico, curso graduados em níveis e corpo profissional próprio. Esses elementos constituem a base para a análise das práticas que permitiram a transmissão de conhecimentos e a inculcação de condutas e valores.

A presença de uma escola, seja ela onde for, traz em si elementos que marcam uma geração de alunos. Em Isaías Coelho, o grupo escolar não só consolidou o ensino primário público, mas também, internalizou nos estudantes a “formação de bons hábitos, bons costumes e bons comportamentos”, para Souza (1998,p.138):

É no âmbito dessas unidades escolares onde encontramos os símbolos sociais e morais, que fazem parte da cultura escolar de uma escola. Muitos desses símbolos marcaram uma geração de alunos que presenciou a utilização deles nas escolas e que povoou o imaginário de cada aluno. E cada objeto impregnou o ambiente escolar e, ao mesmo tempo, internalizava as primeiras percepções individuais de estudantes que vivenciaram tal período.

Guardiã de uma cultura própria, a escola passa a ser responsável por aspectos teóricos e práticos constantes nas disciplinas ministradas e, também, pela conservação de símbolos que a torna uma repartição pública.



Ilustração 27. Alunos do Grupo Escolar Daniel Gomes (1970)
Fonte: Arquivo particular de Petronília Rodrigues Teixeira

A presença dos **símbolos nacionais** como a bandeira do Brasil, do Piauí, da cidade de Isaías Coelho era imprescindível; bem como a campainha que tocava no início e no fim das aulas, o flanelógrafo, as fotografias de líderes ilustres. Todos esses objetos e outros adequados a esse tipo de instituição de ensino fizeram parte da estrutura escolar.

Tudo era delimitado, os horários de cada disciplina escolar, as professoras em cada sala, a hora do recreio e as diversas brincadeiras dos alunos. Atividades escolares com horas marcadas, como as cópias, os ditados, os exercícios de classe, tudo ao seu tempo. Para Souza (1998,p.137):

Na escola, a criança internalizava as primeiras percepções cognitivas da temporalidade, pautadas na exatidão, na aplicação e regularidade; noções de um tempo cronometrado, útil, que era preciso aproveitar. Além disso, aprender a ler o relógio e suas aplicações. O replicar do sino, a exemplo das igrejas e dos sinos das fábricas, marca os principais momentos da jornada escolar: a entrada o recreio, a saída. O quadro de horário registra a distribuição do tempo, a fragmentação das matérias e das atividades e constitui um instrumento de controle dos alunos e dos professores. O tempo escolar se expressa também como tempo disciplinar: respeitar horários e cumpri-los, cada coisa a seu tempo certo, preciso. Dessa forma, a criança aprende a concepção cultural do tempo que regulamenta a vida social.

O pátio do grupo escolar foi reservado para as merendas, namoros e brincadeiras. Para Souza (1998,p.138):

Por detrás dos muros, do portão, das paredes e jardins, a disposição e a distribuição do espaço escolar refletem um projeto cultural. Esse projeto, com vistas a civilizar e moralizar as crianças e, por extensão, suas famílias, configurou-se nos esquadrinhamentos de cada sala e cada canto do edifício escolar. No interior do edifício-escola configura-se uma gramática espacial na qual a distribuição do espaço corresponde aos usos e às funções diferenciadas, à fragmentação e às especializações de atividades, à disposição de objetos, ao deslocamento e encontro dos corpos, enfim a toda uma geometria de inclusão e exclusão. A sala de aula é a especificação básica uma para cada ano do curso preliminar de cada seção. A cada sala corresponde um grupo de alunos de mesmo grau de adiantamento e um professor.

A escola foi um importante melhoramento que integrou a comunidade. Em vista disso, passou a sacralizar as manifestações referentes às comemorações das datas cívicas e festas de

cunho oficial, tudo para que se preserve a identidade nacional e, nada mais oportuna do que a participação da sociedade em tais manifestações. A escola, no entanto, com o aparato que tem, ajuda a conservar a memória coletiva. Para Souza (1998,p.265-274):

Ao fazer das datas cívicas uma atividade escolar, o Estado fez da escola um instrumento de lembrança e de memória histórica. [...]. Os feriados nacionais, que a escola passou a guardar, instituem a memória nacional. Por meio das comemorações cívicas, a escola ajudou a preservar uma memória coletiva construtora da identidade nacional. Esses rituais, marcados no tempo histórico, constituem uma manifestação dos mitos, uma maneira de lembrar a origem, e, assim, reforçar a coexistência do grupo e os laços de solidariedade social.

Segundo a ex-professora Maria Delzúita Andrade de Sousa, ao discorrer sobre o período que esteve na direção do Grupo Escolar Daniel Gomes, a data cívica que mais entusiasmava os alunos era a do dia **Sete de Setembro**. Um dos motivos para a alegria dos alunos era o fato de saírem pelas ruas da cidade e manifestarem o orgulho de estarem estudando nessa escola. Nas palavras da professora Delzúita (30.08.2005): “os alunos do Daniel Gomes desfilavam no dia Sete de Setembro e era com mais entusiasmo do que quando era no tempo da Escola Isolada”.

Nas palavras da ex-aluna Albanízia, o Sete de Setembro era um dia especial para os alunos, pois era naquela oportunidade que eles, além de representarem a escola onde estudavam, davam exemplos de civismo e cidadania. De acordo com a ex-aluna Albanízia (19.12.2005): “no dia 07 de setembro desfilava-se pelas ruas, sim. [...] Chamava muito a atenção por que não tinha muito movimento, então, era uma data que ficava marcada para todos, né”.

As outras **datas cívicas** comemoradas eram marcadas por intensa movimentação, devido ao fato de que era nesses momentos de comemorações que ocorria uma maior socialização entre os alunos das turmas que compunham o grupo escolar. Houve, durante os anos letivos, a participação dos alunos em atividades direcionadas aos rituais escolares, dentre eles podemos destacar o hasteamento da bandeira, o cântico do Hino Nacional Brasileiro, do Hino do Piauí, do Hino à Bandeira, bem como o registro de atividades práticas desenvolvidas pelos alunos em alusão aos vultos históricos e religiosos que estão pautados nos feriados do calendário anual. Conforme Souza (2004, p.137):

É preciso reconhecer a grande importância que esses rituais escolares desempenharam na cultura escolar e na construção da identidade institucional dos grupos escolares como escolas primárias. [...]. Os exames ritualizados e rígidos coroavam uma cultura escolar erigida sobre os princípios de seletividade.

Existiam também normas que deveriam ser cumpridas para o bom andamento das aulas. Desde o instante em que os alunos estavam perfilados para entrarem na sala de aula até às comemorações cívicas, todas marcadas por cânticos e rezas. Isso tudo fez parte da organização dessa escola e foi preservado para que houvesse um funcionamento eficaz em todos os seus aspectos escolares. O **fardamento** foi outro elemento que, nas palavras da ex-aluna, constituía uma exigência da escola. Segundo a ex-aluna Albanízia (19.12.2005):

Havia normas a serem cumpridas no grupo escolar. [...]. Cantava-se o Hino Nacional Brasileiro e rezava, também, né. A gente fazia a fila antes de entrar na sala de aula. [...]. O fardamento tinha de ser igualzinho, no dia-a-dia, como mandava o figurino mesmo. [...]. Nas datas cívicas havia o hasteamento da bandeira. Eles chamavam todo mundo, né. Na hora era feito o hasteamento da bandeira por alguns alunos. [...]. Cantávamos o Hino Nacional, sim. Era lembrada todas as datas.

Dentre os materiais didáticos que as primeiras professoras utilizaram nas suas aulas constatou-se, de acordo com depoimentos de ex-professora e ex-alunos, bem como o registro de compras de materiais elencados no **Livro de Prestação de Conta** do grupo escolar nas suas diversas folhas, destacam-se: o uso de cartolinas, papel almaço, cola, cliques, envelopes, pincéis atômicos, dentre outros que foram manejados pelas professoras.

O ensino primário desenvolvido na cidade de Isaías Coelho, com o surgimento do grupo escolar, manteve-se fiel aos programas conteudísticos e curriculares dos diversos estabelecimentos desse porte espalhados pelo Estado do Piauí. Foi, portanto, uma escola que deveria seguir um padrão, cujos ensinamentos não poderiam destoar dos outros similares a ela.

4.4. A atuação do Grupo Escolar Daniel Gomes na sociedade isaiascoelhense

Essa nova escola encontrou no seio da sociedade isaiascoelhense a legitimação para o desempenho das atividades educativas. Nesse contexto, a unidade escolar que foi implantada objetivou romper com o modelo arcaico da escola isolada, bem como reconfigurar nesse outro *locus*, uma maneira diferente de se fazer educação. A presença da Escola Isolada de Tamboril na zona rural era uma outra agravante que dificultava o desenvolvimento do processo educacional do povoado.

Os novos delineamentos em que se configuraram a arquitetura urbana e a crescente chegada de pessoas das localidades próximas para comporem a então sociedade isaiascoelhense marcaram um conjunto que estava se modificando lentamente. Com a criação do grupo escolar, ocorreu à consolidação do ensino público, a população local passou a ter um *locus* com mais possibilidades de ingresso para todas as pessoas da sociedade local. Agora, com mais entusiasmo, as crianças e jovens da comunidade e das localidades vizinhas percorriam as ruas da cidade desfilando com o seu fardamento e material escolar rumo à escola primária.

O Grupo Escolar Daniel Gomes além de suas funções de propagação de saberes, assumiu nessa localidade, assim como nas diversas regiões do país, outros papéis sociais. Servia, ainda, como um lugar privilegiado onde as pessoas da sociedade, em alguns momentos, se encontravam para as mais variadas atividades sociais.

Muitas foram as atividades desenvolvidas no interior do grupo escolar da cidade de Isaías Coelho. A ex-aluna, Albanízia Santana Portela (19.12.2005), enumerou algumas que marcaram o período em que estudou no primário:

Na escola se fazia umas apresentações. Tinha recitações de poesias, naquela época, eles botavam bastante para a gente fazer esse tipo de apresentação, né. Era de duas em duas ou até mais, né. E fazia esse tipo de apresentaçõzinha. Outra atividade que se fazia era a quadrilha, né. Eles formavam as quadrilhas no São João. Isso era muito bom.

Dentre as várias lembranças que marcaram a ex-aluna, destacou-se a amizade que fez no âmbito da escola. Para Albanízia (19.12.2005):

O que marcou foram às recordações dos colegas de aula, né. [...] da amizade que deixei por lá, da escola [...] da diretora, né, que era uma pessoa que brilhava. Para mim foi uma coisa que marcou mais, assim. Pela organização da escola. [...]. Eu lembro de alguns colegas de sala de aula. Tinha a Iolá, que era minha grande amiga, né, Martinízia, Marlei, Petronízia, Geovane, Joaquim, Aparecida. São vários, mas agora eu não me recordo o tanto assim.

Conforme Bosí (1994,p.408), ao se referir ao desenvolvimento da memória coletiva a partir de laços de convivência assim disserta:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolas, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que o conheceram.

Reportando às declarações de dona Albanízia, vê-se que os laços de convivência escolares foram importantes para a ex-aluna, pois tais lembranças estabeleceram uma relação com a educação como um todo, uma vez que cada colega de sala de aula deixou na memória características singulares. Nesse caso, a memória fica impregnada de vestígios deixados por essas pessoas, com suas ideologias, suas peraltagens e suas esquisitices,

Foi, também, no grupo escolar, que os cidadãos da comunidade se encontravam nos dias de eleições para votarem nos seus representantes políticos, nas três esferas públicas: a Municipal, Estadual e Federal. Nas lições de Loiola Sousa (2002,p.104):

A construção do grupo escolar vai materializar a oferta dos serviços educativos para uma boa parcela da população rural e configura-se como a primeira iniciativa mais ampla do Estado no cumprimento do seu papel social. Para a comunidade, a presença desta instituição no meio rural representa mais do que lugar onde se aprende a ler, escrever e contar... Ela se revela também como espaço público em que são realizadas reuniões das associações, missas, atendimentos médicos, odontológico e vacinação, espaço de lazer e esportivo, local de realização de gincanas, serestas, quadrilhas juninas, reuniões de pais, festas das mães e dos (as) professores (as). É também lugar onde os (as) eleitores (as) da região se encontram para votar nos representantes municipais, estaduais e federais.

Percebe-se que os espaços de uma escola não se restringem somente para os atores que fazem parte dela. Servem também como *lócus* utilizado pela sociedade para desenvolver outras atividades que não tem ligação com a sua cultura escolar.

Conforme o exposto, a consolidação do ensino primário na cidade de Isaiás Coelho só pôde ser confirmada levando-se em conta toda uma análise do processo vivenciado desde a década de 1930, com a presença dos mestres-escola no povoado Tamboril, seqüenciado pelas aulas ministradas nas improvisadas instalações da casa-escola da professora Lusía Reis Santos e, posteriormente, do salão-escola onde houve a presença das professoras Elisa Coelho Mauriz, Odorica Rodrigues da Silva, Maria Delzuíta Andrade de Sousa Marques, Maria Vilani Pinheiro e, também, da presença no processo educacional do professor Joaquim Pereira da Rocha. Para Pessanha et al (2004,p.66) apud Meserani (1998,p.66-67):

As instituições não podem ser analisadas isoladamente porque, no decorrer de suas histórias, se estabelece uma espécie de diálogo entre elas, diálogo considerado mais do que uma troca de fala entre os interlocutores, ‘como um processo de autoconhecimento e de conhecimento do outro, um exercício de alteridade para a consciência de si e do outro’.

Por esse prisma, passa-se, no entanto, a ver o Grupo Escolar Daniel Gomes como um ponto de referência na educação primária da comunidade. As mudanças no espaço coletivo provocaram, como já foi salientado, significativas diferenças na vida da cidade.

CONCLUSÃO

[...] Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.
 Aqui a estória se acabou.
 Aqui, a estória acabada.
 Aqui a estória acaba.
 (ROSA,1986,p.531)

As informações contidas nos quatro capítulos em torno da educação empreendida nos espaços de Isaías Coelho-Pi, durante os anos de 1935 a 1970, registram não apenas a origem e a estruturação do modelo educacional tradicional que ali se estabeleceu, mas também o *modus vivendi* da sociedade local.

Quiçá muitas coisas tenham ficado para trás, talvez muitas coisas ficaram por serem ditas, mas a matéria-prima para a **reconstrução da sociedade e da educação** que estavam guardadas no Arquivo Público Estadual do Piauí, em arquivos particulares, no arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes como, também, as lembranças guardadas pela memória daqueles que vivenciaram tal época foi cuidadosamente analisada e lida à luz de teóricos da literatura histórica como, Paul Thompson, Jacques Le Goff, Peter Burke, Maurice Halbwachs, Jim Sharpe, Agnes Heller, Ecléa Bosi dentre outros que deram suporte para a realização desta pesquisa.

Muitas interrogações, dúvidas e inquietações marcaram o desenrolar dessa pesquisa, enfim, de tudo a grande preocupação foi em estabelecer uma análise histórica. Os fatos narrados basearam-se tanto nas fontes documentais quanto em fontes orais que estiveram à disposição do pesquisador.

Ao chegar à conclusão da pesquisa, tem-se a certeza do dever cumprido, o que foi algo abstrato, tornou-se realidade. “Mas de tudo um pouco ficou”, como escreveu Drummond (s/d), desde as primeiras etapas de desenvolvimento do projeto de pesquisa, passando pelas intermináveis etapas do processo de seleção do Mestrado, até à produção da Dissertação.

Muitas horas foram dedicadas à pesquisa, desde as visitas ao Arquivo Público do Estado, às viagens feitas à cidade de Isaías Coelho, as viagens entre Picos e Teresina, as orientações do professor Dr. Antônio de Pádua Lopes, as análises feitas na documentação encontrada no Grupo Escolar Daniel Gomes, as análises nas fotografias encontradas e, enfim,

as longas entrevistas, com ex-alunos, ex-professores e integrantes da comunidade que vivenciaram tal época.

O objeto de pesquisa ora desenvolvido passa agora para um âmbito de abrangência maior, tomou forma e adquiriu uma conotação maior. Tem-se, agora, um quadro geral sobre a sociedade e todas as etapas pelos quais passou a educação na cidade de Isaías Coelho de 1935 a 1970.

O estudo em evidência situou-se numa região castigada pelas adversidades do meio rural. Os personagens envolvidos na narrativa, em alguns momentos das etapas de desenvolvimento da sociedade, ficaram à margem do processo histórico nacional, uma vez que configurava um modelo de cidade interiorana, aos moldes das **Cidades Invisíveis**, de Ítalo Calvino.

Há de se ressaltar que, nas cidades interioranas do Estado do Piauí e, em especial, em Isaías Coelho, houve e continua a persistir um descaso por parte do poder político. Isso ficou tão evidente que, no princípio do processo educacional, culminou um modelo privado de se fazer educação em que comerciantes e fazendeiros avocaram o encargo de comando da educação local. Cerceando, no entanto, o direito à educação à maioria da população que morava na localidade Tamboril.

Ter feito enfoques relevantes sobre a sociedade e a educação de Isaías Coelho nas condições em que esses atores se encontravam inseridos, foi, sem sombra de dúvidas, uma experiência ímpar. Pois, a par das condições rurais, os mestres-escola e as professoras conseguiram manter, mesmo em precárias condições, o seu processo educacional.

Os dados colhidos em torno da sociedade isaiascoelhense levaram a conhecer a cultura desse povo e, bem como, entender melhor o seu processo educacional. Este capítulo da dissertação foi importante por vários motivos, pois além de ter fornecido subsídios da sua formação cultural mostrou o quanto esta sociedade ficou fora dos benefícios sociais dentre eles, o encontro tardio com o mundo da escrita.

Somente com a presença do primeiro mestre-escola, no ano de 1935, foi que houve o manuseio com a escrita. Notou-se que esse foi **o primeiro tipo de docente** a se estabelecer no povoado. E isso não foi em vão. Com a crescente demanda de crianças e jovens, no povoado, mais mestres-escola itinerantes estiveram em Isaías Coelho, contribuindo, assim, para que se pudesse ter hoje a solidificação do ensino primário público.

Dizer que os mestres-escola que por Isaías Coelho passaram representaram um grande atraso na educação seria, pois, cometer uma grande injustiça. Eles, sim, conseguiram com todas as adversidades locais implantar um modelo de identidade, conduta, moral e de ética na

educação local. Que fique bem claro, que tanto o **modelo mestre-escola flexível** quanto o **rígido** presentes na Dissertação foram responsáveis pelas primeiras práticas pedagógicas no povoado.

Com base nos relatos de ex-alunos dos mestres-escola notou-se que, sem eles, muitos que residiam no povoado e nas localidades próximas nunca iriam ter acesso à escrita. Visto assim, os mestres-escola conseguiram, mesmo durante um curto período de tempo, nas localidades onde foram contratados, atingir os seus objetivos no tocante ao ensino da leitura, escrita e dos cálculos matemáticos.

Notou-se, durante a pesquisa, que os ensinamentos repassados pelos mestres-escola ajudaram aos alunos do povoado não só no sentido de aprenderem as vogais, consoantes e a tabuada de forma desconectada de um contexto, ao contrário, nas várias passagens das entrevistas os ex-alunos disseram que muitos aprendiam a escrever com desenvoltura para os familiares em outras cidades. Além disso, estes homens-escola, com os minguados conhecimentos do ofício conseguiram formar um modelo de professor local, contribuindo, assim, para a ampliação da cultura desse povo.

Outro tipo de docente que contribuiu para a educação local foram **as professoras leigas**. Estas não tinham o caráter itinerante dos mestres-escola. Surgiram com a casa-escola e, em seguida, o salão-escola, com as denominações de Escola Isolada de Tamboril e Escola Reunida de Tamboril. O modelo educacional diferia dos alpendres, das práticas educativas debaixo das árvores e, passava-se com isso, a uma forma mais democratizada do ensino. Tinham-se horários definidos, normas disciplinares diferentes dos aplicados pelo modelo mestre-escola paradigmático, fardamento. Inaugurou-se um modelo público de ensino.

O último tipo de docente veio com o surgimento do Grupo Escolar Daniel Gomes e, com ele, **a presença da professora normalista** e a consolidação do ensino público primário, com estrutura própria para funcionar como uma repartição pública. Surgiu, assim, um modelo adequado para se trabalhar as práticas pedagógicas conforme as diretrizes traçadas pelas políticas públicas da época.

A pesquisa foi se costurando tal qual uma colcha de retalhos. Avançando no sentido de não só mapear aspectos sócio-político-econômicos da sociedade e de seu processo educacional isaiascoelhense, mas, sobretudo, mostrar os vazios, os inacabados, os espaços improvisados, o descaso, um tempo que somente a memória coletiva foi capaz de resgatar, haja vista que não se tinha muita documentação para que se pudesse fazer o registro de uma outra forma.

Percebeu-se, durante a pesquisa, que os relatos feitos em entrevistas com ex-alunos e ex-professores nos possibilitaram enxergar, nos pormenores, as deficiências e as lacunas impreenchíveis que os espaços onde eram realizadas as práticas educativas ficaram por ser feitas. Mas, o fato é que as respostas para as diversas indagações, durante o desenvolver da pesquisa, foram encontradas.

Perguntas latentes como por que a demora em se ter um ensino primário público em Isaiás Coelho? Por que tanta dificuldade em se encontrar professores para o exercício do magistério nesta cidade? De que maneira formou-se a identidade cultural do homem isaiascoelhense? Que tipo de material didático supria as necessidades dos professores? Que tipo de cultura escolar foi desenvolvida em cada etapa do processo educacional de Isaiás Coelho? Foram feitas em toda a pesquisa de campo, obtendo-se respostas suficientes.

Em nenhum momento da Dissertação quis trazer uma realidade extática. Ao contrário, os relatos obtidos durante os meses de pesquisa tiveram um propósito, chegar a uma **(re)interpretação da realidade social e educacional** da cidade e, com isso, fazer com que se entenda e compreenda o quanto foi difícil solidificar o ensino público.

E foi com este propósito que foi historiada a educação isaiascoelhense. Para tanto, foi feito um cruzamento de todos os discursos de ex-alunos, ex-professores e pessoas da comunidade para que se pudesse chegar ao retrato da realidade que estiveram inseridos.

Assim, com a realização desta pesquisa, espera-se ter contribuído para a ampliação dos dados referentes ao **mapeamento da História da Educação do Piauí**, bem como ter trazido suportes coletados através da memória coletiva das pessoas da comunidade, que vivenciaram a época de evidência dos mestres-escola, da Escola Isolada de Tamboril, da Escola Reunida de Tamboril e do Grupo Escolar Daniel Gomes. Fazendo, assim, com que se tenha um material de apoio para outras pesquisas em torno de objetos de estudos similares e, também, servir como fonte de pesquisa em áreas afins.

REFERÊNCIAS

I. Bibliografia consultada:

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores**. Porto Alegre: 2001. (Dissertação de Mestrado em Educação).

ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **Elite colonial piauiense: famílias e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRITO, Buggyja. **Narrativas autobiográficas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: 1977.

BRZEZINSKI, Iria. **A formação do professor para o início de escolarização**. Goiânia: UCG/SE, 1987.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira de. **Família Coelho Rodrigues: Passado e presente**. Edições IOCE/Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

CASTELO BRANCO, R.P. **A civilização do couro**. Teresina: COMEPI, 1942.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 9. ed. São Paulo: Global, 1985.

CORREIA, Viriato. **Cazuza** – Viriato Corrêa. 32. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DOMINGUES, Joelza Ester. **História: o Brasil em foco**. São Paulo: FTD, 1996.

FALCI, Miridan Britto Knox. **A criança na província do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras/CEDHAL, 1991.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918)**. Fortaleza: 1996. (Tese de Doutorado em Educação).

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “A palmatória era a sua vara de condão”: práticas escolares na Paraíba (1890-1920). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Modos de ler/formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

IBIAPINA, Fontes. **O casório da Pafunça**. [s.d]

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados. n. 1, jan/jun de 2001.

LEAL, Barnabé Borges. **Minha juventude** – memórias. Picos: 1989.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOIOLA SOUSA, Francisco das Chagas de. **A trajetória de uma profissão: da casa da professora à escola urbanizada**. Fortaleza: 2001. (Dissertação de Mestrado em Educação).

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908-1930)**. Fortaleza: 2001. (Tese de Doutorado em Educação).

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica (1900-1930)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MAGALDI, Cássia Regina Carvalho de. Entre o pensar e o fazer arquitetura em Salvador. In: FENELLON, Déa Ribeiro (org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d'água, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Cláudio. **Os primórdios de nossa história**. 1983.

MOURA, José Mendes de Sousa. **Simplicio Mendes: História e notáveis**. Teresina: Edição do autor, 2001.

MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa entre a capela e o calundu”. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. N. 5. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2002.

NÓVOA, Antônio. **Do mestre-escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XVI-XX)**. Lisboa: Instituto Superior de Educação Física, 1987.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**. n 27. set/out/nov/dez de 2004.

PEREIRA, A. Sampaio. **Velhas escolas – grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. **Revista de Estudos Históricos**. v. 2. n. 3. Rio de Janeiro: 1989.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

REGO, José Lins do. **Meus verdes anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 30. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Ética**. Trad. João Dell’Anna. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDUSF/Universidade de São Francisco, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. (Org.) Dermeval Saviani at all. In: **O legado educacional do século XX no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

_____. **O direito à educação: lutas populares pela educação em Campinas**. São Paulo: Unicamp, 1998.

_____. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. n. 5. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2002.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

II. Fontes orais:

CARVALHO, Messias Rodrigues. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Isaías Coelho: 30 de agosto de 2005.

MARQUES, Maria Delzuita Andrade de Sousa. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Isaías Coelho: 30 de agosto de 2005.

PINHEIRO, Aldenôra Feitosa da Rocha. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos: 05 de setembro de 2005.

PINHEIRO, Braz. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos: 09 de setembro de 2005.

PORTELA, Albanízia Santana. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos: 19 de dezembro de 2005.

PINHEIRO, Helena. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos: 10 de julho de 2005.

REIS, Iolanda. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos: 12 de julho de 2005.

ROCHA, Joaquim Pereira da. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Isaías Coelho: 30 de agosto de 2005.

III. Fontes documentais

ISAÍAS COELHO. Livro de Registro de Matrícula da Escola Isolada de Tamboril (1947-1970). Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes.

ISAÍAS COELHO. Livro de Registro de Frequência Diária da Escola Isolada de Tamboril. De 1953. Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes.

ISAÍAS COELHO. Livro de Registro de Ponto do Pessoal de 1970. Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes.

ISAÍAS COELHO. Livro de Prestação de Contas do Grupo Escolar Daniel Gomes de 1970. Arquivo do Grupo Escolar Daniel Gomes.

TERESINA. Portaria nº X – 517 nomeando a professora Maria Delzuita Andrade de Sousa Marques para assumir a Escola Isolada de Tamboril no ano de 1953. Arquivo particular.

ANEXOS